



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

ISADORA SIPP VALLE

“FOME DE PESQUISADOR”: O ARTIGO CIENTÍFICO COMO SISTEMA DE VERDADE  
SOBRE A EPIDEMIA DE VÍRUS ZIKA EM RECIFE/PE

Brasília  
2023

ISADORA SIPP VALLE

“FOME DE PESQUISADOR”: O ARTIGO CIENTÍFICO COMO SISTEMA DE VERDADE  
SOBRE A EPIDEMIA DE VÍRUS ZIKA EM RECIFE/PE

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Banca Examinadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Soraya Resende Fleischer (orientadora)

Departamento de Antropologia - UnB

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Monique Pyrrho

Centro Internacional de Bioética e Humanidades - UnB

Ana Paula Jacob

Doutoranda (PPGAS - UnB)

Brasília

2023

*Bebida é água  
Comida é pasto  
Você tem sede de quê?  
Você tem fome de quê?  
A gente não quer só comida  
A gente quer comida  
Diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída  
Para qualquer parte  
A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer  
Bebida é água  
Comida é pasto  
Você tem sede de quê? (de quê?)  
Você tem fome de quê? (de quê?)  
A gente não quer só comer  
A gente quer comer  
E quer fazer amor  
A gente não quer só comer  
A gente quer prazer  
Pra aliviar a dor  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
E felicidade  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer inteiro  
E não pela metade (TITÃS, 1987)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Sandra, e ao meu pai, Ricardo. A importância que vocês sempre deram para o meu processo de formação foi o que me possibilitou estar aqui, hoje. Agradeço, mãe, por você sempre ter sido uma grande inspiração de dedicação, persistência e busca pela autonomia. Certamente, se agora estou concluindo essa etapa, muito se deve aos valores que você compartilhou comigo ao longo da vida. Pai, agradeço por toda a dedicação de tempo, cuidado e atenção. Agradeço aos meus irmãos que, mesmo com a distância física, em diversos momentos valorizaram minhas conquistas. E às minhas tias maternas, seis mulheres que, assim como minha mãe, são pura inspiração de trabalho duro e superação.

Agradeço muito à equipe de pesquisa das Ciências do Zika pelo crescimento que eu pude experienciar junto com vocês. Mariana Petruceli, Thais Valim, Ana Paula Jacob, Laura Coutinho, Caroline Franklin, Isabella Barbosa, Irene do Planalto, obrigada, meninas! Trabalhar coletivamente ao lado de todas vocês trouxe para mim muitos ensinamentos valiosos. Agradeço também à equipe de orientação coletiva que, no último semestre como graduanda em Ciências Sociais, frequentei compartilhando capítulos deste trabalho de conclusão e lendo capítulos e outros textos de colegas. Amanda Santos, Luiza Rosa, Rafael Mesquita, João Paulo Siqueira, Camila Anselmo, Beatriz Brasil, Giovana Fecchina e Clarissa Cavalcanti, obrigada pela parceria, pessoal!

À Profa. Soraya Fleischer, pela confiança estabelecida, por tantos ensinamentos sobre como conduzir um trabalho de campo, sobre a importância de escrever diários de campo detalhados, sobre como escrever um texto autoral. Sempre irei me recordar dessas e incontáveis outras experiências de aprendizado com muito carinho.

Ao Marcos Duarte, pessoa tão especial na minha vida que me apoia imensamente, me impulsiona, estimula e incentiva a seguir em frente e a perseguir os meus objetivos com foco. É um enorme privilégio compartilhar essa caminhada com você, e essa conquista da monografia em especial.

Grata a todas/os as/os interlocutoras/es de pesquisa que aceitaram dialogar comigo e com a equipe da qual faço parte. Sem a abertura de vocês à troca interdisciplinar, isso não seria possível.

Agradeço à Rede Antropo-Covid, à FADE/UFPE e à FAP/DF, que financiaram os trabalhos de campo de setembro de 2022 e maio/junho de 2023, respectivamente. Grata a todas as servidoras do Instituto de Ciências Sociais da UnB por cuidarem de nosso espaço de estudo e de crescimento profissional e pessoal.

## RESUMO

A emergência de saúde pública do vírus Zika, iniciada no ano de 2015 na região Nordeste do Brasil, teve seu epicentro em Recife/PE. Na capital pernambucana, a configuração deste evento complexo não só acionou a atenção da mídia, de profissionais da saúde e da população em geral, mas também culminou numa acentuada mobilização científica de diversas áreas do conhecimento. As ciências biomédicas foram encarregadas de dar respostas à comunidade científica internacional que explicassem o crescimento exponencial e abrupto do número de crianças nascidas com microcefalia. Por outro lado, as ciências sociais acompanharam mães, cuidadoras e crianças afetadas por aquilo que, mais tarde, se entendeu enquanto a Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ), uma condição grave e de espectro mais amplo que a microcefalia causada pela transmissão vertical (da gestante para o feto) do vírus Zika. O presente trabalho tem como objetivo focar em uma das faces desta resposta científica, que é a escrita e publicação de artigos. Para cumprir esta tarefa, são acionados referenciais teóricos dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, bem como da crítica textual das ciências sociais. Por meio de pesquisa antropológica e etnográfica, são apresentados e analisados relatos de cientistas que atuaram a partir da epidemia e trechos de seus artigos científicos publicados. Estes procedimentos revelam a comunicação de resultados da ciência enquanto uma atividade que, no decorrer da emergência sanitária em Recife, foi atravessada por aspectos como: trabalho coletivo em grupos de pesquisa; publicação acelerada em tempos de urgência; parcerias internacionais e acesso a financiamentos; definição de revistas para divulgação de resultados; racionalidades biomédicas pouco evidentes nos escritos e engajamentos políticos com associações de mães de Zika.

**Palavras-chave: publicação, artigo científico, Zika, antropologia, emergência.**

## ABSTRACT

The Zika virus public health emergency, which began in 2015 in the Northeast of Brazil, had its epicenter in Recife/PE. In the capital of Pernambuco, the configuration of this complex event not only activated the attention of the media, health professionals and the population in general, but also resulted in a marked scientific mobilization of various areas of knowledge. The biomedical sciences were tasked with providing answers to the international scientific community with the aim to explain the exponential and abrupt growth in the number of children born with microcephaly. On the other hand, the social sciences accompanied mothers, caregivers and children affected by what was later understood to be Congenital Zika Virus Syndrome (CZS), a serious condition with a broader spectrum than microcephaly caused by the vertical transmission (from pregnant woman to fetus) of the Zika virus. The aim of this work is to focus on one aspect of this scientific response, which is the writing and publication of articles. To accomplish this task, it uses theoretical references from the social studies of science and technology, as well as textual criticism in the social sciences. Anthropological and ethnographic research is used to present and analyze the accounts of scientists who worked during the epidemic and excerpts from their published scientific articles. These procedures reveal the communication of scientific results as an activity that, during the health emergency in Recife, was affected by aspects such as: collective work in research groups; accelerated publication in times of urgency; international partnerships and access to funding; definition of journals for the dissemination of results; biomedical rationalities that were not very evident in the writings and political engagements with associations of mothers of Zika.

**Keywords: publication, scientific article, Zika, anthropology, emergency.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACT - Antropologia da Ciência e da Tecnologia

AMAR - Aliança de Mães e Famílias Raras

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CT - Ciência e Tecnologia

DAM - Departamento de Antropologia e Museologia (UFPE)

DECIT - Departamento de Ciência e Tecnologia

ESOCITE-BR - Associação Brasileira dos Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias

FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco

FADE - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento

FAGES - Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade

FAP/DF - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

FCE - Faculdade de Ceilândia (UnB)

FNDPSCZV - Frente Nacional por Direitos da Pessoa com Síndrome Congênita do Zika Vírus

HUOC - Hospital Universitário Oswaldo Cruz

IMIP - Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira

LSHTM - *London School of Hygiene and Tropical Medicine*

MERG - *Microcephaly Emergency Research Group*

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

OPAS - Organização Panamericana de Saúde



REACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia

RMR - Região Metropolitana de Recife

SCVZ - Síndrome Congênita do Vírus Zika

SEMUNI - Semana Universitária (UnB)

SES/PE - Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UMA - União de Mães de Anjos

UNB - Universidade de Brasília

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UPE - Universidade de Pernambuco

VZ - Vírus Zika

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
I. “Fome de pesquisador”.....	13
II. Campo - Setembro de 2022.....	17
III. Eventos acadêmicos, atividades formativas e a série “Ciências do Zika”.....	19
IV. Campo - Maio e junho de 2023.....	22
V. Um dilema ético da pesquisa: (des)anonimização.....	26
VI. Como esta dissertação está organizada.....	28
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>30</b>
<b>O artigo científico como tema de investigação.....</b>	<b>30</b>
1.1 Inscrição literária: a transformação de matéria em escrita.....	30
1.2 O construtivismo de Knorr-Cetina: o artigo científico como um problema de fabricação.....	34
1.3 Produções textuais enquanto “sistemas/economias de verdade”.....	38
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>43</b>
<b>Equipes, autorias, financiamentos e práticas de pesquisa.....</b>	<b>43</b>
Notas Etnográficas.....	43
2.1 O trabalho em equipe no MERG.....	47
2.1.2 “A gente tem uma espécie de núcleo duro”.....	48
2.1.3 “Os artigos dos alunos da pós-graduação”: especialidades médicas acionadas.....	52
2.1.4 Parcerias internacionais e consórcios de pesquisa.....	55
2.2 Economia científica global e políticas de Ciência e Tecnologia no FAGES.....	58
2.2.1 A organização da equipe e seus dois Eixos.....	60
2.2.2 Verbos e práticas de pesquisa.....	62
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>66</b>
<b>Tempos, engajamentos, revistas e idiomas.....</b>	<b>66</b>
3.1 Os tempos de publicação e a antropologia aplicada do FAGES.....	66
3.2 O tempo da resposta à emergência de saúde pública.....	75
3.2.1 Uma publicação menos usual.....	76
3.2.2 Mercantilização da ciência e circulação cognitiva.....	82
3.2.3 Publicação em língua inglesa: uma tentativa (não inofensiva) de contornar a “ignorância sistemática” da academia anglo-saxã.....	86
<b>Experimentações textuais: Quando um texto “vai para o mundo”.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

*“Era uma investigação muito esmiuçada e, de certa forma, essa angústia que pairava é porque todo mundo queria saber o que é que causou aquilo. Todo mundo estava perguntando e ninguém estava dando resposta. E elas [as mães de crianças com SCVZ] estavam vivendo essa situação há quase um ano. Elas estavam muito cansadas e, ao mesmo tempo, já esperavam um tipo de pesquisa desse porte. Quer dizer, pesquisador para elas é quem vem fazer pergunta e não oferecer qualquer resposta.”*

*Sandra Oliveira<sup>1</sup>.*

A ciência moderna constitui um conjunto de conhecimentos que se move a partir de novidades. O lugar do “não saber”, do “desconhecido” funciona como um motor que impulsiona os cientistas a se associarem entre si, a investirem horas de suas vidas em laboratórios, no levantamento e análise de dados, na elaboração de escritos, na discussão de teorias, técnicas e métodos de pesquisa. Estejam esses cientistas interessados em relatos e histórias ou em amostras biológicas; amparados por cadernos de campo, microscópios ou questionários, o fenômeno inédito é algo que chama as atenções para que novos estudos sejam feitos e para que novos achados científicos sejam anunciados.

Quando o ineditismo se aplica ao caso das epidemias, o assunto adquire contornos específicos, pois passa a envolver aquilo que é do domínio da saúde, da doença e da emergência, mobilizando grupos, regionalidades, saberes e práticas que se localizam no tempo e no espaço, a depender de quem é afetado. O caso da epidemia de Zika vírus, ocorrida sobretudo na região Nordeste do Brasil entre os anos de 2015 e 2017, é central nesse trabalho e se enquadra como um caso de ineditismo que ocasionou um estado de emergência primeiramente regional, passando a ser nacional e depois internacional (DINIZ, 2016). O aumento vertiginoso de nascimentos de crianças com microcefalia e outros sérios agravos neurológicos movimentou fortemente o universo da produção científica: um exemplo disso, somente se tratando do âmbito nacional, é o edital para o Combate ao Zika lançado à época pelo Departamento de Ciência e Tecnologia (DECIT), do Ministério da Saúde. Nele, foram financiados cerca de 70 projetos de pesquisa de diferentes áreas (LIRA e PRADO, 2020). Associada a fatores ambientais e de saneamento, a

---

<sup>1</sup> Aqui foi utilizado um pseudônimo com o objetivo de preservar a identidade da interlocutora.

epidemia da nova Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ) teve um forte traço social, já que as gestantes infectadas eram, em sua maioria, moradoras de regiões periféricas das grandes cidades brasileiras. O mesmo foi encontrado onde fiz minha pesquisa para este Trabalho de Conclusão de Curso, isto é, a Região Metropolitana de Recife, onde viviam mulheres negras, vulnerabilizadas historicamente, e que agora eram mães de crianças atingidas pela epidemia do Zika vírus e com múltiplas deficiências.

Como as principais cuidadoras desses bebês afetados, as mães foram insistentemente interpeladas pela ciência, o que configurou um cenário delicado e complexo. Soraya Fleischer (2022), em artigo recente, propõe refletir sobre como estas cuidadoras, moradoras de Recife, se relacionaram com a ciência – e a construíram conjuntamente com os pesquisadores. A autora traz três principais queixas em relação à ciência que foram tecidas por parte de quem a recebeu na própria pele: a primeira é referente ao ciclo reprodutivo, momento em que mulheres gestantes e puérperas tiveram que lidar com prognósticos que pareciam estipular um “prazo de validade” às crianças; a segunda queixa é referente à falta de diagnóstico, materializada por explicações já conhecidas não oferecidas e pelo uso de jargão biomédico despreocupado em gerar entendimento por parte das pacientes; a terceira queixa se deve ao fato de que os resultados de exames de imagem, de sangue, laudos atestando a SCVZ não foram devolvidos, documentos que, nas mãos das cuidadoras, poderiam se reverter em acesso a especialistas, direitos e benefícios sociais. Com isso, não pretendo fazer uma generalização sobre a forma como a relação entre cientistas e cuidadoras se deu na epidemia de Zika em Recife. O próprio artigo de Fleischer (*ibidem*), assim como outros trabalhos que analisaram este contexto de interação em Recife, aponta que ocorreram negociações e reciprocidades. O que busco, no entanto, é esmiuçar as complexas camadas de interação que ocorreram no contexto aqui pensado.

A ciência, muitas vezes, também estava comprometida em melhorar os tratamentos, terapêuticos, e aliviar o sofrimento das crianças. Mas também era atravessada pela competitividade entre pesquisadores e pela corrida para produção de resultados. Diante disso e do progressivo apagamento da discussão em torno da Zika – gerado também pelo surgimento, nos anos seguintes, da Covid-19 como a nova emergência sanitária –, é válido e relevante que pensemos em algumas questões relativas às epistemologias, tarefa para a qual me inspiro no dossiê organizado por Fleischer, Segata e Reis-Castro (2020). Quais foram os impactos da

epidemia de Zika para a produção de conhecimento científico e para os cientistas que se envolveram? Quem são esses cientistas e quais são suas especialidades? Quais pesquisas eles produziram e a partir de quais escolhas metodológicas? Como se relacionaram com os sujeitos pesquisados? Que resultados publicaram?

A partir destas perguntas, é pensado o tema específico deste TCC: a escrita e a publicação de artigos científicos a partir da epidemia de vírus Zika em Recife/PE. O artigo científico constitui um produto da ciência marcado pela capacidade de validação do conhecimento, uma vez que ele funciona como um informe de que uma investigação aconteceu. No entanto, enquanto peça final, ele deixa em suas entrelinhas elementos menos evidentes sobre a processualidade da produção do conhecimento. Neste TCC, serão discutidos alguns destes elementos menos evidentes, como a definição de autoria nos artigos, a escolha de revistas para publicá-los, como o tempo emergencial da epidemia afetou os processos de escrita e publicação destes artigos, como parcerias internacionais incidiram sobre estes processos e como as tarefas foram divididas em grupos de pesquisa para que as publicações fossem realizadas.

Além da definição do tema específico deste trabalho, é a partir das perguntas acima colocadas que, no ano de 2022, tem início o projeto de pesquisa *Uma antropologia da ciência do vírus Zika: resultados, retornos e epistemologias*<sup>2</sup>, que abrevio aqui como *Ciências do Zika*, coordenado por Soraya Fleischer, professora do Departamento de Antropologia da UnB, e por Thais Valim, doutoranda neste mesmo departamento. O projeto segue uma metodologia de trabalho já empregada anteriormente, marcada pela pesquisa coletiva e pela reunião de estudantes em diversas etapas de formação. Posso dizer com segurança que, como graduanda, essa experiência de troca com estudantes da pós-graduação foi inspiradora e central para que eu pudesse desenvolver perspectivas de futuro com a minha área de estudo. Nas seções que se seguem, conto um pouco sobre minha chegada ao grupo de pesquisa e descrevo algumas das atividades que considero terem sido marcantes tanto para a escrita deste trabalho, quanto para minha trajetória acadêmica. É importante destacar que a leitora perceberá uma flutuação pronominal entre eu/nós neste TCC. Esta é uma escolha proposital e consciente, devido ao fato

---

<sup>2</sup> Ele surge como desdobramento do projeto *Zika e microcefalia: Um estudo antropológico sobre os impactos dos diagnósticos e prognósticos das malformações fetais no cotidiano de mulheres e suas famílias em Pernambuco*, que foi coordenado por Soraya Fleischer e Rosamaria Carneiro, entre os anos de 2016 e 2019. Ambos os projetos obtiveram aval ético do CEP CHS/UnB com os respectivos CAAs: 54910022.4.0000.5540; 60509116.0.0000.5540.

de que a pesquisa que o originou é coletiva, no entanto, em alguns momentos, eu opto por me projetar mais individualmente enquanto autora de certas reflexões.

## **I. “Fome de pesquisador”**

Em fevereiro de 2022, eu estava matriculada na disciplina de Antropologia da Saúde que, à época, estava sendo ofertada remotamente pela professora Soraya Fleischer. Nessa época, no Distrito Federal, estávamos ainda vivendo o isolamento social devido à pandemia de Covid-19, mas num período de menos alarde do que aquele dos primeiros dois anos de emergência sanitária. As aulas de Soraya desde o início me agradaram e eu já tinha conhecimento prévio que ela coordenava projetos de pesquisa relacionados à epidemia de Zika vírus ocorrida em Recife. Vi ali uma oportunidade para ampliar minha trajetória acadêmica para além da sala de aula e me envolver em atividades que agregassem experiência e conhecimento. Foi aí que, em meados de fevereiro, ao final de uma aula, manifestei para Soraya meu interesse em me aproximar do grupo de pesquisa e fui muito bem recebida, sendo informada de que eu logo receberia um e-mail de boas vindas escrito por Thais Valim, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília e uma das co-coordenadora da equipe.

O e-mail que recebi apresentou algumas instruções seguidas de um cronograma para as primeiras atividades que eu participaria naquele semestre como integrante da equipe que, naquele momento de minha entrada, já contava com cinco estudantes em diferentes etapas de formação<sup>3</sup>. Entre fevereiro e maio, passei por um letramento inicial nos assuntos da antropologia da ciência, saúde e Zika, lendo artigos de autores nacionais e internacionais, assim como algumas das entrevistas que haviam sido realizadas ainda em 2018<sup>4</sup> com cientistas de Recife que participaram da resposta científica à epidemia de Zika vírus. Essa leitura de diferentes gêneros textuais foi uma oportunidade de familiarização tanto com uma parte bibliográfica e teórica desses assuntos – através dos artigos lidos –, como também com uma parte empírica, de uma antropologia em construção – através das entrevistas transcritas realizadas com os pesquisadores de Recife. Foi então que, lendo uma entrevista feita com Regina Santos, uma pesquisadora que acompanhou crianças com SCVZ, me deparei com a expressão “fome de pesquisador”:

---

<sup>3</sup> Deixo aqui meus agradecimentos a Ana Paula Jacob, Thais Valim, Tomas Kierszenowicz, Mariana Simões e Mariana Petruceli pelas trocas.

<sup>4</sup> Em 2018, a equipe do projeto *Zika e microcefalia* conduziu as primeiras entrevistas com cientistas em Recife.

Acho que vocês da antropologia podem dizer/alcançar muito mais, o que é isso. O que é essa **fome do pesquisador**, que ele precisa estar nas revistas. Ele precisa ser das revistas de grande impacto, e, o que é pior, em cima de uma classe que é totalmente desfavorecida. [...] Porque a mãe não tem uma condição de entendimento das coisas, ela sofre com o dia a dia do filho. E, por outro lado, ela **alimentou** pesquisas que tão no topo que nunca vão chegar pra ela. Então, é muito injusto e a gente começa a entender porque que a mãe não gosta desse termo. (Regina Santos, grifo meu).

A fala de Regina Santos se deu num momento em que ela relatou sobre as múltiplas recusas de participação em pesquisas que as mães de micro passaram a fazer como forma de protegerem a si e a suas crianças do que elas acreditavam ser pesquisas que coletavam dados, mas que não as ajudavam a melhorar as condições de entendimento da síndrome e de cuidados com seus bebês. Li essa entrevista de Regina em casa, ainda em isolamento social da Covid-19, me preparando para uma das reuniões quinzenais da equipe naquele início de 2022. A expressão destacada me gerou surpresa, estranhamento e curiosidade. Compartilhei essas percepções com minhas colegas no momento de nossa reunião remota e Soraya sugeriu-me que eu guardasse essa expressão para pensá-la ao longo do tempo. Acatando a indicação, escrevi “fome de pesquisador” num caderno onde esboçava minhas primeiras impressões durante aquele letramento inicial que vivi, ainda sem imaginar que a expressão me acompanharia até o presente momento de escrita do TCC.

Oscar Calavia Sáez, em seu livro *Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de métodos, técnicas e teses em Antropologia* (2013), suscita a imaginação da leitora ao escrever sobre as metáforas culinárias na pesquisa antropológica. Ele sugere uma diversidade de modelos culinários na produção teórica, como “cozinha de extratos”, “cozinha internacional”, “cozinha étnica”, “cozinha ética”, “*nouvelle cuisine*”, “novíssima cozinha” e “cozinha caseira”. A cena do cozinheiro, no mercado ou na feira, escolhendo cuidadosamente seus ingredientes se assemelha àquela do etnógrafo que, em campo, afere seus dados e suas teorias etnográficas (ibidem: p. 67). Os diferentes modelos culinários perseguem ideais diversos e acionam técnicas específicas: por vezes, alguns querem sabores mais intensos de carnes, temperos e iguarias para diversificar o cardápio; já outros buscam ser nutritivos e aceitos por todos; vemos também aqueles que apelam à saúde mais do que ao paladar e exploram sabores, texturas e aromas vegetais. Em suma, vale fixar que as pesquisas possuem “regimes alimentares” (ibidem: p. 69) diversos e é interessante notar como estas metáforas também estão presentes na fala de Regina. Como ela elaborou, a expressão “fome de pesquisador” estava diretamente ligada ao tema da publicação de artigos em

revistas de alto fator de impacto, isto é, os periódicos de alto prestígio internacional, que têm o inglês como principal língua e mantêm critérios rigorosos de aceitação dos trabalhos submetidos. A partir disso, poderemos refletir, nos capítulos 2 e 3, sobre quais foram os “modelos culinários” perseguidos pelos pesquisadores de Recife, quais técnicas e ingredientes eles utilizaram para preparar seus produtos e quais fomes foram saciadas com isso.

Após terminarmos o semestre de atividades da equipe, no fim de maio, duas integrantes da equipe viajaram para Recife para a primeira temporada oficial de trabalho de campo do nosso projeto. Minhas colegas Mariana Petruceli e Thais Valim passaram em torno de 15 dias na capital pernambucana conduzindo entrevistas e conhecendo hospitais e clínicas de referência locais. De Brasília, acompanhei, via troca de mensagens e imagens por *WhatsApp*, as etapas dia após dia vencidas pelas minhas colegas. Conforme as entrevistas eram feitas por Mariana e Thais em Recife, eu e outras colegas graduandas logo recebíamos os áudios através de uma pasta online compartilhada para fazermos as respectivas transcrições. Na época, fiquei encarregada de duas entrevistas e uma delas, em particular, me ajudou mais diretamente a pensar “fome de pesquisador”. Mostrando sua experiência como aluno de medicina que pesquisou Zika no epicentro dessa epidemia, um interlocutor da pesquisa discorreu sobre a metodologia de acesso aos dados, diálogos para definição de autoria de produtos da pesquisa e divisão de tarefas na equipe. Através da leitura de sua entrevista, percebi que havia uma ênfase no aspecto emergencial e desconhecido para explicar a rapidez com a qual artigos eram escritos, submetidos a revistas, revisados e publicados.

Participar das transcrições foi um trabalho “braçal” que envolveu esforços e do qual bons aprendizados foram tirados, pois escutar os entrevistados e lentamente transcrever suas falas me permitiu não só entender melhor como foram as experiências de profissionais de saúde e pesquisadores no tempo da epidemia, mas também iniciar um mapeamento de nomes de instituições e grupos de pesquisa envolvidos. Vale pontuar ainda que os áudios constituem um tipo de material do qual se obtém um conhecimento específico, pois neles nós conseguimos notar entonações de voz, sotaques, perguntas que geraram reações como surpresa, reflexividade ou que, por exemplo, evocaram memórias do interlocutor. Todos esses elementos permitem um tipo de apreensão do conteúdo das falas que estão além dos limites que nossa visão pode apreender ao lermos uma entrevista transcrita, sem escutar as vozes e trejeitos que a originaram. Esse esquema



de transcrições simultâneas ao campo se repete em cada viagem realizada pela equipe de modo a garantir agilidade na transformação dos áudios em texto – apesar de, individualmente, o trabalho ser manual e, de certo modo, lento, a divisão das tarefas entre a equipe dá celeridade ao processo. Consequentemente, esse passo a passo das etapas de pesquisa de campo beneficia a todas as integrantes do grupo que, dispondo rapidamente das entrevistas transcritas, logo podem se debruçar na leitura e análise dos dados construídos.

Um pouco depois de minha entrada na equipe, Isabella Barbosa, outra colega de graduação, também se aproximou de nossa pesquisa. Em meados de 2022, numa das reuniões do primeiro semestre letivo presencial após a pandemia de Covid-19, nós duas recebemos convites para participar da segunda temporada em campo e essa foi uma proposta animadora que me envolveu com mais vontade no projeto. Daquele momento até setembro, o mês em que viajamos para Recife acompanhadas de Soraya e Thais, realizei diversas tarefas de preparação para o trabalho de campo. Nesse mesmo período, mais uma colega de graduação, Laura Coutinho, passou a integrar a equipe. Na pasta online compartilhada, fiquei encarregada de preencher uma parte do que apelidamos de “Tabela de Lattes”, uma tabela com dados extraídos da Plataforma Lattes que sistematiza as principais informações dos cientistas e nos ajuda a localizá-los institucionalmente. Esta tabela pode ser encontrada no Anexo 1. Ali, a partir de um recorte relacionado ao Zika, conseguíamos visualizar dados relevantes como a trajetória de formação dos pesquisadores, quem os orientou, a quais projetos de pesquisa eles estavam vinculados e quais publicações tinham feito até então. Ter esses dados sistematizados foi central para que eu pudesse me familiarizar com os interlocutores de pesquisa e me preparar para dialogar com eles. Muitas das perguntas elaboradas para integrar os roteiros de entrevista tiveram inspiração em informações encontradas nos Lattes.

Através do preenchimento de um Formulário de Solicitação de Recursos, nossa equipe, vinculada à Rede de Pesquisas Antropo-Covid<sup>5</sup>, pleiteou e obteve apoio financeiro por meio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE/UFPE). Com as diárias e passagens garantidas, estávamos prontas para começar a

---

<sup>5</sup> Antropo-Covid é uma rede de pesquisadoras/es que, a partir das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, analisa a resposta à emergência sanitária de Covid-19. Aproveito para agradecer a esta rede, especialmente à Mônica Franch e Sônia Maluf, coordenadoras que autorizaram o apoio à nossa pesquisa. Estendo meus agradecimentos à FADE. Link da rede social: <<https://www.instagram.com/antropocovid/>>.

contatar nossos possíveis interlocutores de Recife a fim de informá-los de nosso projeto de pesquisa e convidá-los para participarem de entrevistas. Semanas antes de pegar o avião para Recife, conduzi, juntamente com Thais Valim e Isabella Barbosa, duas entrevistas remotas que me ajudaram na preparação para o campo. Elas ocorreram remotamente pois um dos interlocutores não estava em Recife e a outra não poderia nos encontrar presencialmente, devido a sua apertada agenda de trabalhos.

## **II. Campo - Setembro de 2022**

Em meu primeiro trabalho de campo, em setembro de 2022, aprendi a elaborar uma carta convite para entrevista, onde algumas informações foram importantes de serem incluídas: explicar quem indicou o nome da pessoa que eu estava contactando; fazer uma autoapresentação com nome da pesquisadora, do projeto e da instituição de origem; explicar sucintamente o objetivo da pesquisa; quando necessário, apresentar o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) e sempre pedir a assinatura do TCLE; estimar o tempo de duração da entrevista. Como forma de organizar o trabalho, foi montada uma tabela de comunicação com os interlocutores, onde atualizamos o *status* da troca de e-mails ou mensagens com eles. Na maior parte das vezes, nossa equipe priorizou contactar as pessoas via e-mail, no entanto, em alguns casos, o contato por *WhatsApp* – quando tínhamos acesso aos números de telefone – se mostrou uma estratégia mais rápida e eficiente.

Para este trabalho de campo, encarreguei-me de enviar mensagens no aplicativo para duas profissionais da saúde que, à época da epidemia, eram estudantes de graduação e faziam iniciação científica. Aquela já foi uma oportunidade de lidar com os “nãos” da pesquisa e com tentativas frustradas de remarcar entrevistas. De uma dessas interlocutoras, eu não recebi retorno algum, mesmo reforçando o convite quando cheguei em solo recifense. Com a outra interlocutora, consegui dialogar, apesar de alguma dificuldade para obter respostas. No entanto, quando nossa equipe já estava em campo, não conseguimos operacionalizar um encontro presencial com ela. A Região Metropolitana de Recife (RMR) abrange um território muito vasto e essa interlocutora trabalhava num hospital distante da parte central da cidade onde nossa equipe ficou hospedada. Apesar desses serem exemplos de tentativas que não se desdobraram como o esperado, desde o início fui orientada a interpretar esses casos como dados da pesquisa. Os “nãos” nos revelavam algo sobre a nossa pesquisa, um campo marcado pela presença de

interlocutores de difícil acesso sendo realizado numa metrópole onde as ruas, quase sempre abarrotadas de carros, dificultam os deslocamentos e encontros.

Acompanhada de Thais Valim, Isabella Barbosa e, mais tarde, Soraya Fleischer, fiquei pouco mais de uma semana hospedada no bairro da Encruzilhada<sup>6</sup>, localizado na Região Política Administrativa Norte de Recife. Foi uma semana marcada por um ritmo intenso que intercalava condução de entrevistas, estudo e melhoramento de roteiros, “seguir” (LATOUR, 1998) interlocutores e escrever diário de campo. Conforme avançamos no trabalho de campo, percebi com atenção a diversidade de espaços em que conduzimos entrevistas: um café num bairro central da cidade, uma clínica particular, uma capela num hospital privado, consultórios em hospitais públicos, em salas de um centro de pesquisa localizado numa universidade federal e até mesmo na casa de algumas interlocutoras que para lá nos convidaram.

Os cenários onde ocorriam as entrevistas não só nos deram pistas sobre o universo cultural que adentramos, mas influenciaram os nossos diálogos com interlocutores. Para ilustrar essa afirmação, recorro a um caso de uma entrevista que foi conduzida com um médico neurologista pediátrico em seu espaço de trabalho, um escritório localizado num importante hospital de referência de Recife. Até chegar em seu consultório, percorri um caminho com catracas e seguranças. Tive que apresentar documento de identificação e autorizar que a minha imagem fosse capturada por uma câmera para cadastrar a minha entrada nas dependências do hospital. Por outro lado, uma das entrevistas que nossa equipe conduziu com uma jovem fisioterapeuta ocorreu em um sábado pela manhã, num café de uma movimentada loja de utilidades num bairro central da cidade. Ali, nossa equipe não enfrentou barreiras e catracas para acessar o local, mas teve que lidar com as dificuldades de gravar uma entrevista que, vez ou outra, era interrompida por barulhos de máquinas de café expresso, talheres e louças sendo manuseados, bem como muitos diálogos ruidosos.

Apesar de ter como interlocutores principais os cientistas, pude conhecer também três “mães de micro”<sup>7</sup> e suas respectivas crianças afetadas pela SCVZ, o que só foi possível graças às relações de amizade que se formaram a partir da pesquisa anterior sobre Zika, da qual eu não

---

<sup>6</sup> Agradeço à Paula Viana, ativista feminista, enfermeira politizada, integrante do Grupo Curumin que hospedou nossa equipe tão bem em sua casa para que realizássemos esse trabalho de campo.

<sup>7</sup> Como ficaram usualmente conhecidas as mães de crianças com SCVZ.

participei, mas me beneficie. O objetivo de encontrá-las foi entregar-lhes exemplares do livro *Microhistórias para pensar macropolíticas* (FLEISCHER et al., 2021) como um resultado da pesquisa que vigorou entre 2016 e 2019. Em encontros rápidos, estivemos com elas em alguns serviços de assistência e de reabilitação, e nesses locais pude escutar um pouco dos dilemas enfrentados na busca por procedimentos cirúrgicos e exames para as crianças, questões relativas à alimentação delas e aspectos relacionados também à saúde das próprias mães. Sobre este último aspecto, Camargo e Lustosa (2020) nos mostram em artigo que as mães também tiveram sua saúde impactada diante das jornadas extensas de cuidados com seus filhos. Desde que um “intensivão científico” (FLEISCHER, 2023) – uma intensa mobilização da ciência para pesquisar a partir dos casos clínicos de crianças com malformações que apareciam nos serviços de saúde – afetou diretamente as famílias acometidas pela epidemia, diversos artigos publicados já mostraram os tensionamentos que atravessam as relações entre a ciência e as famílias, como pode-se ver, por exemplo, em Fleischer (2021) e em Lira e Prado (2020). De todo modo, considero que esses encontros para levar as devolutivas foram importantes para nutrir uma relação continuada e eticamente comprometida com aquelas que anteriormente contribuíram para a pesquisa. E me permitiram visualizar, mesmo que rapidamente, o público que recebeu a ciência de modo mais incisivo.

Apesar de ser um momento prazeroso, a escrita do diário de campo foi um desafio que eu enfrentei nesta primeira temporada em que estive em campo. Este desafio ocorreu devido ao momento do dia que reservei para escrevê-lo: normalmente, no turno da noite, o que condensou uma grande quantidade de lugares, diálogos, deslocamentos e reflexões que eu tinha conhecido ao longo do dia para ser elaborada em palavras nas poucas horas que tinha antes de descansar. A estratégia que adotei para driblar essa dificuldade foi gravar áudios com aquilo que considerei importante de não ser esquecido. Assim, nos últimos dias em Recife, pude retornar aos dias anteriores do diário de campo e complementar informações que estavam faltando.

### **III. Eventos acadêmicos, atividades formativas e a série “Ciências do Zika”**

Logo depois desta segunda temporada de trabalho de campo do projeto *Ciências do Zika*, tive a chance de acompanhar Soraya e Thais num evento da Rede Antropo-Covid, que ocorreu em João Pessoa, no campus da Universidade Federal da Paraíba. Ali, tive minhas experiências

iniciais com o universo dos eventos acadêmicos e encontrei diversas colegas<sup>8</sup> que integraram a equipe *Zika e microcefalia* ou que escreveram trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado sobre Zika, também tendo sido orientadas por Soraya. Participei dos três dias de evento como ouvinte e pude observar a dinâmica que guia um encontro como esse, desde as palestras de abertura até as apresentações individuais nos Grupos de Trabalho temáticos, as mostras fotográficas e o lançamento de livros. Mais tarde, compreendi também a importância desse tipo de evento para a circulação de textos em processo de escrita, onde o diálogo e a troca com pessoas de outras instituições e trajetórias profissionais/acadêmicas se mostrou essencial para “arejar” as ideias e ajudar no aperfeiçoamento de um texto.

No fim do ano de 2022, a UnB ainda estava colocando os semestres em dia devido ao atraso causado pela pandemia de Covid-19. Nesse período, Caroline Franklin, outra colega de graduação, também passou a compor a equipe de pesquisa. Em outubro, com o início do segundo semestre letivo do ano, me matriculei na primeira das três atividades tutoriais de TCC, Seminário de Pesquisa Antropológica. Mais duas atividades que poderiam contribuir para a escrita da monografia se somaram à minha participação regular no grupo de pesquisa: participei de um grupo de estudos sobre Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ACT) organizado por Thais Valim e Ana Paula Jacob e frequentei uma disciplina de tópicos especiais chamada *Lendo etnografias sobre biomedicina*, ofertada por Soraya. A escolha do meu tema de pesquisa para a monografia foi definida num dia após uma aula dessa disciplina quando, conversando com minha orientadora, recebi a sugestão de pensar nas práticas de escrita dos cientistas que pesquisaram Zika em Recife. Com esse recorte definido, revisões bibliográficas, etnografias e episódios de podcast do campo da saúde e ciência, lidos ou escutados e depois discutidos em grupo, foram alguns dos materiais que me ajudaram na elaboração de um projeto de pesquisa que apresentei como resultado dessa primeira atividade tutorial. No fim desse período letivo, já situada em fevereiro de 2023, participei do evento Terraço Caroá, ocorrido em Goiânia<sup>9</sup>, dessa vez, na modalidade de apresentação oral. Viajei com Soraya e Thais e ficamos hospedadas na casa de Suzane Alencar, professora de Antropologia da Universidade Federal de Goiânia e coordenadora do Núcleo de Pesquisa Caroá. Em três dias de evento, pudemos estreitar os laços entre as

---

<sup>8</sup> Ana Cláudia Knihs, Júlia Garcia e Raquel Lustosa, colegas às quais eu agradeço pela parceria durante o evento.

<sup>9</sup> Deixo agradecimentos ao Núcleo de Pesquisa Caroá, em especial a Suzane Alencar e Indira Caballero que nos convidaram e organizaram o evento.

antropologias da ciência regionais do Centro-Oeste. Particularmente para a minha trajetória acadêmica, o encontro foi uma oportunidade para eu ensaiar como funciona sistematizar os dados de uma pesquisa e apresentá-los em público.

Também no mês de fevereiro, de volta a Brasília, nosso grupo de pesquisa se reuniu para planejar as atividades do ano, já que havíamos recebido a notícia de nossa aprovação num edital da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF). A partir de então, me tornei bolsista de Iniciação Científica e, como um dos produtos de pesquisa esperados a partir dessa aprovação, começamos a elaborar uma série para o *podcast* de Antropologia Mundaréu<sup>10</sup>, intitulada *Ciências do Zika*. processo que contou com a consultoria de *podcast* de Irene do Planalto, colega de graduação que foi a anfitriã da série. Estes esforços resultaram em um *teaser* e sete episódios. Os episódios seguem o formato de diálogo entre a anfitriã e uma integrante da equipe da pesquisa que integro, e tratam de temas que atravessaram a produção de conhecimento científico em Recife a partir da epidemia de vírus Zika, como mulheres na ciência, o entrelaçamento entre assistência em saúde e pesquisa científica, a formação de pesquisadores e a ideia de ciência responsável.

A seguir, discorro sobre algumas etapas de produção que venci nesse processo de construção da série. Trabalhei na decantação do material empírico de nossa pesquisa de campo, selecionando trechos de entrevistas contendo histórias significativas para o tema da escrita e da publicação científica sobre Zika. A partir do documento gerado com essa etapa, pensei num fio narrativo para guiar o meu episódio e esbocei um roteiro que cobria elementos como a corrida científica para publicar no tempo emergencial da epidemia e os desafios enfrentados para obtenção de financiamento, equipamentos de pesquisa e aceite em periódicos de relevante fator de impacto. Li os roteiros de minha colegas e fui lida por elas, recebendo sugestões para melhorar o meu trabalho. Assim como essas peças escritas, os episódios em formato de áudio foram ouvidos em nossas reuniões semanais e discutidos coletivamente, de modo que pudéssemos criar uma identidade sonora para a série. Lançamos o *teaser* no dia 22 de maio e, entre 29 de maio e 10 de julho, o lançamento dos episódios ocorreu semanalmente, sempre às segundas-feiras. O meu episódio foi o quarto, “Fome de Pesquisador” (VALLE, 2023) e, além

---

<sup>10</sup> O Mundaréu é um *podcast* de Antropologia coordenado por Daniela Manica (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo/Unicamp) e Soraya Fleischer (Departamento de Antropologia/UnB). Ele pode ser acessado em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/>>.

dele ter influenciado na escolha da epígrafe que abre o presente trabalho<sup>11</sup>, ele tratou de temas que depois amadureceram e se desdobraram aqui neste TCC<sup>12</sup>. Considero que essa foi uma importante etapa de divulgação científica de nosso projeto que, além de contribuir para a minha formação em Antropologia, reacendeu o debate sobre a epidemia com um enfoque nos cientistas.

#### **IV. Campo - Maio e junho de 2023**

Matriculada na atividade de Excursão Didática de Pesquisa, comecei a me preparar para a terceira temporada oficial de trabalho de campo da equipe. Neste momento, já tendo a escrita e publicação de artigos como objeto de estudo delimitado, tive novos aprendizados metodológicos. Ainda em Brasília, nos meses que antecederam a viagem, fui orientada a pensar num conjunto de pesquisadores que gostaria de entrevistar, partindo de um conjunto que já tínhamos entrevistado (e que, então, seriam reentrevistados) e de um conjunto de indicações. Como principal critério de seleção, foram pensados aquelas pessoas que mais teriam a contar sobre a prática de publicação. Acessei os currículos Lattes dos pesquisadores, digitei no buscador a palavra “Zika” e foquei a atenção na seção “Artigos completos publicados em periódicos”. Observando a quantidade de artigos publicados e os assuntos que constavam em seus títulos, pensei num grupo e numa instituição, o *Microcephaly Emergency Research Group* (MERG) e o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), respectivamente. Para essa primeira escolha, observei que o MERG foi um caso de destaque na produção de artigos científicos sobre a epidemia de Zika vírus e me senti verdadeiramente curiosa com o fato de que a equipe era composta por alguns profissionais da área biomédica que faziam um diálogo interdisciplinar com as ciências humanas. A título de ilustrar esse diálogo, encontrei pistas nos nomes dos artigos, por exemplo: “estudo de metodologias mistas”, “perspectivas de mães e profissionais de saúde” e “ruptura biográfica na vida de cuidadoras de crianças com SCVZ” – mais tarde, entendi que estas produções estavam vinculadas a um “eixo social” do MERG, e as produções nas quais foquei neste TCC estão vinculadas a um “eixo epidemiológico” do grupo. No caso do IMIP, o que despertou minha atenção não foi a quantidade de artigos publicados por pesquisadores da instituição, mas o fato de que, por esse hospital, passaram muitas mães e crianças afetadas pela

---

<sup>11</sup> A escolha da música “Comida”, dos Titãs, para a epígrafe que abre este TCC foi inspirada numa provocação colocada por Irene do Planalto no episódio, em que, em diálogo comigo, ela pergunta: “E pesquisador tem fome de quê?”.

<sup>12</sup> O episódio pode ser acessado em <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-fome-de-pesquisador/>>.

epidemia em busca de assistência em saúde. Por essa razão, os pesquisadores associados a essa instituição tiveram acesso privilegiado ao material humano para a realização de pesquisas, podendo realizar coletas de sangue e de líquido amniótico e exames de imagem que deram origem a artigos científicos.

Após discussões em equipe, incluí mais uma equipe de pesquisa a este TCC, o Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES). Esse é um grupo vinculado ao Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (DAM/UFPE) que, no curso da epidemia, conduziu um projeto intitulado *Etnografando Cuidados e Pensando Políticas de Saúde e Gestão de Serviços para Mulheres e Seus Filhos com Distúrbios Neurológicos Relacionados com Zika em Pernambuco, Brasil*<sup>13</sup>. Incluir o FAGES ao conjunto de grupos para estudar neste TCC veio com o objetivo de refletir também sobre a extensa produção científica que a Antropologia fez sobre Zika, como forma de obter uma perspectiva comparativa entre a publicação científica nas Ciências da saúde e nas Ciências Sociais.

Com os nomes IMIP, MERG e FAGES em mente, reuni alguns nomes de interlocutores para reentrevistar e elaborei roteiros incluindo questões relativas à divisão de tarefas para publicação colaborativa, à escolha das revistas e ao tempo adequado para publicar em período de emergência sanitária. Após organizar uma primeira lista de nomes, que sofreu algumas alterações a fim de não onerar interlocutores já muito abordados por nossa equipe, comecei a contatar as pessoas. Estes contatos iniciaram em Brasília e continuaram durante toda nossa estadia na capital pernambucana. Para esta temporada de trabalho de campo, eu, Laura Coutinho e Caroline Franklin nos juntamos a Thais Valim, que continuava sua pesquisa de campo do doutorado, em Recife, algumas semanas antes de chegarmos. Dessa vez, passei 16 dias na capital, entre o final de maio e início de junho, hospedada num apartamento que alugamos no bairro Graças, localizado numa região central da cidade.

Para realizar as entrevistas nesta terceira temporada, percorri locais como institutos de pesquisa, comitês de ética, hospitais, universidade federal e um café. Três diálogos se deram via remota, através de plataformas de videochamada, dois deles, porque as interlocutoras não estavam em Recife e um, porque a interlocutora nos contou que, após a pandemia de Covid-19, ela adquiriu o hábito de trabalhar somente de sua casa. Durante a grande maioria dessas ocasiões,

---

<sup>13</sup> Conhecido de maneira abreviada por *Etnografando cuidados*.



eu estive acompanhada de uma das minhas colegas de equipe, ao menos, o que foi positivo para apoiarmos umas às outras nestas etapas formativas. Além das entrevistas, tive a oportunidade de realizar atividades em campo que rechearam a minha experiência metodológica. Aceitando convites de interlocutores, acompanhei uma reunião de um núcleo de pesquisa da pós-graduação em Saúde Coletiva na Fiocruz e participei de uma assembleia feminista que reuniu importantes grupos, coletivos, ONGs e movimentos populares feministas de Recife – 45 entidades assinaram o manifesto coletivo que estava sendo discutido na assembleia, dentre eles, o SOS Corpo, o Grupo Curumin e o Movimento de Mulheres Olga Benário. Trabalhar em transcrições de entrevistas durante a estadia em Recife foi uma prática nova que adotei desta vez e percebi, de maneira muito positiva, que elas ajudaram a mim e minhas colegas na elaboração dos novos roteiros. Os dados que iam sendo levantados no campo alimentavam o próprio campo que ainda estava por vir nos dias seguintes.

Outra prática que adaptei nesta temporada foi a escrita do diário de campo por turnos, ao invés de fazê-la ao fim de cada dia. Normalmente, uma manhã de entrevista já era suficiente para condensar uma quantidade grande de informações, dessa forma, a escrita na tarde daquele mesmo dia ajudou-me a manter-me atualizada. Quer dizer, se eu fazia a entrevista pela manhã, reservava a tarde para o diário, quando a agenda permitia. Também experimentei novas formas de escrita desse documento de pesquisa: além da forma mais usual de descrição, introduzi diálogos literais com travessão, trechos de e-mails trocados com os interlocutores, trechos de artigos, utilizei recursos como o sublinhado e o negrito para palavras e expressões importantes, registrei ideias de perguntas que surgiam conforme o trabalho de campo avançava, ensaiei formas de analisar os artigos científicos e até mesmo esbocei uma primeira versão de sumário para o TCC. Reuniões de equipe durante o campo também foram momentos importantes para compartilharmos sobre técnicas de escrita dos diários, trabalho em equipe, convivência em campo e desafios enfrentados.

Quanto à comunicação com interlocutores a fim de marcar entrevistas, o diálogo com eles ocorreu via e-mails, mensagens de *WhatsApp* e, quando em Recife, ligações telefônicas. Nesta etapa, alguns dilemas apareceram no percurso de pesquisa: tive grande dificuldade para receber retorno de algumas pessoas; em dois casos, não obtive resposta alguma; tive que lidar com remarcações de dia, hora e local de entrevistas; passei por uma recusa por parte de uma interlocutora. Estes desafios, aliados a escolhas que ocorreram durante o processo de escrita

deste trabalho de conclusão, levaram-me a optar por priorizar as equipes de pesquisa MERG e FAGES, não levando a frente a ideia de trabalhar com artigos publicados por pesquisadores do IMIP. No entanto, veremos no Capítulo 2 que o IMIP foi representado em artigos do MERG. Essa representação ocorreu devido ao acordo interinstitucional que se estabeleceu para elucidar a epidemia a partir de uma encomenda do Ministério da Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco (SES/PE) e da Organização Panamericana de Saúde (OPAS).

Retomando os dilemas enfrentados no trabalho de campo, ressalto que também ocorreram desafios nos momentos das entrevistas em si, quando eu e meus interlocutores já estávamos cara a cara, mas gostaria de destacar a seguir dois desafios mais expressivos e que dizem respeito às metodologias de pesquisa. As entrevistas semiestruturadas constituíram a principal fonte de construção de dados de nossa pesquisa e, justamente por serem semiestruturadas, elas são guiadas por roteiros, mas dão alguma abertura para um diálogo que se permite ser afetado pela relação que se estabelece entre pesquisadora e sujeitos pesquisados. Por outro lado, muitas de nossas entrevistas foram conduzidas nos serviços de nossos interlocutores, o que colocou limitações quanto ao tempo de duração dos diálogos. Em alguns casos, me vi preocupada com o avançar dos ponteiros do relógio em entrevistas que sequer haviam chegado, de acordo com o roteiro elaborado, ao bloco de perguntas sobre escrita e publicação de artigos. Isto deixou a lição de que o manejo do tempo deve ocorrer de modo a priorizar perguntas que sejam objetivas em direção ao tema da pesquisa.

Perguntas como “Vocês têm TCLE?” ou “Isso é um questionário?” ocorreram com alguma frequência. Um interlocutor, logo no início de nossa entrevista, demonstrou uma preocupação acerca da forma como os dados seriam utilizados. O ponto de escrever sobre essas situações é dar os contornos desse campo de pesquisa no qual me inseri. Quando pesquisadora e sujeitos de pesquisa compartilham do universo cultural acadêmico, isso pode significar interlocutores familiarizados com a prática de questionar a investigação, colocando a pesquisadora numa posição desafiadora de ter que saber explicar métodos escolhidos e produtos esperados do levantamento dos dados. Por estas razões, e devido às implicações éticas de escolhas feitas neste TCC, a próxima seção será dedicada a apresentar que escolhas são essas e quais os suportes teóricos que as sustentam.

Por fim, destaco que, após retornar do trabalho de campo, dei início à primeira organização do material empírico: diários de campo, entrevistas transcritas, currículos, etc. Estes

materiais foram organizados numa tabela sinóptica que resumia três principais aspectos: a identificação dos interlocutores, as categorias mais significativas que surgiram de seus discursos e as principais histórias por eles contadas. Esta tabela pode ser encontrada no Anexo 2.

## **V. Um dilema ético da pesquisa: (des)anonimização**

Nossa equipe, na maioria das entrevistas, não enfrentou desafios com a negociação de TCLEs e autorização para gravarmos os diálogos, mas, em alguns momentos, interlocutores manifestaram preocupação quanto à maneira como os dados construídos seriam utilizados em publicações. Nesse sentido, é importante destacar que um dilema se apresentou durante o processo de escrita deste TCC, pois, ao optar por analisar trechos dos artigos publicados pelos pesquisadores, sua anonimização foi dificultada, já que estas peças escritas são assinadas por eles e nelas encontramos também seus pertencimentos institucionais. No entanto, a (des)anonimização é um assunto relevante e não autoevidente na disciplina antropológica e envolve escolhas que necessitam de reflexão ética e clareza sobre o tipo de Antropologia que se busca produzir. Nesse sentido, trago algumas reflexões sobre ética em pesquisa e anonimato para, depois, pensá-las em relação ao tema e aos dilemas deste TCC.

Eduardo Zanella (2014), em artigo que faz uma conexão entre a Antropologia da ciência e a temática das drogas, discorre sobre o processo de “aplicação” do TCLE por parte de pesquisadores do Hospital das Clínicas de Porto Alegre que conduziam entrevistas com pacientes adictos no serviço de saúde. Diversas etapas eram executadas neste momento de interação: a leitura, pelo pesquisador para o entrevistado, pausada e clara, do texto contido no documento; esclarecimentos dos objetivos da pesquisa; informação quanto aos riscos e à voluntariedade de participação do entrevistado; esclarecimento quanto à possibilidade de desistência sem necessidade de justificativa e sem interferência na qualidade do tratamento oferecido; informação sobre o uso sigiloso dos dados pessoais de participantes; verificação da resposta do paciente se ele aceita ou não participar da pesquisa. Toda essa gama de procedimentos acomoda o “paciente” num novo espaço social, que é o de “participante/sujeito de pesquisa”, no entanto, Zanella nos chama atenção para a mutabilidade das práticas de pesquisa, o que incorre numa necessidade de “fabricar os participantes” de maneira contínua:

[...] As identidades formais do empreendimento científico não estão dadas de antemão e tampouco são estabelecidas em suas esferas conceituais ou epistêmicas. Pelo contrário, tais identidades são feitas na imanência das práticas de pesquisa propriamente ditas, por meio da mobilização de objetos específicos em interações concretas – motivo pelo qual

também não são estáticas, de modo que necessitam ser refeitas a todo o tempo. Desta forma, os pacientes ainda terão de ser fabricados enquanto participantes de pesquisa – no sentido que continuarão sujeitos a novas intervenções – por meio de outros procedimentos (ZANELLA, 2014: p. 132).

Já Claudia Fonseca (2008), em artigo que trata especificamente do problema do anonimato e o texto antropológico, nos provoca a pensar este dilema a partir “[d]a noção de [que a] etnografia [...] deve ser constantemente ressignificada para se ajustar a novos contextos” (FONSECA, 2008; p. 40). Nesse sentido, a autora suscita as diferentes maneiras como algumas subáreas da Antropologia – parentesco, relações interétnicas, estudos indígenas – vêem a questão do anonimato, o que nos leva a perceber que este não é um assunto livre de controvérsias. Alguns pesquisadores advogam pelo anonimato como uma forma de proteger interlocutores dos imprevistos ou indesejáveis dos textos antropológicos, considerando que podem estar sendo manuseadas informações de cunho comprometedor ou difamante sobre interlocutores, bem como o fato de que estes interlocutores podem pertencer a camadas sociais subalternizadas no tecido social. Outros consideram o mascaramento de identidades como uma atitude politicamente inconsistente, já que a anonimização poderia dificultar as “devolutivas” da pesquisa, representar uma clivagem entre “sujeito pesquisador” e “sujeitos pesquisados” ou, até mesmo, sinalizar que algo “repreensível” sobre os interlocutores estaria sendo exposto.

Tendo apresentado as ideias destes dois autores, busco agora pensar sobre os dilemas éticos deste TCC a luz destas ideias. Assim como os cientistas do Hospital das Clínicas porto-alegrense que aparecem no trabalho de Zanella (2014), nossa equipe também desempenhou um processo de “fabricação” de sujeitos de pesquisa, no entanto, no nosso caso, a “aplicação” do TCLE foi marcada por uma interação mais simétrica – ambos sujeitos de pesquisa e pesquisadoras compartilhavam entre si o pertencimento ao universo acadêmico. Já com Claudia Fonseca (2008), percebi que três elementos (no mínimo) concorrem para a decisão sobre a (des)anonimização: a natureza dos dados antropológicos; o tipo de grupo social com o qual se trabalha; as inclinações políticas da antropóloga. Nesse sentido, a natureza dos dados deste TCC remete a um material de acesso público, os artigos. Por outro lado, as entrevistas foram pactuadas mediante TCLE, no entanto,

na Antropologia, que tem no trabalho de campo o principal símbolo de suas atividades de pesquisa, o próprio objeto da pesquisa é negociado: tanto no plano da interação como os atores, como no plano da construção ou da definição do problema pesquisado pelo antropólogo [...] Deste modo, não é possível nem seria desejável que o antropólogo pudesse definir ou prever com precisão todos os seus interesses (presentes e futuros) de pesquisa, no momento recomendado pela resolução 196 (da Comissão de Ética em

Pesquisa – CONEP – do Ministério da Saúde) para a obtenção do consentimento informado.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003: p. 34 *apud* FONSECA, 2008: p. 41)

Com isso, fica evidente que as práticas de pesquisa na Antropologia não são inertes, mas estão em constante transformação. Ademais, sinalizo que os grupos com os quais este trabalho foi produzido não pertencem a camadas subalternizadas da malha social e as informações aqui expostas não são de cunho íntimo e nem comprometedor. Considero, na verdade, que este TCC apresenta dados de interesse público, já que a ciência, no Brasil, é feita a partir de financiamento do contribuinte. Desse modo, é justo que a sociedade tenha acesso não só aos produtos finais do empreendimento científico sobre a epidemia de Zika, mas também aos bastidores que originaram estes produtos. Por fim, sinalizo, ainda, que, neste TCC, sou movida por um interesse político por nutrir um diálogo direto entre as Ciências Sociais e as Ciências da saúde, considerando a diversidade do conhecimento científico e a urgência de nutrirmos um “pensamento complexo” (MEJÍA-NAVARRETE, 2020: p. 17) capaz de reforçar a dialógica entre estas duas áreas.

A princípio, considerei que estas reflexões abririam espaço para que, neste TCC, o consentimento fosse repactuado com interlocutores de pesquisa e, assim, suas identidades fossem reveladas. No entanto, durante a defesa deste trabalho perante a banca examinadora, recebi importantes contribuições da professora Monique Pyrrho (vinculada ao Centro Internacional de Bioética e Humanidades/UnB), que me lembrou da Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). Esta resolução estabelece normas éticas para a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais que utiliza dados diretamente obtidos com participantes e dela destaco a autonomia de todos os sujeitos pesquisados, a garantia de confidencialidade e de não prejuízo. Além disso, Monique também reforçou que o anonimato é um valor compartilhado entre os pesquisadores nas Ciências da Saúde. Nesse sentido, a solução encontrada para este TCC foi utilizar pseudônimos para os sujeitos cujas falas individuais aparecem aqui, mesmo que os nomes dos grupos de pesquisa aos quais eles fazem parte estejam revelados. Esta medida protege os sujeitos que pactuaram sua participação na pesquisa ao mesmo tempo em que me permite analisar seus artigos científicos.

## **VI. Como esta dissertação está organizada**

Após a última temporada em Recife, já de volta em Brasília, segui fazendo transcrições de entrevistas e, posteriormente, revisando aquelas transcritas por colegas. Além disso, havia

chegado o momento de compartilharmos entre nós os diários de campo editados. Elaboramos, então, um tomo de diários, bem como um tomo de entrevistas, documentos que reúnem, respectivamente, todos os diários das integrantes da equipe e todas as entrevistas da temporada. Para o compartilhamento do diário de campo, fiz uma releitura retirando informações de cunho íntimo e deixando somente aquilo que julguei ser pertinente compartilhar para o trabalho da equipe. Concomitante a minha participação em reuniões quinzenais de orientação coletiva, a elaboração de uma tabela com todas as respostas dadas para perguntas sobre publicação e escrita consistiu no início da análise das entrevistas. Esta tabela pode ser encontrada no Anexo 3. Através dessa tarefa, selecionei um conjunto de interlocutores que irão nos acompanhar neste trabalho: Luciano Firmino, Ana Catarina Bastos e Francisca Junqueira como integrantes do MERG; Roberta Castro, André Duarte, Miriam Souza e Sarita Gurgel<sup>14</sup> como integrantes do FAGES. Dito isso, explico aqui a forma como este TCC está dividido.

O primeiro capítulo consiste numa apresentação do aporte teórico escolhido para apoiar esta monografia, e esse aporte se baseia em textos da área da Antropologia da Ciência e da Tecnologia e Antropologia da Escrita. Nesta primeira área, trabalhos como o de Latour e Woolgar (1997) e Knorr-Cetina (2005) trazem noções importantes que serão utilizadas aqui, como a de “inscrição literária”, “produto escrito”, “cadeias de seletividade” e “reflexividade”. Já na segunda área escolhida, Clifford e Marcus (2016) contribuem com a crítica textual, compreendendo a etnografia enquanto fenômeno interdisciplinar emergente e situado em sistemas de significado marcados pela retórica e política.

O segundo e o terceiro capítulos consistirão num mergulho nos dados empíricos do trabalho de campo, focando respectivamente os interlocutores do MERG e do FAGES que recém mencionei. Amparada em trechos de entrevistas que realizei com minhas colegas de equipe e em artigos elaborados pelos entrevistados, buscarei refletir sobre os seguintes grandes temas: compartilhamento de dados para publicação em equipe, processo de escrita e divisão de tarefas que ele envolveu, acordos de autoria, escolha de revistas e publicação no tempo emergencial da epidemia. Na seção final deste trabalho, com o apoio de toda esta bibliografia, proponho um exercício de experimentações textuais amparada na ideia de escrever “factualmente” ao mesmo tempo que “parcialmente”.

---

<sup>14</sup> Como sinalizei na seção anterior, os nomes próprios que aparecem ao longo deste TCC são pseudônimos, com o objetivo de preservar a identidade dos interlocutores.

## CAPÍTULO 1

### O artigo científico como tema de investigação

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o referencial teórico selecionado para este trabalho, onde dois eixos serão centrais: a Antropologia da Ciência e da Tecnologia e a Antropologia da Escrita. Essas duas áreas têm em comum o fato de se desenvolverem a partir de pontos de inflexão na trajetória da Antropologia. Como Barton e Papen sugerem, “when the discipline of anthropology was born, its eyes were firmly fixed on the ‘exotic’ or the cultural ‘other’” (2010: p. 4)<sup>15</sup>. Marcada inicialmente por viagens de campo com longos deslocamentos geográficos, onde a regra era conhecer e registrar culturas isoladas, esse campo de conhecimento passou por profundas mudanças, tendo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, se voltado para estudar as “culturas mais próximas de casa”. Ciência e Tecnologia e Escrita, enquanto campos de investigação da antropologia, são frutos dessa virada epistemológica.

O capítulo se iniciará com a apresentação da obra de Latour e Woolgar (1997) intitulada *Vida de Laboratório*. Através dela, apresento os conceitos chave de “simetria”, “reflexividade” e “inscrição literária” e a forma como eles podem ser pensados em relação ao tema deste TCC. Num segundo momento, aciono a obra *La fabricación del conocimiento: Un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia* (Knorr Cetina 2005), trazendo uma contribuição que se destaca por abordar justamente o artigo científico como produto da investigação. Na segunda parte do capítulo, o foco será mostrar os aportes teóricos do campo da antropologia da escrita. Neste sentido, o capítulo 1 do livro *Writing Culture: The poetics and politics of Ethnography* (CLIFFORD e MARCUS, 2016) surgirá como central.

#### 1.1 Inscrição literária: a transformação de matéria em escrita

No ano de 1979, Bruno Latour e Steve Woolgar publicaram a obra *Vida de Laboratório* (Latour e Woolgar, 1997), uma das pioneiras a cercar a ciência, tomando-a como objeto de investigação antropológica. O livro revela elementos do trabalho de campo do primeiro autor num laboratório de Biologia do Instituto Salk, na Califórnia (EUA), atividade que reforça a ideia de etnografia de laboratório como um novo campo de escrutínio antropológico. Lá, Latour foi aceito durante dois anos e observou o cotidiano no qual interagiram técnicos, secretárias e

---

<sup>15</sup> “Quando a disciplina antropológica nasceu, seus olhos estavam firmemente fixados no ‘exótico’, ou no ‘outro’ cultural” (tradução minha).

pesquisadores em torno de produtos químicos, experimentos com animais, máquinas e escrita de artigos científicos. A crítica desenhada pelos autores explica a escolha da ciência como objeto de investigação: a antropologia estava habituada a fazer suas empreitadas etnográficas em lugares distantes, como as florestas ou o campo, observando relações de parentesco, tradições populares, representações simbólicas, arte e bruxaria. Em sociedades indígenas, camponesas ou outras entendidas como marginais. Mas como “ciência da periferia” (Latour e Woolgar, 1997), ela permaneceu tímida para estudar a indústria, a técnica e a ciência, todas práticas ocidentais tão “centrais”. Para além do campo antropológico, os estudos que abordaram a ciência, até aquele momento, eram diversos, no entanto, ora eles mantinham o pressuposto de ciência como fato, neutro, racional e universal, ora davam pouca importância para a observação direta desta realidade.

A sociologia da ciência e a história social da ciência apresentaram avanços. Nesta primeira linha, “tornar os cientistas informantes” – algo com o qual Latour e Woolgar concordaram – significou ampliar as análises para além do discurso dos pesquisadores sobre si mesmos. A partir de recortes distintos, se contribuiu para o conhecimento das instituições científicas. No caso da segunda linha de pesquisa mencionada, uma renovação apresentada por Bloor (1982), Collins (1982) e Pinch (1982), inspirou o estudo da fabricação da ciência, o que a pressupõe não enquanto conhecimento estabilizado, mas enquanto conhecimento aberto, sendo construído de forma processual, em meio a controvérsias. Mesmo com esses avanços, que foram incorporados à *Vida de Laboratório*, permaneceu o apontamento de duas limitações nos estudos realizados. Uma diz respeito à manutenção do isolamento entre conteúdo científico e contexto social; a outra, ao fato de que o trabalho com documentos limitava as pesquisas, já que elas careciam de dados obtidos através da observação direta do campo.

Mapear os estudos que já haviam sido feitos até então sobre a ciência e identificar lacunas e possibilidades de melhorias foi essencial para que Latour e Woolgar propusessem alguns princípios que guiaram seus trabalhos. Pretendo abordar dois destes princípios agora, já que considero-os importantes para a minha proposta de estudar os artigos científicos produzidos a partir da epidemia de Zika vírus. O primeiro deles diz respeito à noção de “simetria”, formulada originalmente por Bloor (1978) em seu “Programa Forte”. Este programa se consolidou num importante centro de produção de estudos no campo da sociologia dos conhecimentos científicos nos anos 1970, a escola de Edimburgo (TEIXEIRA, 2001 *apud*



PETRUCELI, 2023). A noção de simetria de Bloor surge a partir de uma crítica aos estudos que investigavam a ciência somente a partir de seus êxitos, sem considerar os erros e experimentos “falhos”. Em obra mais recente, Latour (1994) elabora essa distinção como uma assimetria entre as ciências proscritas – como é o caso das etnociências, por exemplo, “contaminadas” pelo social – e as ciências sancionadas – representadas pela ciência dura, universal, tomada como “verdadeira”. Tornar a antropologia simétrica consiste em fazê-la capaz de aplicar ao mundo ocidental os mesmos princípios de investigação utilizados no estudo do outro, o que diminui o abismo gerado pelas Duas Grandes Divisões: Nós/Eles ou humanos/não-humanos. Estendo essa compreensão aos pares Ocidente/Oriente e também centro/periferia.

Ao desmistificar a ideia de uma ciência purificada, o princípio da simetria atinge parcialmente esse objetivo: se, por um lado, relativiza o conhecimento ocidental de base racional, por outro, ainda atribui desproporcional relevância às explicações situadas no polo sociedade, deixando o polo natureza de lado. É nesse sentido que Latour amplifica sua análise, trazendo o princípio da simetria generalizada como uma forma de chegar ao modelo de descrição desejado: além de a simetria ser aplicada ao verdadeiro e ao falso, ela se esforça em reelaborar a construção da natureza e da sociedade. Destaco a relevância que o trabalho de campo – isto é, uma aproximação direta e prolongada com a dimensão empírica da ciência feita no laboratório – teve para esta virada analítica:

O famoso ‘Programa Forte’ logo se enfraquece quando se desce, como iremos fazer, ao plano dos aminoácidos, dos hormônios do cérebro e das culturas de células. Nesse mundo, não é mais possível levar para pastoreio o rebanho dos fatores sociais desenvolvidos pelos nossos grandes sociólogos: sociedade, classe, campo, hábitos, símbolo, papel social pretendido, interação (Latour e Woolgar, 1997: p. 24).

Outra noção chave apresentada na etnografia de laboratório aqui pensada é a de “reflexividade”, que se desdobra da noção de simetria generalizada. Segundo Latour e Woolgar, na verdade, a reflexividade consiste num dos grandes desafios desta etnografia. Ao se referir a ela, os autores jogam luz para o lugar confortável no qual o sociólogo da ciência se mantém quando estuda as ciências exatas sem, posteriormente, fazer uma reflexão sobre o seu próprio fazer científico. Nesse caso, ele estaria reproduzindo a assimetria: aplicando termos distintos para explicar as ciências duras, de um lado, e as ciências humanas, de outro; descortinando minuciosamente o polo natureza e mantendo o polo cultura intacto dos efeitos de uma lente de aumento. Uma boa etnografia das ciências, portanto, é aquela que adota o princípio da simetria de maneira integral, observando fatos construídos, relatos, experimentações e a ciência sendo

feitos tanto pelas ciências duras quanto por aquelas voltadas ao social. Reservar um espaço do meu trabalho para tratar da noção de reflexividade se mostrou fundamental, pois esta noção teve influências em escolhas metodológicas que fiz. Como tratei na seção metodológica, optei por trazer para este trabalho artigos publicados por pesquisadores das ciências biomédicas, assim como por pesquisadores antropólogos, desta forma, reflexividade, enquanto categoria analítica, me ajudará a pensar na fabricação do conhecimento em ambas as áreas de conhecimento. Quanto à noção de simetria, afirmo que meu trabalho – ou uma parte dele, já que também conto com material empírico de trabalho de campo – entra num conjunto maior de etnografias com não-humanos. Os não-humanos, em meu trabalho, são os artigos científicos, documentos escritos com poder de validação do conhecimento, que serão aqui pensados também pela chave analítica de inscrições literárias (Latour e Woolgar 1997). Explico a seguir este conceito.

Em sua incursão no laboratório do Instituto Salk, Latour descreve em detalhes as etapas envolvidas na elaboração de artigos científicos, enfatizando “uma estranha tribo que passa a maior parte de seu tempo codificando, marcando, lendo e escrevendo” (ibidem.: p. 42). O laboratório é dividido em duas seções, A e B. Na seção A, onde ficam os escritórios, o trabalho é com o material escrito, enquanto que na seção B, onde estão as bancadas, os colegas de jaleco branco trabalham com máquinas e animais. Mas as duas seções se conectam pela prática compartilhada e recorrente de inscrições: nas bancadas, amostras extraídas dos ratos e processadas por máquinas geram uma folha repleta de números. Estes aparelhos que transformam matéria em escrita são chamados por Latour de inscritesores, e eles têm um impacto no trabalho final que será realizado nos escritórios. A folha gerada pela máquina, por sua vez, compõe um banco de dados no computador que, com o acúmulo dessas informações, gera listagens a serem analisadas por uma técnica. No escritório, o produto das listagens é analisado em conjunto pelos “doutores”: uma curva traçada em papel milimetrado que tem suas características discutidas e colocadas lado a lado na mesa, onde se justapõem construções literárias de dentro e de fora do laboratório. O que se destaca é que a estas folhas com as curvas, esquemas ou quadros de figuras são atribuídos significados. Na visão dos pesquisadores, elas se tornam dados que sustentam uma argumentação num artigo.

Como isto me ajuda a pensar as ciências do Zika? Se, no Instituto Salk, na década de 1980 na Califórnia, as amostras vinham de animais não-humanos, durante a epidemia de Zika, na década de 2010 em Recife, as fontes das amostras biológicas vieram dos bebês recém nascidos,

suas mães, assim como as gestantes suspeitas de infecção pelo vírus. Fleischer (2023), em trabalho que analisa 36 artigos biomédicos destes mesmos cientistas recifenses a partir da pergunta “onde e como aparecem as crianças?”, discorre sobre tecidos e substâncias que foram coletados pelos pesquisadores que estudaram Zika: sangue periférico, soro, líquido cefalorraquidiano (LCR), sangue do cordão umbilical, urina, saliva, massa encefálica, esperma e leite materno são alguns dos materiais que compuseram o repertório orgânico deste intensivão científico. As coletas de amostras usualmente ocorriam em consultas nas quais os pesquisadores também faziam suas práticas de inscrição literária, preenchendo formulários que, mais tarde, compuseram bancos de dados de pesquisa. Como será possível ver no próximo capítulo, era através dos dados destes formulários e do significado a eles atribuído que os artigos foram idealizados, escritos, circulados, discutidos e finalmente publicados. Por enquanto, quero reforçar que, também entre os cientistas do Recife, simetria, reflexividade e inscrição são conceitos que me ajudarão a pensar não só nas práticas científicas de cada grupo separadamente, mas também nestas práticas de maneira comparada, traçando paralelos entre a inscrição literária e as transformações dos materiais em escrita na Antropologia e nas Ciências da saúde.

## **1.2 O construtivismo de Knorr-Cetina: o artigo científico como um problema de fabricação**

O que consideramos como fato? Os fatos podem ser confrontados? Existe uma ciência pura? A constituição do que é fato está ligado ao sujeito cognoscente ou ao contexto social? Knorr-Cetina (2005) dá a partida em sua obra propondo justamente uma reflexão sobre o problema da facticidade. Esta autora, apresentando semelhanças com Latour e Woolgar (1997) na seção anterior, realizou uma “etnografia de laboratório” também na Califórnia estadunidense, num instituto de Microbiologia e proteínas vegetais, em Berkeley, nos anos 1970. Para me apropriar de sua contribuição, pretendo primeiro introduzir conceitos importantes elaborados pela autora sobre a teoria construtivista do conhecimento. Depois, adentro o tema do artigo científico a luz desses conceitos iniciais, pensando nas transformações que ocorrem no laboratório e que dão origem a essas peças escritas.

O problema da facticidade rendeu, ao longo da história, múltiplas teorias sobre o conhecimento advindas de áreas distintas. Este é um problema que interroga sobre a natureza dos fatos e sobre onde eles se localizam. Se anteriormente esse problema encontrava seu foco de análise na mente humana, mais recentemente, ele foi deslocado para ser pensado em termos mais coletivos. Em outras palavras, a natureza do conhecimento passou a ser examinada a partir das

relações sociais. Knorr-Cetina (2005) fala de duas teorias do conhecimento que se enquadram nesse cenário recente. A primeira delas, chamada de objetivismo, ou realismo, entende a natureza como um espaço exterior onde os fatos estão disponíveis para serem acessados. Nessa linha, o conhecimento objetiva prover descrições literais de como é o mundo, direcionando teoria e empiria na investigação científica para o fornecimento destas versões literais. Já a segunda, chamada de antirrealismo, tensiona a ideia de facticidade. Esta linha teórica discorda da concepção biologizante da natureza, isto é, da ideia de natureza como algo guiado por uma estrutura inerente. Uma pergunta que um antirrealista faria seria: por que o problema da facticidade seria exterior à ciência? Nesse contexto, o estudo dos fatos não estão apartados, mas imbricados na ciência. Esta última, por sua vez, é compreendida como um sistema de crenças que se desenvolve no seio de determinados contextos socio-históricos. Knorr-Cetina se filia a esta corrente que pressupõe a história e a vida social da ciência.

Para incluir o espaço do laboratório na discussão, a socióloga austríaca elabora uma ideia sobre o que ela chama de “conjunções constantes de acontecimentos”, ou seja, “sistemas fechados” que estruturam o suposto mundo factual do objetivismo. Assim, a crítica ao objetivismo parte do entendimento de que o laboratório fabrica estes sistemas fechados, o que, aliado à expertise dos cientistas, possibilita a criação de produtos da ciência considerados originais e válidos. Ao adentrar o laboratório de microbiologia, Knorr Cetina busca explorar a maneira como essas conjunções constantes são criadas no cotidiano dos cientistas, e aqui cabe destacar a importância dos produtos da ciência nessa investigação: “más que considerar los productos científicos como algo que de alguna manera captura lo que es, los consideraremos como selectivamente extraídos, transformados y construídos a partir de lo que es”<sup>16</sup> (KNORR-CETINA, 2005: p. 56).

Ao descrever o ambiente físico do laboratório e as coisas que nele são encontradas, esta socióloga da ciência, exercitando a ideia de simetria característica de sua escola de pensamento, aponta os “materiais-fonte” do empreendimento científico, como as soluções, proteínas celulares e amostras de sangue devidamente etiquetadas e alocadas no interior de geladeiras e congeladores. Se algum tipo de “natureza” é encontrado no laboratório, ele é fruto de um trabalho científico que o cultivou, num processo que, mais do que dedicado à busca pela

---

<sup>16</sup> “Mais que considerar os produtos da ciência como algo que, de alguma maneira, captura o que é, os consideraremos como seletivamente extraídos, transformados e construídos a partir do que é” (tradução minha).

“verdade”, está empenhado com um “princípio de êxito”. Num caminho de familiarizar a leitora com a produção de conhecimento científico e de ressaltar a importância do artigo científico nesse processo, Knorr-Cetina defende que “lograr hacer que las cosas *funcionen* es una búsqueda mucho más mundana que la de la verdad, y una búsqueda en la cual la vida cotidiana de la ciencia es constantemente convertida en créditos mediante la publicación”<sup>17</sup> (KNORR-CETINA, 2005: p. 59). Outro elemento importante trazido pela autora é a de que, no espaço onde o conhecimento é fabricado, teoria e empiria se atravessam a todo momento, constituindo um “emaranhado de ação/cognição”. Nesses atravessamentos, as teorias se assemelham a políticas, gerando projeções metodológicas que, baseadas em “estruturas de interesse”, guiam procedimentos perseguidores de êxito.

Observar o processo de produção de conhecimento científico a partir da chave analítica do construtivismo – ao invés do modo descritivo – se desdobra na abordagem dos produtos da ciência e, portanto, dos dados empíricos, do artigo científico:

“La tesis que estamos considerando es la de que los productos de la ciencia son construcciones contextualmente específicas que llevan las marcas de la contingencia situacional y de la estructura de intereses del proceso por el cual son generados, y que no pueden ser comprendidos adecuadamente sin un análisis de su construcción”<sup>18</sup> (Knorr-Cetina, 2005: p. 60-61).

Assim, as noções de “cadeias de decisões”, “seletividade” e “constelações de seleções” remetem à sobreposição de escolhas que os cientistas fazem e auxiliam a entender em que termos os produtos da ciência são fabricados. Além disso, essas noções adicionam o aspecto temporal à análise da produção científica, na medida em que a solidificação desse conhecimento se ampara na “acumulación local de materializaciones de selecciones anteriores”<sup>19</sup> (KNORR-CETINA, 2005: p. 64). Na epidemia de VZ, a seletividade pôde ser observada, por exemplo, quando grupos de pesquisa da área biomédica decidiram seguir uma tradição da cultura de publicação científica e escrever seus artigos em língua inglesa, promovendo idealmente a internacionalização. Ou ainda, quando, em etapas mais iniciais dos estudos, eles optaram por

---

<sup>17</sup> “Fazer com que as coisas funcionem é uma busca muito mais mundana que a da verdade, e uma busca na qual a vida cotidiana da ciência é constantemente convertida em créditos mediante a publicação” (tradução minha).

<sup>18</sup> “A tese que estamos considerando é a de que os produtos da ciência são construções contextualmente específicas que levam as marcas da contingência situacional e da estrutura de interesse do processo pelo qual são gerados, e que não podem ser compreendidos adequadamente sem uma análise de sua construção” (tradução minha).

<sup>19</sup> “Acumulação local de materializações de seleções anteriores” (tradução minha).

realizar estudos do tipo caso-controle<sup>20</sup>, tendo que, para isso, coletar amostras de diferentes grupos de crianças.

Quando a socióloga austríaca toca no ponto da “validação” do conhecimento, percebe-se a relevância da comunidade científica no momento em que ela se reúne em torno de consensos, alianças e associações. Assim, as afirmações feitas pelos cientistas são submetidas e julgadas pela comunidade circundante de “validadores”, onde críticas ou aceitações, respostas esperadas ou evitadas irão depender do local onde a pesquisa foi feita, por quem os resultados foram enunciados e por quais procedimentos os estudos foram realizados. A validação passa também pelas seleções empreendidas sobre a publicação, bem como pelo crivo do universo editorial dos periódicos científicos, e aqui, Knorr-Cetina aponta que a probabilidade de um estudo ser validado é diretamente proporcional à sua capacidade de ser “feito circular” de maneira efetiva.

A contingência contextual das seleções que ocorrem no laboratório, por um lado, remetem à uma multiplicidade teoricamente infinita de arranjos e seleções feitas pelos cientistas, o que poderia levar uma ideia de caos e dificultar o trabalho da sociologia da ciência na busca por sistematização do assunto. No entanto, Knorr-Cetina utiliza da noção de “mudança” para justamente pensar a contingência contextual como princípio de ordem, se inspirando, por exemplo, na teoria dos sistemas autorregulados da Biologia. Assim, ela defende a “indeterminação”, a ideia de “erro” no código genético, como pré-requisito para uma contínua complexificação do sistema. Pensada em relação à construção da ciência, a complexificação pode significar produzir informação nova ou então buscar soluções para problemas e desafios. A produção de inovação, longe de ser uma dinâmica aleatória, está conectada a seleções dos cientistas que buscam acesso a recursos e ocupação de nichos que ainda não foram investigados. Assim, a “mudança” empreendida pela ciência é algo de caráter direcionado, que traz consequências na “definição social do cientista” – seu rosto e seu nome são incorporados aos produtos por ele elaborados, promovendo dinâmicas de “diferenciação” e “particularização”.

Estas contribuições teóricas de Knorr-Cetina remetem à agencialidade do cientista – que, vale ressaltar, não são tomadas a partir de decisões individuais, mas sim resultantes de dinâmicas coletivas de interação. Outro movimento importante que a autora faz é o de pensar o “contexto de comunicação” mais amplo da ciência como aquilo que dá sentido aos dados empíricos e aos

---

<sup>20</sup> Os “casos” se referem às crianças diagnosticadas com a SCVZ, enquanto os “controles”, às crianças (expostas ou não ao vírus) nascidas saudáveis no mesmo dia e local que as primeiras.

resultados já cristalizados de trabalhos prévios. Assim, o “campo de interação discursiva” já existente é o que atribui significado aos novos argumentos científicos. Tais elaborações de Knorr-Cetina colocam um peso ainda maior na comunicação escrita da ciência, sendo essa última entendida, então, como uma “forma especial de discurso”. Se pensados em relação aos cientistas de Recife, estes conceitos de Knorr-Cetina encontram um fértil espaço de aplicação. Veremos a importância da comunidade científica para o processo de “validação” do conhecimento, onde a escolha por publicar artigos em revistas de alto fator de impacto foi central para determinados pesquisadores da área biomédica a fim de estabelecer consenso. Além disso, será possível também observar como a noção de emergência de causas “desconhecidas” se associa à ideia de “indeterminação” de Knorr-Cetina, onde um aparente caos leva a uma complexificação do conhecimento e a inovações técnicas. Quanto ao “contexto de comunicação” mais amplo, no qual os produtos da ciência se inserem, perceberemos que não só a comunidade científica internacional atribuiu significados aos artigos, mas também as próprias associações de famílias de Zika no Brasil se apropriaram destes produtos para acioná-los em suas lutas políticas (MATOS e SILVA, 2020).

### **1.3 Produções textuais enquanto “sistemas/economias de verdade”**

Em abril de 1984, na cidade de Santa Fé, Novo México/EUA, um grupo de dez estudiosos se reuniu para realizar um evento no formato de seminários avançados sobre o tema “a feitura de textos etnográficos”. Antropologia, História e Estudos Literários eram as áreas de formação desses estudiosos, mas a maioria deles – oito, dos dez – tinha a primeira como área-mãe. Isso originou um núcleo e um escopo de discussão: Antropologia social como foco, mas abrindo espaço para a interdisciplinaridade. Durante o encontro, textos em processo de escrita circularam e foram objeto de debates guiados pela crítica textual e pela teoria cultural. Estes esforços, dois anos mais tarde, compuseram os escritos presentes na obra *Writing Culture: The poetics and politics of ethnography* (CLIFFORD e MARCUS, 2016). Esta seção, portanto, se dedica a trazer elementos deste livro, tendo o capítulo introdutório – escrito pelo historiador James Clifford – como principal fonte de contribuição.

A imagem que estampa a capa do livro aqui pensado constitui um elemento visual que estimula o estranhamento da escrita na atividade antropológica. Na fotografia, o antropólogo norte-americano Stephen Tyler aparece debruçado em seu caderno enquanto toma notas durante o seu trabalho de campo na Índia, em 1963. Como James Clifford apresenta suas ideias,

“escrever” é um ato que por muito tempo permaneceu marginalizado ou simplificado nas ideias sobre o que os antropólogos fazem, sendo esta ação naturalizada na tomada de notas em campo ou na redação da própria etnografia como peça final. Apesar do interesse de antropólogos por teoria e prática literária e da repercussão que esses assuntos tiveram na autopercepção deles – que, em alguns casos, se viram como antropólogos e artistas literários –, os ímpetos cientificistas afastaram tipos de escrita e discurso considerados ilegítimos:

Desde o século XVII [...], a ciência ocidental teria excluído certos modos expressivos do seu repertório legítimo: a retórica (em nome da significação transparente e “evidente”), a ficção (em nome do fato) e a subjetividade (em nome da objetividade). As qualidades eliminadas da ciência foram alocadas na categoria de “literatura” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 36).

Assim, o par de oposição ciência e literatura é fortalecido, no qual somente a primeira pode estar ligada à observação dos fatos, gerando em seus textos significados passíveis de serem checados e validados. As noções de ambiguidade e instabilidade também são acionadas pela ciência Ocidental para tecer este argumento, na medida em que os gêneros textuais cientificamente condenados são associados à falta de padrões claros que possibilitem sua verificação. A época das etnografias clássicas, no início do século XX, estava inserida neste contexto no qual determinadas “convenções da apresentação textual e da leitura proibiam uma conexão muito próxima entre o estilo autoral e a realidade representada” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 46), revelando uma contenção de experiências etnográficas de participação que, apesar de muitas vezes excluídas do texto final, já eram consideradas importantes para o processo de pesquisa antropológica.

Como nos conta Clifford, os anos 1960 passam por um esfacelamento das convenções de escrita marcadas por este cientificismo objetivista, encadeamento histórico profundamente relacionado à crítica do colonialismo e a uma fragilização dos discursos ocidentais quanto ao seu ímpeto de representar outros modos de vida. Assim, começam a surgir diversas obras que tratam do encontro colonial e a Antropologia, da questão da objetividade nesta disciplina e sua constante reinvenção. A imagem do etnógrafo enquanto observador exterior dotado de autoridade, posicionado num local privilegiado e supostamente imparcial, já não é mais acriticamente aceita, e novas “regras do jogo” são desenhadas para a etnografia. De maneira alternativa, é difundida a imagem do “etnógrafo-nativo”, personagem que floresce com os novos compromissos advindos do processo de descolonização e que evidencia um reposicionamento da antropologia em relação aos seus “objetos” de estudo:



A antropologia já não fala com uma autoridade automática em nome de outros definidos como incapazes de falar por si mesmos (“primitivos”, “sem escrita”, “sem história”). Outros grupos são mais difíceis de alocar em tempos especiais, quase sempre passados ou passando – representados como se não estivessem envolvidos em sistemas mundiais atuais, que ligam os etnógrafos com os povos que estudam. As “culturas” não posam para fotografias. As tentativas de fazê-las posar sempre envolvem simplificações e exclusões, a seleção de um foco temporal, a construção de uma relação eu-outro específica e a imposição ou a negociação de uma relação de poder (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 41-42).

Com estas mudanças na definição de objetos de estudos e na forma como se estabelecem as relações entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, surgem também teorizações que tratam sobre os limites da representação, ponto em que a etnografia é concebida como fenômeno interdisciplinar emergente dotado de retórica e política próprias. Algumas das perspectivas que surgem a partir disso são a etnografia histórica, a poética cultural e o estudo de comunidades científicas, por exemplo. Clifford e colegas, no livro *Writing Culture*, fazem parte de uma crítica textual que compreende a etnografia como este fenômeno que se situa entre sistemas de significados e que mescla poética, política e história. Neste sentido, não se trata puramente de focar as práticas textuais, mas de compreender fenômenos que estão para além delas, como “contextos de poder, resistência, constrangimentos institucionais e inovações” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 33). O que nos leva, então, a ver os textos etnográficos como “uma prática mais abrangente de escrever sobre, contra e entre culturas” (ibidem: p. 33).

O estranhamento dos processos literários presente no capítulo da obra aqui abordada nos aproxima de uma noção de antropologia como arte, desmistificando a oposição positivista entre ciência e literatura. Arte, como aqui pensado, significa uma modelagem habilidosa de artefatos úteis, adicionando mais uma camada de complexidade à etnografia por entendê-la enquanto criação artesanal e mundana, ligada à prática da escrita. Este encadeamento de ideias também introduz a etnografia enquanto “ficção”, não sugerindo falsidade, mas sim a parcialidade das verdades culturais e históricas. Quanto a este último ponto, Clifford fala:

Mesmo os melhores textos etnográficos – ficções sérias, verdadeiras – são sistemas ou economias de verdade. O poder e a história atuam por seu intermédio, de formas sobre as quais os autores não têm pleno controle. As verdades etnográficas são, assim, inerentemente parciais – engajadas e incompletas. O ponto é hoje amplamente reiterado – e questionado em aspectos estratégicos por aqueles que temem o colapso de padrões claros de verificação. Mas, uma vez aceito e incorporado à arte etnográfica, um senso rigoroso de parcialidade pode ser uma fonte de juízo representacional” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 38).

O estudo da retórica se alia também a estudos como a Semiótica e a Análise do discurso. Nesse sentido, modos expressivos convencionais são detectáveis nos textos etnográficos e constituem elementos que sinalizam sobre estratégias literárias. Tais estratégias, considerando uma atmosfera mais ampla de símbolos culturais públicos, guiam “como falar”, “como escrever significativamente” em dados contextos e, mais do que apontar para a interpretação dos textos culturais, nos conduzem a pensar sobre suas relações de produção. A questão do visualismo é outro foco da crítica político-teórica da Antropologia. Nesse momento, são analisadas as metáforas predominantes na linguagem antropológica, considerando as maneiras pelas quais os sentidos são hierarquizados em diferentes culturas e momentos históricos: observação-participante, coleta de dados e descrição cultural partem do pressuposto de uma visão exterior que objetifica o outro. Com o desenvolvimento do campo da crítica textual, ao invés de observados, fatos culturais podem ser apreendidos a partir de outros sentidos, como a tato, a audição e o olfato, ou então inventados em diálogo.

Outras três ideias interessantes apresentadas neste capítulo escrito por James Clifford que quero abordar aqui são as de “dialogismo”, “polifonia” e “especificação dos discursos” na etnografia. Estes elementos suscitam questionamentos sobre “Quem fala? Quem escreve? Quando e onde? Com quem e para quem? Sob quais limites institucionais e históricos?” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 45). Se, tradicionalmente, os textos ocidentais estabelecem uma autoria única e onipresente, os modos dialógicos de escrita chamam a atenção para as muitas vozes que demandam serem expressas. Nesse sentido, “dialogismo” e “polifonia” diversificam modos de produção textual, dão abertura para que novas vozes componham os escritos e partem de contextos recíprocos, caracterizados por multissubjetividades e realidades negociadas. A “especificação dos discursos”, na medida em que considera essa intersubjetividade e historicidade, abre espaço para produções colaborativas. Destaco mais este trecho do capítulo escrito por Clifford, que trata sobre esta transformação no modo de fazer autoria:

A medida que a *poesis* plural e complexa da etnografia se torna mais aparente – e politicamente carregada –, as convenções começam, de formas sutis, a se alterar. Uma vez que os “informantes” comecem a ser considerados como coautores, e o etnógrafo como um escriba e arquivista, bem como um observador intérprete, poderemos colocar questões novas e críticas a todas as etnografias. Qualquer que seja sua forma monológica, dialógica ou polifônica, as etnografias são arranjos hierárquicos de discursos (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 50).

Quando pensadas em relação ao contexto das produções textuais dos pesquisadores de Recife, o aporte teórico dos organizadores de *Writing Culture* é um material profícuo para pensarmos os “modos dialógicos de escrita” que foram empenhados sobretudo pelo grupo FAGES. Assim, perceberemos que não somente os integrantes do grupo optaram por priorizar a autoria compartilhada, como também abriram espaço em suas publicações para uma “polifonia” ao amplificar vozes de interlocutores de pesquisa<sup>21</sup>, por exemplo. Tais percepções poderão se beneficiar também das chaves conceituais que tratam dos contextos de poder nos quais se inserem práticas textuais, corroborando para que pensemos os textos, tanto do FAGES quanto do MERG, enquanto “sistemas/economias de verdade” que buscam uma retórica significativa a fim de terem sua validação negociada. Apesar deste aporte teórico ser pautado em discussões sobre o campo antropológico, sua abrangência interdisciplinar nos ajudará a notar a experimentação de novas estratégias textuais também na área biomédica, nos levando a notar que, em certa medida, o MERG também utilizou formas de escrita que balançaram o equilíbrio entre objetividade e subjetividade. E, por fim, destaco a importante noção de “parcialidade” para a compreensão de que, qualquer que seja a disciplina científica da qual estejamos falando, a autoridade do relato será sempre mediado por reivindicações de retórica e poder.

---

<sup>21</sup> Apesar disso, destaco dois pontos importantes para os quais minha orientadora me chamou atenção: (1) polifonia e dialogicidade não são sinônimos, pois a polifonia remete a várias vozes e a dialogicidade, a vários diálogos; (2) a autoria compartilhada não significa automaticamente que o texto é polifônico e nem dialógico pois, como veremos com o grupo MERG, por exemplo, os textos têm muitos autores, mas que falam todos do mesmo lugar. Esta é uma reflexão que não será aprofundada neste TCC, mas que pode receber atenção em futuros trabalhos.

## CAPÍTULO 2

### Equipes, autorias, financiamentos e práticas de pesquisa

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho, foram apresentados os percursos metodológicos da pesquisa e o referencial teórico adotado para guiar as reflexões. Agora, inicio este capítulo com notas etnográficas que ilustram elementos sobre o trabalho em equipe no projeto de pesquisa do qual faço parte. Com esse exercício, busco suscitar a imaginação da leitora e convidá-la, nas seções seguintes, a mergulhar em dados empíricos construídos a partir do trabalho de campo em Recife. Assim, temas como trabalho em equipe, divisão de tarefas e definição de autoria – mostrados nas notas etnográficas – se entrelaçam e compõem a base sob a qual relatos de pesquisadores e trechos de suas publicações em revistas serão analisados adiante.

#### *Notas Etnográficas*

##### *2 de outubro de 2023 - Simpósio CTS*

Estamos em pleno período de aulas na Universidade de Brasília. Além das disciplinas comuns ao itinerário de uma estudante de graduação, esse semestre também tem sido bastante marcado pelos eventos acadêmicos. Muitos eventos de Antropologia estão agendados para este ano. O Terraço Caroá, na Universidade Federal de Goiás (UFG), ocorreu no mês de fevereiro, e a Reunião de Antropologia do Mercosul, na Universidade Federal Fluminense (UFF), no mês de agosto. Mas ainda ocorrerá, ao final de outubro, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a Esocite-BR e, no mês de novembro, a Reunião de Antropologia da Saúde e a Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, que ocorrerão na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e na UFG, respectivamente. Além de estar escrevendo trabalho de conclusão de curso, eu também tenho me empenhado em participar de alguns destes encontros acadêmicos.

Há duas semanas, minha orientadora enviou mensagem no grupo da equipe de pesquisa avisando sobre uma chamada para submissão de resumos para um evento que ocorreria durante a Semana Universitária da UnB (SEMUNI)<sup>22</sup>. Era um simpósio de Ciência e Tecnologia em Saúde que ocorreria na Faculdade de Ceilândia da UnB, e nós, do grupo, fomos incentivadas a apresentar a série de *podcast* que lançamos este ano, intitulada *Ciências do Zika*. O simpósio

---

<sup>22</sup> A SEMUNI consiste num evento anual, organizado pelo Decanato de Extensão (DEX) da UnB, que reúne o público interno e externo à instituição, propondo uma série de atividades como palestras, oficinas e minicursos.

seria uma ótima oportunidade para apresentar nosso trabalho num *campus* totalmente voltado para cursos da área da saúde, fazendo diálogos para além da antropologia. A dificuldade foi que soubemos do edital faltando apenas poucos dias para o envio de um resumo e de um pôster. Por sorte, como eu e minhas colegas estávamos nos organizando para apresentar trabalho na Esocite-BR, em Maceió, já tínhamos algumas ideias organizadas. Numa das reuniões semanais que fizemos para discutir nosso texto para o evento na capital alagoana, conversamos sobre o simpósio da FCE e decidimos participar.

Com o prazo apertado, o grupo fez esforços coletivos para a escrita do resumo. No edital, vimos o requisito de se definir uma autora principal, e esta deveria estar presente no dia do evento e apresentar o pôster. Coloquei uma colega em específico como autora principal, simplesmente pelo fato de que estávamos apresentando o resultado da nossa série de *podcast*, e ela, dentre nós quatro que apresentaríamos o trabalho do simpósio, era a única que havia atuado como uma das coordenadoras na produção da série. Parti do pressuposto de que, por ter desenvolvido esse papel de coordenar, o nome dela deveria constar como primeira autora, mas, como se verá adiante nesta cena, cometi o equívoco de não deliberar sobre isso dentro do grupo. Com o avançar dos dias, enviamos o resumo do trabalho e o pôster para a organização do evento, e fomos aceitas em todas estas etapas.

Na véspera do dia de apresentarmos o trabalho, esta colega que coordenou a série informou que não poderia mais estar presente. A princípio, isto não seria um problema, já que eu e minhas duas outras parceiras de trabalho conseguiríamos estar presentes. Até que, relendo o edital, lembrei-me que a organização do simpósio havia colocado a condição de que o pôster fosse apresentado pela autora principal. Fiz um esforço de negociar com a organização do evento para que o nome dela desse lugar ao meu como primeira autora. Tivemos algumas dificuldades, mas, no fim, conseguimos a aprovação por parte da organização do evento.

No dia 26 de setembro, fomos até a FCE para participar do simpósio. Como cheguei antes que minhas colegas, me sentei dentro da sala e aguardei. Enquanto isso, observava algumas outras pessoas que já estavam começando suas apresentações conforme os avaliadores chegavam, e fui fisgada por uma sensação de estranhamento. Em três trabalhos que acompanhei a apresentação naquele momento, a autoria era composta por vários nomes, mas somente uma pessoa estava presente como responsável pelo pôster e por fazer a exposição ao avaliador. Minhas duas outras colegas que permaneceram na autoria deste trabalho logo se juntaram a mim

na sala. Com a chegada também da nossa avaliadora, iniciei a apresentação oral do trabalho e, ao final de minha fala, fui complementada por minhas colegas, situação que foi permitida por parte da avaliadora. Terminada esta etapa, aguardamos até as 16h para acompanhar a entrega dos prêmios do evento.

Às 16h, então, nos dirigimos para o auditório, local onde a cerimônia de encerramento ocorreria. Foi então que nos surpreendemos: nosso trabalho havia ganhado uma menção honrosa pela participação no Prêmio “Mamie Phipps Clark”<sup>23</sup>. O nome chamado ao microfone foi o de minha colega que, a princípio, constava como primeira autora, mas que não pôde estar presente. Com o prêmio em mãos, a equipe ficou contente com esse reconhecimento do trabalho. No entanto, nós não entendemos por que a correção de autoria que eu havia pedido por email, antecipadamente, não pode ser atualizada para esse momento de entrega da menção honrosa e nem por que o certificado não incluía os nomes de todas as quatro autoras do pôster. O texto nele presente somente mencionava o nome da autora principal e generalizava, na expressão “e colaboradores”, todos os outros três nomes de autoras que constavam também no envio do resumo.

No dia seguinte, na universidade, encontrei com Soraya, que solicitou que eu levasse o material do evento para ela ver. Mostrei o certificado da menção honrosa e, a partir disso, iniciamos uma conversa sobre estranhamentos entre áreas e sobre a questão da autoria. Chegamos, então, ao entendimento de que seria justo que eu tentasse um certificado para a equipe como um todo. Julgamos que a interpelação às colegas do outro *campus* e das outras áreas seria, no mínimo, proveitoso para o meu tema de pesquisa e para a equipe como um todo, mesmo se não desse certo. Encarreguei-me de entrar em contato com a coordenação do evento para tentar solucionar esta questão e, de fato, obtive êxito no contato através de um e-mail institucional do programa de pós-graduação que organizou o evento na FCE.

No corpo da mensagem, me apresentei e expliquei a situação, dizendo que a série do *podcast* fora um trabalho coletivo feito por uma equipe de oito pessoas e que o pôster apresentado, um trabalho coletivo de quatro destas pessoas. Assim, propus um diálogo visando a emissão de certificados nominiais – relativos à menção honrosa – para todas as integrantes da

---

<sup>23</sup> Mamie Phipps Clark foi uma psicóloga social negra e ativista norte-americana, nascida em Arkansas, no ano de 1917. Ela se tornou reconhecida por conduzir estudos sobre intersecções entre infância, consciência racial e segregação social, desvelando a precocidade com que crianças negras se tornavam alertas de sua identidade racial nos EUA de 1940. Fonte: <<https://feministvoices.com/profiles/mamie-hipps-clark>>.

equipe que produziram a série, argumentando que, já que o produto final foi construído em equipe, a emissão de certificados que reconhecessem todas as autoras do *podcast* seria justa, ao nosso ver. Recebi uma resposta da coordenação do evento esclarecendo que a menção honrosa é concedida “no molde do edital – ela é nomeada para o primeiro autor” mas que seria concedida, “em caráter extremamente excepcional”, uma certificação que atendesse parcialmente minha solicitação. Quer dizer, incluiria os quatro nomes das autoras que constavam no resumo enviado, mas num único certificado (e não quatro). A coordenação se assegurou de enfatizar que atender a esta solicitação era algo que ia contra a “regra de certificação que estava clara em edital”. Anexado ao e-mail de resposta, estava um único PDF com um certificado que concedeu a menção honrosa a mim e às minhas outras três colegas que constavam no resumo. Ao longo de toda esta troca de mensagens, nenhum e-mail foi assinado. A autoria destas decisões, tão prezada por este evento, foi apócrifa, ao final.

No fim, não conseguimos certificações para toda a equipe que produziu o *podcast*, mas conseguimos, ao menos, um documento que contemplasse as quatro participantes do evento específico. Acredito que esta história seja interessante para pensarmos a questão da autoria na área das Ciências da saúde e da Antropologia. Afinal, aquelas estão tão acostumadas a trabalhar coletivamente, a construir dados em várias mãos, então, por que na hora de receber um prêmio somente deveria constar o nome daquela que foi colocada como “primeira autora”? Se o trabalho é coletivo, por que somente uma pessoa deveria receber o mérito disso? Utilizo essas notas etnográficas para iniciar a discussão desse capítulo tratando da temática de autoria nas Ciências da saúde e na Antropologia.

## 2.1 O trabalho em equipe no MERG

Como já foi exposto no capítulo anterior, os artigos científicos, constituindo os principais produtos da ciência, são aqui vistos como artefatos contextualizados na situação em que eles foram produzidos. Eles são inscrições literárias (LATOURE e WOOLGAR, 1997) que evocam uma série de seleções realizadas pelos pesquisadores em suas buscas guiadas por princípios de êxito, e, portanto, pretendo, nesta seção, pensar uma dessas estratégias de validação do conhecimento, que é o trabalho em equipe. Para este exercício analítico, pretendo comparar como esta estratégia foi realizada pelo grupo do MERG, composto por profissionais da área biomédica, e pelo FAGES, composto por antropólogos. Assim, apontarei características que particularizam cada um desses grupos, mas também pontos de intersecção e semelhança.

No decorrer do trabalho de campo em Recife, me deparei com múltiplos arranjos de autoria nos artigos. Além destes arranjos que me possibilitaram comparar as Ciências da saúde e a Antropologia, interiormente a um mesmo grupo também se manifestaram múltiplos estilos de autoria, a depender do tipo de publicação que estava sendo feita. Para começar, Luciano Firmino, um dos integrantes do grupo MERG, disse:

A gente tem uma espécie de **núcleo duro** que é bem pequeno que são as pessoas que estão desde o início da idealização dos projetos e da captação de recursos e que também supervisionam a maior parte dos estudos e fazem parte da elaboração do projeto que participa da maioria dos artigos, de quase todos. E cada artigo depende das negociações. Por exemplo, os **artigos dos alunos da pós-graduação**. Então tem um recorte ali então entra o supervisor, que é o orientador e os co-orientadores, aquela aluna, outros alunos que participaram da coleta ou da elaboração do projeto de alguma forma ou contribuíram com a coisa intelectual mesmo. Porque tem que ter uma contribuição intelectual. E, às vezes, ocasionalmente, alguém que entrou na análise ou alguém que a gente consultou. Então, assim, **esses artigos geralmente têm muita autoria. São feitos a muitas mãos**. E a gente tem esses **parceiros internacionais** também às vezes. Por exemplo, alguém tá lá em Londres, ela tem uma aluna lá que vai fazer uma revisão sistemática, às vezes usa também parte do banco [de dados]. A gente sempre conversa. (Luciano Firmino; grifo meu)<sup>24</sup>

A fala do interlocutor remete a três principais pontos que quero desenvolver aqui, o primeiro é a ideia de “núcleo duro”; o segundo a classificação de “artigos de alunos da pós-graduação”; e o terceiro, a ideia de “parcerias internacionais”.

---

<sup>24</sup> Esta entrevista foi conduzida no dia 8/6/2023, por Thais Valim e por mim, no prédio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Pernambuco (PPGCS/HUOC). A transcrição foi feita por Thais Valim.



### 2.1.2 “A gente tem uma espécie de núcleo duro”

O MERG é um grupo numeroso que, ao longo dos anos, contou com muitos pesquisadores de diversas especialidades da área biomédica como: Epidemiologia, Saúde Coletiva, Psicologia, Enfermagem, Neurologia pediátrica, Endocrinologia pediátrica e Urologia pediátrica, por exemplo. Mas, com a realização de trabalhos de campo em Recife, percebi que esse grande grupo possui subdivisões internas e que o núcleo duro é composto por um seleto conjunto de pesquisadores mais experientes que já tinham o hábito de trabalhar em parceria. Vários deles são pesquisadores sêniores<sup>25</sup> que – apesar de possuírem diferentes pertencimentos institucionais – compartilham o interesse pelas chamadas doenças negligenciadas<sup>26</sup> e, muitas vezes, epidêmicas, tendo então trabalhado em projetos anteriores sobre temas como a filariose, dengue, tuberculose e HIV.

Como Ana Catarina Bastos, integrante do MERG, informou, “quando começou essa demanda da observação das neuropediatras no aumento de casos, foi um movimento intuitivo, quase. A gente procurou reunir quem a gente tinha já o hábito de trabalhar junto, embora não dentro da mesma instituição”. Ou seja, num momento em que se iniciou uma emergência sanitária desconhecida, com repentino aumento de notificação de nascimentos de crianças com microcefalia, esse grupo recorreu às suas relações anteriores de trabalho para formar uma equipe de pesquisa, idealizar projetos, captar recursos e supervisionar os estudos. É importante destacar também que o momento inicial da epidemia, no qual ainda pairavam muitas incertezas, foi marcado por pesquisas que se esforçavam em explicar a epidemia de microcefalia. Isso guiou o núcleo duro do MERG para a escrita e publicação de artigos de um estudo de caso-controle, uma encomenda do Ministério da Saúde (MS) brasileiro, em parceria com a SES/PE a OPAS, estabelecida por meio de Termo de Cooperação, para investigar a emergência. Este estudo caso-controle foi dividido em duas publicações, sendo que a primeira, publicada em setembro de 2016, foi um artigo preliminar (ARAÚJO et al., 2016), enquanto a segunda, publicada em março de 2018, foi um artigo final (ARAÚJO et al., 2018). Os títulos dos dois textos são, respectivamente *Association between Zika virus infection and microcephaly in Brazil, January to*

---

<sup>25</sup> O CNPq possui uma classificação própria de pesquisador sênior (PQ-SR) a título de concessão de bolsas, no entanto, aqui eu utilizo essa terminologia apenas me referindo à interpretação minha de que muitos destes pesquisadores já possuem décadas de atuação em suas áreas.

<sup>26</sup> As doenças negligenciadas são aquelas causadas por agentes infecciosos ou parasitas e são consideradas endêmicas em populações de baixa renda. Essas enfermidades também apresentam indicadores inaceitáveis e investimentos reduzidos em pesquisas, produção de medicamentos e em seu controle. Fonte: <<https://agencia.fiocruz.br/doen%C3%A7as-negligenciadas>>.

May, 2016: preliminary report of a case-control study e Association between microcephaly, Zika virus infection, and other risk factors in Brazil: final report of a case-control study. Ambas foram publicadas em língua inglesa na revista *The Lancet Infectious Diseases*<sup>27</sup>, de Qualis A1, na classificação brasileira<sup>28</sup>, e contaram com um total de 20 pessoas na lista de autoria. Os pertencimentos institucionais dessas pessoas são dados que remetem à encomenda feita pelo MS: dez pessoas aparecem vinculadas ao Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz/Recife), sendo uma delas o então diretor do Departamento de Doenças Transmissíveis do MS nesta instituição de pesquisa; três outras, à Universidade Estadual de Pernambuco (UPE), instituição de ensino e pesquisa cujo hospital escola é o Hospital Universitário Oswaldo Cruz (HUOC), local que recebeu e assistiu muitas das crianças afetadas pela epidemia; dentre estas três relacionadas à UPE, uma também se vincula a outra instituição de ensino e pesquisa, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); três se vinculam exclusivamente à UFPE; uma é vinculada ao Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), hospital referência em gravidez de risco de Recife; uma é vinculada à SES/PE; uma à *London School of Hygiene and Tropical Medicine*; e um era o então coordenador de Doenças Transmissíveis e Análise de Situação de Saúde da OPAS. Quanto a este estudo de caso-controle, fiz uma descrição detalhada sobre a composição de autoria para destacar as instituições que foram principalmente convocadas a dar a resposta à emergência sanitária de Zika.

Trago abaixo alguns elementos da seção de “métodos” do artigo preliminar, a primeira publicação para pensar aqui. A escolha por essa seção se deu pois, a partir dela, conseguimos entender o significado de “caso-controle”, observar quais foram os materiais orgânicos coletados e os procedimentos aplicados em cima desses materiais:

“We did this case-control study in eight public hospitals in Recife, Brazil. **Cases** were neonates **with microcephaly**. Two **controls** (neonates **without microcephaly**), matched by expected date of delivery and area of residence, were selected for each case. **Serum** samples of cases and controls and **cerebrospinal fluid** samples of cases were tested for Zika virus-specific IgM and by quantitative RT-PCR. Laboratory-confirmed Zika virus infection during pregnancy was defined as detection of Zika virus-specific IgM or a

---

<sup>27</sup> Esta revista tem como foco publicar pesquisas originais que defendem mudanças ou esclarecem a prática clínica no que tange a doenças infecciosas. É publicada pela editora inglesa Elsevier e possui taxa de submissão, além de ser considerada uma das revistas mais importantes na área de ciências médicas. Fonte: <<https://www.thelancet.com/laninf/about>>.

<sup>28</sup> O Qualis Periódicos consiste num dos instrumentos de avaliação da pós-graduação *stricto-sensu* conduzida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Neste instrumento é feita a classificação da produção intelectual dos programas de pós-graduação no Brasil através da análise dos veículos de divulgação desta produção. Os periódicos são estratificados em A1 (mais elevado) e decrescem para A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 e C.

positive RT-PCR result in neonates. Maternal serum samples were tested by plaque reduction **neutralisation** assay for Zika virus and dengue virus. We estimated crude odds ratios (ORs) and 95% CIs [Confidence Intervals] using a median unbiased estimator for binary data in an unconditional logistic regression model. We estimated ORs separately for cases with and without radiological evidence of brain abnormalities” (ARAÚJO et al. 2016: p. 1356, grifo meu)<sup>29</sup>.

Ao realizar a leitura do trecho, faço a aposta de que analisar os artigos me permitirá compreender “algo da caixa preta da ciência do VZ” (FLEISCHER, 2023: p. 6) produzida em Recife. Dedico-me a observar como determinadas categorias presentes nestas peças escritas são muito significativas para se compreender aspectos menos evidentes da racionalidade médica, já que “o saber médico se apresenta [...] como um agregado irregular de disciplinas no qual muitas das noções fundamentais são implícitas” (CAMARGO JR. 2005: p. 177). Dessa forma, considerando que no tempo da publicação do primeiro artigo do estudo caso-controle do MERG o esforço era fazer a construção da relação entre a infecção por vírus Zika e a epidemia de microcefalia, o par saúde-doença se mostrou fundamental. A própria nomenclatura de estudo “caso-controle” corrobora com esse par, já que “caso” se refere aos neonatos “com microcefalia”, enquanto “controle”, àqueles “sem microcefalia”, o que remete à caracterização da biomedicina como um saber que identifica, descreve e classifica as doenças. Vale destacar que esta operação que define uma “anomalia” só é possível quando se tem um quadro de “normalidade” com o qual se comparar.

Além da definição de patologia/normalidade na qual chegamos através da análise do caso-controle, é interessante notar como as amostras orgânicas aparecem neste trecho e revelam sobre as racionalidades médicas, bem como sobre os processos de inscrição que transformam matéria em escrita (LATOURE e WOOLGAR, 1997). Retomando a noção de cadeias de seletividade (KNORR-CETINA, 2005) e acoplando a ela a sugestão de “pensar diferentes agenciamentos de fluidos e substâncias corporais” (MANICA et al., 2018: p. 94 *apud* FLEISCHER, 2023), pude observar que a testagem das amostras de soro e de fluido

---

<sup>29</sup> “Nós fizemos este estudo de caso-controle em oito hospitais públicos em Recife, Brasil. Casos eram neonatos com microcefalia. Dois controles (neonatos sem microcefalia), pareados por data estimada do parto e área de residência, foram selecionados para cada caso. Amostras de soro de casos e controles e amostras de fluido cerebrospinal de casos foram testadas para IgM específico para vírus Zika e por RT-PCR quantitativo. Infecção por Zika vírus durante a gravidez confirmada em laboratório foi definida como detecção de IgM específico para vírus Zika ou como um resultado positivo para RT-PCR em neonatos. Amostras de soro materno foram testadas por ensaio de neutralização de redução de placa para vírus Zika e vírus da dengue. Estimamos as razões de probabilidade bruta (ORs) e 95% de intervalo de confiança usando um estimador mediano não tendencioso para dados binários num modelo de regressão logístico incondicional. Nós estimamos as razões de probabilidade separadamente para casos com e sem evidência radiológica de anomalias cerebrais”.

cerebroespinal foram seleções contingencialmente contextualizadas que transformaram pacientes em sujeitos de pesquisa. Assim, o material orgânico extraído do corpo das crianças no espaço dos serviços de saúde se tornou amostra biológica (FLEISCHER, 2023) submetida, no espaço dos laboratórios, aos inscritesores, os testes de anticorpos IgM e por RT-PCR quantitativo<sup>30</sup>. Já os inscritesores que transformaram o soro materno foram os testes de neutralização de redução na placa. Considerando que o laboratório constitui o ambiente onde as seleções são transformadas em conquistas técnicas, os artefatos inscritesores foram exitosos em apontar a associação Zika-microcefalia congênita, o que se observa na seção “discussão” ainda neste mesmo primeiro artigo de caso-controle: “this preliminary analysis shows a strong association between microcephaly and laboratory confirmation of Zika virus infection by RT-PCR or Zika virus-specific IgM in cerebrospinal fluid or serum of neonates”<sup>31</sup> (ARAÚJO et al. 2016: p. 1360).

É interessante notar que, apesar do MERG ter obtido êxito em mostrar um nexu causal entre um agente etiológico<sup>32</sup> (vírus Zika) e a manifestação da desordem (microcefalia) no primeiro artigo de caso-controle, este grupo julgou necessária a publicação de um segundo artigo deste mesmo estudo. Observo que esta estratégia cumpriu a função de excluir outras hipóteses levantadas para explicar a emergência – como a hipótese de associação entre a epidemia de microcefalia congênita e o uso de larvicidas, biológicos ou químicos, para controlar a reprodução do mosquito *Aedes aegypti* em tanques de água potável na RMR (ALBUQUERQUE et al., 2016). E, portanto, teve a eficácia de estabilização e validação do conhecimento. Ademais, ao atentarmos para o lapso temporal entre a primeira e a segunda publicação (setembro de 2016 e março de 2018, respectivamente), encontramos pistas de que a solidificação do conhecimento não se resume a um evento automático, mas ocorre através de uma processualidade, uma construção, o que se observa no segundo artigo:

“The association between microcephaly and congenital Zika virus infection was **confirmed**. We provide **evidence** of the absence of an effect of other potential factors, such as exposure to pyriproxyfen or vaccines (tetanus, diphtheria, and acellular pertussis,

---

<sup>30</sup> O teste de IgM (referente ao anticorpo Imunoglobulina M) é um tipo de exame que faz a confirmação de infecção por um agente infeccioso ao detectar a presença de resposta imune no organismo. Já o RT-PCR (“transcrição reversa por reação de cadeia de polimerase”) é um exame que detecta a presença de material genético de um determinado vírus na amostra biológica humana. Fonte: <<https://www.medicina.ufmg.br/rt-pcr-ou-sorologico-entenda-as-diferencas-entre-os-testes-para-a-covid-19/>>.

<sup>31</sup> “Esta análise preliminar mostra uma forte associação entre a microcefalia e a confirmação laboratorial de infecção por vírus Zika realizada por PCR-RT ou IgM específico para vírus Zika em fluido cerebroespinal ou soro de neonatos” (tradução minha).

<sup>32</sup> Agente infeccioso/patógeno responsável por causar uma doença. Pode ser um vírus, uma bactéria ou um protozoário, por exemplo. Fonte: <[https://www.parasitologia.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=414](https://www.parasitologia.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=414)>.

measles and rubella, or measles, mumps, and rubella) during pregnancy, confirming the findings of an ecological study of pyriproxyfen in Pernambuco and previous studies on the safety of Tdap vaccine administration during pregnancy” (ARAÚJO et al., 2018: p. 328)<sup>33</sup>.

Com os excertos trazidos nesta seção, concluo que a validação do conhecimento na cultura e linguagem biomédicas deste grupo de pesquisadores ocorre em termos de identificar lesões, testar e neutralizar amostras, confirmar associações e achados, prover evidências, excluir fatores de risco. Com isso, lanço de antemão a ideia de que a estabilização do conhecimento nas Ciências da saúde muito se difere daquela que ocorre na Antropologia. Atentar para os verbos utilizados nos artigos nos dará boas pistas sobre esta discussão que pretendo desenvolver nas seções adiante.

### **2.1.3 “Os artigos dos alunos da pós-graduação”: especialidades médicas acionadas**

Após estabelecida a relação entre a infecção congênita por vírus Zika e a microcefalia, o MERG mudou seu foco de interesse, e passou, então, a acompanhar, no decorrer do tempo, o crescimento das crianças afetadas pela SCVZ. Lembro de um trecho da entrevista com Ana Catarina Bastos. Ela nos explicou sobre a ordem de prioridades de estudo do grupo:

Depois que o caso controle foi publicado, que as crianças foram acompanhadas, aí, veja bem, o foco de interesse já não era mais a explicação da epidemia de microcefalia. Passou a ser como são esses neonatos, como eles vão se desenvolver e que necessidade eles terão. Então, aí delineou-se já mais outros agregados de pesquisadores (Ana Catarina Bastos).<sup>34</sup>

Os novos agregados aos quais Ana Catarina Bastos se referiu eram as especialidades médicas, como a “otorrino”, a “neuro”, a “oftalmo” e a “endócrino”. E, a partir disso, retomo o segundo ponto que quero desenvolver a partir da fala inicial de Luciano Firmino para pensar o trabalho em equipe, a ideia de “artigos de alunos da pós-graduação”. Se, num primeiro momento, os dois principais informes etiológicos do MERG priorizaram em suas listas de autores aqueles pesquisadores do núcleo duro juntamente com representantes de importantes instituições parceiras que foram convocadas a compor a resposta à epidemia, num segundo momento, as

---

<sup>33</sup> “A associação entre microcefalia a infecção congênita por vírus Zika foi confirmada. Nós provemos evidências da ausência de efeitos de outros potenciais fatores, como exposição a piriproxifeno ou a vacinas (tétano, difteria, coqueluche acelular, sarampo e rubéola, ou sarampo, caxumba e rubéola) durante a gravidez, confirmando achados de um estudo ecológico do piriproxifeno em Pernambuco e estudos anteriores sobre a segurança da administração de vacina Tdap durante a gravidez” (tradução minha).

<sup>34</sup> Esta entrevista foi conduzida no dia 29/5/2023, por Thais Valim e por mim, no Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (CPQAM/UFPE). A transcrição foi feita por Mariana Petruceli.

negociações de autoria envolveram estudantes de mestrado e de doutorado e seus recortes de pesquisa mais específicos. Assim, novas autorias principais e novos arranjos surgiram e incluíram relações entre um aluno e seu orientador/coorientador, ou entre ele e outros colegas (em processo de formação ou já formados). Nesse tipo específico de publicação, questionar sobre o desenvolvimento daqueles neonatos ao longo do tempo e as suas respectivas necessidades significou abordar os sinais e sintomas a partir de cada uma dessas especialidades médicas mencionadas no início deste parágrafo, o que se conecta aos alunos de pós-graduação dado que eles também faziam seus mestrados e doutorados a partir do recorte da especialidade. Este procedimento muito se beneficiou de um outro tipo de estudo, a coorte. Este tipo de estudo consiste numa investigação epidemiológica que delimita uma população e a acompanha longitudinalmente, no decorrer de meses, anos ou décadas, a fim de buscar possível associação entre exposição e desfecho (CAMARGO, SILVA e MENEGUETTI, 2019). Vale destacar que, nesta técnica de pesquisa, a legitimidade do estudo e sua aceitação por pares biomédicos cresce de acordo com sua capacidade de representatividade estatística, ou seja, quanto maior o número de crianças recrutadas para compor o estudo, maiores as chances de ele obter reconhecimento e legitimidade. No caso do Zika, o caráter longitudinal da coorte possibilitou a identificação de manifestações adicionais a longo prazo da SCVZ que afetaram áreas específicas dos corpos das crianças, como é o caso, por exemplo, da criptorquidia<sup>35</sup>, que atingiu o trato geniturinário dos infantes (VASCONCELOS et al., 2020).

Trago abaixo algumas considerações sobre a racionalidade médica para pensarmos a divisão da medicina em áreas de interesse:

A Biomedicina vincula-se a um “imaginário científico” correspondente à racionalidade da mecânica clássica, caminhando no sentido de isolar componentes discretos, reintegrados a posteriori em seus “mecanismos” originais. O todo desses mecanismos é necessariamente dado pela soma das partes [...]. Resumindo, essa racionalidade pode ser delineada em três proposições:

(1) À produção de discursos com validade universal, propondo modelos e leis de aplicação geral, não se ocupando de casos individuais: caráter **generalizante**;

(2) Os modelos aludidos acima tendem a naturalizar as máquinas produzidas pela tecnologia humana, passando o “Universo” a ser visto como uma gigantesca máquina, subordinada a princípios de causalidade linear traduzíveis em mecanismos: caráter **mecanicista**;

(3) A abordagem teórica e experimental adotada para a elucidação das “leis gerais” do funcionamento da “máquina universal” pressupõe o isolamento de partes, tendo como pressuposto que o funcionamento do todo é necessariamente dado pela soma das partes: caráter **analítico** (CAMARGO JR, 2005. p. 178, grifos meus).

---

<sup>35</sup> A criptorquidia é identificada quando, durante exame físico, os testículos se mostram ausentes no saco escrotal. Fonte: <<https://portaldaurologia.org.br/publico/doencas/criptorquidia-o-que-e-causas-e-tratamentos/>>.

Tendo como pano de fundo esta caracterização tripla da Biomedicina, feita por Camargo Jr., destaco um excerto da seção de “resultados” de um artigo publicado também pelo MERG. O artigo foi escrito em língua inglesa e publicado no mês de janeiro de 2020, na revista mensal de Qualis A1, *Epilepsia*<sup>36</sup>, periódico da *International League Against Epilepsy*. Este excerto é especialmente significativo e foi escolhido pois condensa três ideias para as quais pretendo chamar atenção: números, instrumentos tecnológicos e “anomalias”. O artigo totaliza 15 pessoas em sua lista de autoria e é voltado a uma abordagem neurológica da SCVZ, uma das especialidades médicas que no início da epidemia mais se dedicou a estes crianças:

The study included 91 children with microcephaly who were evaluated over the first 2 years of life during a median of four outpatient visits. The analytical cohort comprised 48 females and 43 males. Overall, 88 (96.7%) participants were considered to have severe microcephaly. CSF samples from 60 children and blood samples from 23 children were tested for ZIKV; 52 were ZIKV-IgM+ in CSF and two were ZIKV-IgM+ in blood. All participants underwent CT and/or MRI neuroimaging (CT & MRI, n = 36; CT alone, n = 38; MRI alone, n = 17;), and 100% of them presented with abnormalities commonly found in congenital ZIKV infection, including corticosubcortical calcifications, cortical developmental disorders with simplification of the gyral pattern (pachygyria/agyria/lissencephaly) or polymicrogyria, and cortical atrophy with ventriculomegaly (CARVALHO et al 2020: p. 512)<sup>37</sup>.

Pensando nas três proposições que delineiam a racionalidade médica, conforme Camargo Jr., busquei neste excerto sinais do caráter generalizante, mecanicista e analítico no estudo. Em primeiro lugar, destaco que a prevalência e importância dos números remete ao argumento construído com base em parâmetros estatísticos, caracterizando um campo de interação discursiva onde as escrituras de autoridade (KNORR-CETINA, 2005) se constroem sobre o aspecto quantitativo. Desse modo, incluir 91 crianças ao estudo, considerar a porcentagem de participantes com microcefalia severa, testar amostras de fluido cerebrospinal de 60 crianças e de sangue de 23 e submeter 100% das crianças à neuroimagem por tomografia computadorizada

---

<sup>36</sup> Esta revista da editora multinacional norte-americana, *John Wiley and Sons*, tem como foco publicar resultados clínicos e de pesquisa atuais sobre todos os aspectos da epilepsia. Ela possui taxa de submissão. Fonte: <<https://onlinelibrary.wiley.com/page/journal/15281167/homepage/productinformation.html>>.

<sup>37</sup> “O estudo incluiu 91 crianças com microcefalia que foram avaliadas pelos 2 primeiros anos de vida durante uma média de quatro consultas ambulatoriais. A coorte analítica compreendeu 48 crianças do sexo feminino e 43 do masculino. No total, 88 (96.7%) participantes foram considerados com microcefalia severa. Amostras de fluido cerebrospinal de 60 crianças e amostras de sangue de 23 crianças foram testadas para vírus Zika; 52 foram VZ-IgM+ em fluido cerebrospinal e duas foram VZ-IgM+ no sangue. Todos os participantes foram submetidos a neuroimagem por tomografia computadorizada (TC) e/ou ressonância magnética (RM) (TC e RM, n = 36; somente TC, n = 38; somente RM, n = 17) e 100% deles apresentaram anormalidades comumente encontradas em infecção congênita por vírus Zika, incluindo calcificações corticosubcorticais, distúrbios do desenvolvimento cortical com simplificação do padrão giral (paquigiria/agyria/lisencefalia) ou polimicrogria e atrofia cortical com ventriculomegalia” (tradução minha).

e/ou por ressonância magnética são estratégias de objetivação da realidade de caráter generalizante. Em segundo lugar, proponho que observemos os artefatos técnicos que aparecem explícita ou implicitamente no excerto – aparelhos de tomografia computadorizada e de ressonância magnética, agulhas, instrumentos de testagem, *softwares* de análise de dados – sem associá-los acriticamente à ideia de progresso tecnológico, mas atentando para o sistema social no qual eles se inserem e para os significados políticos a eles atribuídos (WINNER, 2017). Este exercício nos conduz à ideia de que, no espaço do ambulatório, a construção de sistemas técnicos vem acompanhada de exigências específicas que desembocam em formas sociais particulares, aquelas que polarizam e fragmentam o conhecimento científico dos demais tipos de conhecimento. No entanto, ao operar a fragmentação entre a tecnologia e a sociedade que a envolve, a racionalidade biomédica explicita seu caráter mecanicista. Em terceiro lugar, o trecho do artigo dá várias pistas que remetem à pressuposição do isolamento das partes que a biomedicina opera, a começar pelo nome da revista na qual está publicado: *Epilepsia*. O conceito de epilepsia significa uma desordem ocasionada por lesões cerebrais e tem a convulsão como um de seus principais sintomas. Sendo o lócus da lesão a porção superior do corpo humano, mais especificamente o cérebro e seus tecidos, detectar anormalidades como as calcificações corticosubcorticais, a paquigiria/agiria/lisencefalia ou polimicrogiria e a atrofia cortical com ventriculomegalia está de acordo com o fracionamento do corpo humano em sistemas, o que sinaliza o caráter analítico da racionalidade biomédica.

#### **2.1.4 Parcerias internacionais e consórcios de pesquisa**

O MERG é um grupo de pesquisa que ficou fortemente marcado pela internacionalização de sua produção. Alguns de seus coordenadores principais, antes da epidemia de vírus Zika, já tinham uma parceria solidificada com a *London School of Hygiene and Tropical Medicine* (LSHTM), em Londres, tendo realizado etapas formativas como doutorado, pós-doutorado e cursos de análise epidemiológica e doenças infecciosas nesta universidade. Pesquisadores que depois integraram o MERG também tiveram a chance, ao longo da pesquisa e justamente por estarem vinculados especificamente a este grupo, de aproveitar chances de formação complementar no exterior. Assim, com a chegada da epidemia de vírus Zika e das pesquisas do grupo, iniciou-se uma coleta de dados organizada por muitas frentes e em locais distintos: nos ambulatórios dos serviços de saúde, nas associações de famílias com crianças raras e microcefálicas, através da organização dos mutirões de assistência e coleta e reunindo



profissionais de muitas especialidades das Ciências da saúde. Os dados coletados eram digitados no formato de formulários que compunham um banco de dados do grupo de pesquisa, e as trocas entre os pesquisadores do MERG, em Recife, e os da LSHTM, em Londres, possibilitaram não somente intercâmbio de dados, como também visitas interinstitucionais, formação de pesquisadores e, mais importante para essa monografia, a co-autoria. Como Luciano Firmino nos explicou em sua entrevista à nossa equipe:

Aconteceu de recebermos visitantes, aluna de lá que vem aqui como visitante, traz uma contribuição e a gente tá com um tema. A gente já teve a ideia de fazer o artigo, mas está sem perna pra desenvolver. Aí, aquela aluna desenvolve, e aí nós discutimos parceria (Luciano Firmino).

A partir de sua fala, entendemos que ocorreu, então, uma distribuição de tarefas e de ideias para artigos, onde o compartilhamento de formulários disponíveis na plataforma de dados do MERG possibilitou também acesso ao material empírico para embasar escritas. Mas vale destacar que o intercâmbio internacional auxiliou também na tradução de textos, no financiamento das altas taxas de publicação colocadas pelas revistas e adequação à linguagem da publicação estrangeira.

Além destas parcerias, os “consórcios” também foram mencionados como momentos de trabalho coletivo e negociação de autoria, constituindo um tipo de publicação de “dados mais amplos, em conjunto, que trarão informações mais robustas”, segundo Luciano Firmino. No âmbito dos consórcios nacionais, diversos núcleos de pesquisadores brasileiros que estudavam Zika e que estavam acompanhando cortes ao redor do país se reuniram para realizar, por exemplo, uma metanálise de dados individuais. Esta força-tarefa originou o que Luciano Firmino chamou de “um artigo bem publicado” na revista *The Lancet Regional Health - Americas* (XIMENES et al., 2023). Já no âmbito dos consórcios internacionais, organizações como a OPAS e a OMS atuaram como mediadoras para que o MERG integrasse parcerias com países latinoamericanos e europeus, formando consórcios como o *Zika Alliance*, *Zika Plan* e *Zika Action*<sup>38</sup>. Apesar de não me deter aos consórcios especificamente neste trabalho, destaco que as definições de autoria para publicação nestes contextos envolveram, portanto, negociações que extrapolaram os limites do MERG. Estes elementos nos revelam que a produção da ciência a

---

<sup>38</sup> Estas três redes são consórcios multinacionais multidisciplinares que colaboram entre si e realizam pesquisas epidemiológicas intercontinentais para compreender os efeitos das emergências de vírus Zika e desenvolver ferramentas de diagnóstico e estratégias de controle. As três recebem financiamento do *European Union's Horizon 2020 Research and Innovation Programme*. Seus respectivos endereços eletrônicos são: <<https://zikalliance.tghn.org/>>, <<https://zikaplan.tghn.org/>> e <<https://zikaction.org/>>.

partir da epidemia de Zika colocou face a face não só culturas científicas regionais brasileiras, mas demandou uma capacidade de diálogo entre grupos, instituições e pesquisadores do Sul global entre si, bem como interações entre a ciência do Sul e do Norte globais.

Nas três primeiras seções deste capítulo, aproveitei uma fala inicial de um interlocutor para puxar a discussão sobre publicação científica no MERG pensando (1) divisões internas neste grupo de pesquisa; (2) a contribuição de alunos da pós-graduação relacionada ao acionamento de especialidades médicas e (3) o intercâmbio com parceiros internacionais e em consórcios.

A fim de fazer um apanhado do que o MERG me ensinou sobre publicação, destaco, em primeiro lugar, que a temporalidade vivida na emergência afeta o tipo de estudo biomédico a ser feito e, portanto, tem consequências também para o tipo de artigo científico a ser publicado. Assim, percebemos que o estudo caso-controle, sendo uma encomenda feita nos primeiros momentos da emergência a partir de Termo de Cooperação entre MS, SES/PE e OPAS, acarretou numa conformação de autoria que incluiu representantes destas três instituições, bem como de pessoas vinculadas a institutos de pesquisa e importantes hospitais-escola recifenses. Centros de coleta do material humano e centros de escrita acadêmica se acoplaram. Por outro lado, o estudo de coorte representa um momento diferente das investigações do MERG, no qual as crianças com SCVZ já estão crescendo, se desenvolvendo e apresentando novas manifestações da síndrome. As publicações que surgiram foram aquelas feitas por estudantes de pós-graduação, comumente dedicados a abordar a investigação a partir de suas especialidades: neurologia, urologia, gastroenterologia, oftalmologia, a título de exemplificar.

Um segundo aprendizado advindo desta seção é a de que os artigos científicos são artefatos que rendem para compreendermos sobre racionalidades biomédicas e sobre processos de produção de conhecimento. Apesar de carregarem um forte *status* de legitimadores do saber, eles também veiculam informações menos evidentes que valem a pena serem refletidas mais detidamente. Mais especificamente, as categorias neles presentes nos revelam sobre pares de oposições (como normal/patológico) e em que termos a linguagem biomédica persegue a validação de seus achados (neutralizar amostras, prover evidências, identificar lesões, etc). Quanto à processualidade, ressalto que os artigos nos ajudam a entender o que ocorre em cada espaço no processo de produção do conhecimento: materiais orgânicos foram extraídos nos serviços, determinados procedimentos técnicos foram aplicados a estes materiais nos

laboratórios. A tecnologia, ou artefatos inscritesores, trabalharam conjuntamente com os humanos para que a associação Zika-microcefalia fosse afirmada.

Após este apanhado, anuncio que as seções que se seguem terão o FAGES como foco principal. Assim, se, até aqui, tive a chance de observar como as Ciências da saúde se organizaram e publicaram a partir da epidemia de Zika em Recife, agora verei uma outra face deste “intensivão científico” (FLEISCHER, 2023), conduzida pela Antropologia pernambucana.

## **2.2 Economia científica global e políticas de Ciência e Tecnologia no FAGES**

O FAGES é um grupo de pesquisa sobre família, gênero e sexualidade sediado no Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (DAM/UFPE). Foi idealizado em 1979, após um dos primeiros encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) e registrado formalmente no CNPq em 1982, intitulado inicialmente como “A Família no Nordeste”. Em 1996, após acontecimentos que culminaram na mudança de perspectiva dos “Estudos da Mulher” para os “Estudos de Gênero”, o grupo passou a se chamar Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES). Este é um dos grupos mais importantes da Antropologia pernambucana e nacional e “conjuga formação, encontros e seminários, pesquisas, publicações e estreita colaboração com o estabelecimento e a crítica de políticas públicas” (QUADROS e SCOTT, 2016: p. 139). Durante a epidemia de vírus Zika em Recife, o grupo criou um projeto intitulado *Etnografando cuidados e Pensando Políticas de Saúde e Gestão de Serviços para Mulheres e Seus Filhos com Distúrbios Neurológicos Relacionados com Zika em Pernambuco, Brasil*, que foi submetido a dois editais de fomento – um do CNPq e outro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), em parceria com a Universidade de Sussex, da Inglaterra – e recebeu financiamento entre os anos de 2016 e 2019. O projeto de pesquisa teve como objetivo acompanhar o cotidiano das cuidadoras de crianças afetadas pela SCVZ em locais como os serviços de saúde e de reabilitação, associações de mães raras e serviços de assistência social e previdência. Considerando o contexto de emergência sanitária no qual o projeto se desenvolveu, ênfase como a ideia de “epidemia” teve desdobramentos na distribuição de recursos para pesquisa naquela época, conforme nos contou Roberta Castro, uma das integrantes do projeto:

O ZIKA impactou de diversas formas a nossa sociedade e impactou muito também a ciência. Porque ela teve um tratamento que outras doenças não tiveram, outras epidemias não tiveram. Então houve muito financiamento mesmo para isso, eu lembro que abriram vários editais, e eram editais com um montante de dinheiro bem considerável, porque **a gente não é acostumado com isso nas Ciências Humanas, de trabalhar com editais com muito dinheiro**. Mas tinha, sim, muitos editais sendo abertos (Roberta Castro, grifo meu)<sup>39</sup>.

Mejía-Navarrete (2020), em artigo que examina a base fundante da construção de políticas de ciência e tecnologia (CT) na América Latina, discorre sobre a existência de um “sistema mundo acadêmico” (ibidem: p. 15) – marcado pelo eurocentrismo cognitivo hegemônico – que orienta a produção e circulação do conhecimento no Sul global. Nessa lógica, a formulação de políticas de CT (desiguais) parte da classificação e hierarquização dos saberes científicos em dois setores, o de ciências-tecnologias e o de humanidades-ciências sociais. O primeiro é associado ao desenvolvimento produtivo e industrial, enquanto o segundo é relegado ao “estudo da beleza e da ética” (ibidem: p. 16). Essa distinção cartesiana e arcaica, segundo o autor, leva a um investimento desproporcional nas ciências exatas e naturais, deixando de lado disciplinas consideradas como de pouco valor produtivo. Aqui, a ideia de “produtividade” se alinha à aspiração de desenvolvimento industrial e faz com que o conhecimento seja elaborado enquanto um bem que tem sua utilidade medida a partir das demandas mercadológicas e do setor produtivo. Esta específica concepção de produtividade, defende Mejía-Navarrete, é a que está por trás das políticas de CT na América Latina e ela se ampara num marco de universalização de obrigações, no qual os artigos valorizados são aqueles publicados nos *journals* associados a corporações editoriais majoritariamente estadunidenses e europeias. A nomenclatura estrangeira para se referir a estes periódicos não é nada aleatória: está intimamente atrelada a um sistema mundo acadêmico monolíngue anglófono.

É interessante notar como a escassez de recursos para as humanidades, sobre a qual Mejía-Navarrete discorre, aparece na fala de Roberta Castro, ao mesmo tempo em que, no contexto da epidemia de Zika em Recife, essa situação se transformou, mesmo que de maneira transitória. Desse modo, o volume de financiamento recebido (advindo da aprovação em dois editais) e a natureza desse financiamento (recurso nacional e internacional) reforçam o caráter excepcional no qual a produção de conhecimento científico antropológico ocorreu. Apesar deste capítulo se dedicar às dimensões microsociais da construção do conhecimento na epidemia de

---

<sup>39</sup> Esta entrevista foi conduzida no dia 30/5/2023, por Caroline Franklin e por mim, na sede do FAGES, localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH/UFPE). A transcrição foi feita por Jade Ciconello.

Zika, considere importante pontuar aqui estes outros aspectos de dimensão mais ampla que atravessaram o fabrico da ciência neste contexto e que abrem a percepção para os debates em torno da marginalização e violência epistêmica, democracia cognitiva e distribuição de oportunidades nas políticas públicas de CT (MEJÍA-NAVARRETE, 2020). A seguir, retomo uma análise das características do FAGES para refletir sobre o trabalho em equipe e a publicação.

### 2.2.1 A organização da equipe e seus dois Eixos

Assim como no MERG, nesta equipe de antropólogos também notei a existência de um “núcleo duro” e de subdivisões internas. Três pesquisadores principais, também professores do DAM/UFPE, compuseram a coordenação do projeto *Etnografando cuidados*, juntamente com uma pesquisadora doutoranda e duas pesquisadoras bolsistas de pós-doutorado. Além destas pessoas, o projeto contou com participações flutuantes de estudantes de iniciação científica ou participações mais duradouras, mas que não entraram na autoria dos artigos. Após realizar as entrevistas durante o trabalho de campo, concluí que o grupo mais experiente acima mencionado foi o que figurou nas páginas dos textos publicados em revistas, o que me leva a associar o núcleo duro do FAGES à autoria. Mas também percebi que mesmo este núcleo foi subdividido. André Duarte, integrante do FAGES, lembrou como se referiam aos temas do projeto:

Olha, a gente tem uma coisa de seguir as mães, outra de falar com os gestores. Então, a gente tem um grupo [de pesquisadores] [Eixo 1] lidando com as experiências das mães e a gente tem um grupo [Eixo 2] lidando com a economia política do atendimento. A gente termina chamando-o de economia, mas basicamente era gestão também. Eram [eixos] misturados, mas com definições de ênfases diferentes (André Duarte)<sup>40</sup>.

A importância de se delinear essas organizações internas da equipe para entendermos sua cultura de publicação científica reside no fato de que, então, o grupo publicou artigos com a equipe inteira (Eixos 1 e 2), mas também ocorreram situações de publicações solo, em duplas, ou em trios, geralmente de um mesmo eixo. Também de modo semelhante ao MERG, o FAGES e seus eixos temáticos internos protagonizaram transformações no tipo de publicação científica, conforme o passar do tempo. Deste modo, percebo que, no início do projeto, ocorreu um esforço maior, materializado em encontros e discussões da equipe e dos eixos, para que a publicação fosse feita em conjunto (SCOTT et al., 2017; LIRA, SCOTT e MEIRA, 2017; SILVA, MATOS e QUADROS, 2017; MATOS, LIRA E MEIRA, 2018; SCOTT et al., 2018). Lanço também a

---

<sup>40</sup> Esta entrevista foi conduzida no dia 7/6/2023, por Laura Coutinho e por mim, na sede do FAGES, localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH/UFPE). A transcrição foi feita por Mariana Petruceli.

hipótese de que as “publicações iniciais” carregaram um peso maior – tanto no MERG quanto no FAGES – de lançar, firmar e visibilizar a equipe no cenário mais amplo de “intensivão científico” (FLEISCHER, 2023, p. 5):

Uma das primeiras [publicações] que a gente escreveu foi para uma revista na Bahia. Essa, a gente tentou botar quase todo mundo. Que é sobre três campos tensionados. São questões importantes para trabalhar nisso, era basicamente a orientação do nosso trabalho. A gente sentia que **essa orientação ia ajudar a gente a pensar**. Então, vamos sistematizar um pouco mais. Mas não tinha muitos dados porque a gente só tinha começado a fazer pesquisa. Então, vamos colocar como **coisas para orientar o pensamento**. Então era todo mundo pensando junto. E de fato foi trabalhado bastante junto (André Duarte, grifo meu).

A publicação à qual o trecho se refere ocorreu em língua portuguesa, em agosto de 2017, na revista intitulada *Cadernos de Gênero e Diversidade*<sup>41</sup>, periódico da Universidade Federal da Bahia de publicação trimestral e Qualis A3. O nome do artigo é “A Epidemia de Zika e as Articulações das Mães num Campo Tensionado entre Feminismo, Deficiência e Cuidados”, e ele conta com sete pessoas em sua lista de autoria. Buscando pistas neste trabalho escrito que me ajudassem a entender as seleções realizadas pelos pesquisadores e o que seria a “orientação” relatada por André Duarte, logo me deparei com o recorte estabelecido neste artigo:

O que focamos no texto são as **linhas tensoras** que aparecem na mediação entre estes dois contextos [da vida cotidiana de cuidadoras de crianças com SCVZ e de políticas públicas direcionadas a essa população] **a partir de duas associações de mães**, nas quais estes temas subjazem o diálogo e se tornam visíveis em certos pontos de contato entre eles (SCOTT et al. 2017: p. 73).

As linhas tensoras, portanto, são definidas pelas três categorias que dão nome ao trabalho: feminismo, deficiência e cuidado. Múltiplos espaços foram percorridos pela equipe para dar conta do que era a nova emergência sanitária do Zika, como seminários de pesquisadores da saúde, audiências públicas, consultas em hospitais e clínicas. Essa metodologia realizada através de trabalho de campo antropológico conferiu uma visão contextualizada da epidemia, mas acompanhar e priorizar as associações de mães foi uma decisão que permeou fortemente esta publicação:

Nossa primeira entrada no campo aconteceu no dia 20 de outubro de 2016. Fomos **visitar a sede** da AMAR (Aliança das Mães e Famílias Raras), em Setúbal, no Recife. Desde então, **temos acompanhado as reuniões semanais e alguns eventos** organizados pelo grupo (SCOTT et al. 2017: p. 76).

---

<sup>41</sup> Esta revista se dedica a divulgar resultados de pesquisas e intervenções de interesse dos Estudos de Gênero, Estudos Étnico-Raciais, Estudos de Sexualidade e outros campos interdisciplinares envolvidos com questões de diversidade. É um periódico brasileiro sem taxa de submissão de textos. Fonte: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/about>>.

### 2.2.2 Verbos e práticas de pesquisa

Observando os procedimentos de pesquisa que aparecem no artigo, percebi que a construção do conhecimento em Antropologia ocorre a partir de verbos como “observar”, “acompanhar” e “participar”. A visita à sede da Aliança de Mães e Famílias Raras (AMAR) e da UMA (União de Mães de Anjos), a presença nas reuniões semanais, os diálogos estabelecidos com mães raras e mães de micro e as observações que os antropólogos trazem para o texto levam a leitora constantemente para o domínio das experiências vividas por essas mães e cuidadoras:

Organizações como a AMAR e a UMA, sobre a qual falaremos a seguir, além do papel político que exercem em termos de mediação com o Estado, da assistência e apoio psicológico às famílias, se constituem em espaços privilegiados para que as mães e famílias afetadas por essas condições possam organizar essa **experiência** a partir de um processo de sociabilidade marcado pelo reconhecimento através da identificação da maternidade ou da parentalidade (SCAVONE, 2001) experimentada por sua condição de “mãe especial”, “mãe rara”, “mãe de anjo”, etc. São **categorias que emergem dos discursos** e que amparam um conjunto de **práticas** voltadas para a valorização do papel de mãe de ‘anjo’, de “raro” ou de “micro”. Os **relatos** sobre suas experiências com a condição dos filhos estão fundamentados a partir de noções de “sacrifício”, de “luta”, de “força”, de “benção” em oposição a uma ideia de luto, tristeza ou abatimento (SCOTT et al. 2017: p. 81).

As escolhas do FAGES por priorizar as associações de mães, por observar suas experiências enquanto responsáveis por crianças com deficiências e por comparar práticas e discursos que emergem da condição que vivenciam podem ser analisadas a partir de duas noções que quero desenvolver neste momento. A primeira delas é a de que a abordagem do “Cuidado em saúde” constitui uma espinha dorsal deste núcleo de Antropologia. Como Ferraz (2022) aponta num romance gráfico<sup>42</sup> que ilustra a experiência de uma jovem mulher diagnosticada com câncer de mama, esta abordagem do Cuidado parte de uma concepção ampliada de saúde, e não reduzida a uma simples questão das Ciências biomédicas. Esta concepção, aliada à valorização de que diversos conhecimentos sejam mobilizados para compreender processos de saúde/adoecimento, percebe então a relevância, para o cuidado em saúde, das trajetórias e relatos de quem vive concretamente com o diagnóstico de uma doença – ou de quem cuida de uma criança diagnosticada com SCVZ, para aplicarmos estes termos a este TCC. Dulce Ferraz, autora do livro, desenvolve sobre esta abordagem:

---

<sup>42</sup> O romance gráfico é um recurso comunicativo em formato de quadrinhos que apresenta narrativas mais longas e aprofundadas, aproximando quem lê daquilo que ocorre na vida da personagem (FERRAZ, 2022; p. 295-296).

Sem negar a importância do saber biomédico, o Cuidado propõe reconhecer a complexidade das experiências de adoecimento e resgatar a dimensão do encontro e do diálogo nas práticas de saúde, entendendo que os modos de cuidar serão mais eficientes se levarem em conta a realidade concreta de cada uma. Dito de outro modo: o Cuidado defende que, ao colocar em diálogo os saberes técnicos e os práticos, ou seja, **aquilo que cada pessoa sabe da própria vida**, podemos construir soluções mais eficientes para os problemas de saúde, de forma compartilhada e ética (FERRAZ, 2022: p. 15, grifo meu).

Esta valorização de relatos, experiências concretas e conhecimentos não biomédicos remetem à segunda noção sobre a qual pretendo falar, que é a importância das categorias “locais”, “específicas”, ou até mesmo “nativas”, para a produção de conhecimento em Antropologia. Para falar da importância das categorias, relembro da antropóloga do DAN/UnB, Mariza Peirano, e de seu artigo *Etnografia não é método* (2014). Nele, a autora parte do estranhamento de uma situação cotidiana de recadastramento eleitoral biométrico para complexificar a ideia de “método etnográfico”. Tecendo um fio que conecta o passado e o presente da disciplina antropológica, ela discorre sobre o par teoria/empíria, defendendo que, contemporaneamente, essa oposição dê lugar à ideia de “formulação teórico-etnográfica” (PEIRANO, 2014: p. 383). Esta ideia significa que a etnografia, como trabalho textual, e a empíria, como trabalho de campo, não são procedimentos fragmentados, mas sim imbricados, como nos fala a autora: “etnografia não é método, toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014 p. 383). A partir disso, vale retomar a importância das categorias locais que o FAGES traz em seu texto: mãe de “anjo”, de “raro” ou de “micro” são aqui analisadas como “teorias nativas” que, ao serem transcritas para o artigo científico, conferem validação e reconhecimento pelos pares da área. Este processo de aceitação é reforçado na medida em que as categorias específicas captadas através do convívio com as associações de mães em Recife despertam-nos para agências desconhecidas do senso comum, adicionando uma camada de inventividade à empreitada antropológica e possibilitando sua constante renovação. Como apresentado no Capítulo 1 deste TCC, o uso destes recursos retóricos estão ligados à ideia de “arte-etnográfica” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 38), processo que atribui qualidades literárias aos escritos antropológicos afetando a forma como fenômenos culturais são registrados.

Tendo falado da relevância dos termos culturalmente localizados para a produção de conhecimento antropológico, aproveito mais um pouco das contribuições de Mariza Peirano e chamo atenção para a forma como as referências teóricas são utilizadas no artigo do FAGES. Aqui, destaco a noção de que a teoria molda o olhar antropológico na definição de seus



procedimentos, escolhas e maneiras de observar a realidade. No mesmo artigo da equipe do FAGES:

“A importância dessas associações é apontada por Diniz (2016), entre outras coisas, por se constituir como espaço de produção de uma “ciência doméstica do cuidado que se move paralela à ciência oficial da medicina” (DINIZ, 2016: p. 10)” (SCOTT et al. 2017 p. 75)

E ainda:

“A ideia recorrente na qual a responsabilidade e compromisso em cuidar dos filhos com deficiência recai mais sobre a mulher tem sido destacada na literatura sobre cuidado, gênero e deficiência (HIRATA, 2012; SILVA, 2014; BARBOSA, et al., 2007; FALKENBACH et al., 2008). Tal situação vivenciada pela mulher, como principal responsável pelo cuidado se assenta fundamentalmente pela posição de gênero imputada a esta na sociedade” (SCOTT et al. 2017: p. 80)

Assim, o artigo constrói sua validade e legitimidade através de constelações de seleções (KNORR-CETINA 2005), onde acompanhar as associações de mães e observar a ciência doméstica do cuidado é uma escolha baseada na tradução de seleções feitas por Diniz (2016) e também pela equipe da UFPE. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, adotar uma abordagem feminista do cuidado e da deficiência pode ser entendido como um recurso que se alimenta das ferramentas, métodos e interpretações de autoras anteriores, cuidadosamente citadas no artigo: Hirata (2012), Silva (2014), Barbosa et al. (2007) e Falkenbach et al. (2008). Nesse sentido, Knorr-Cetina (2005) nos convoca a atentar para o ciclo de produção do trabalho científico amparado na seletividade e acumulação de resultados, contribuindo para que pensemos que “os produtos da ciência estão impregnados, ao mesmo tempo em que são impregnadores de decisões” (KNORR-CETINA, 2005: p. 64).

De modo geral, esta segunda metade do Capítulo 2 focou em algumas análises sobre a organização do FAGES no projeto *Etnografando cuidados*, e sobre a primeira publicação de artigo científico realizada por esta equipe de antropólogos no âmbito deste projeto. A fim de sintetizar alguns aprendizados advindos destas análises, começo enfatizando o peso que a categoria “epidemia” teve para balançar o modo como as políticas de CT estavam sendo elaboradas e aplicadas no Brasil à época da emergência. Mais especificamente para o FAGES, um grupo de antropólogos localizado no epicentro do acontecimento, esta categoria significou um momento excepcional de acesso a recursos e de rompimento, mesmo que momentâneo, de uma hierarquização profunda entre ciências-tecnologias e humanidades-ciências sociais, no que tange ao acesso a financiamento para pesquisa. Quanto às seleções feitas pela equipe para a

produção do conhecimento, sinalizo que a utilização de uma abordagem feminista do “Cuidado em saúde” reflete um processo histórico de um grupo de pesquisa marcado por uma interação próxima com movimentos sociais e por investigações junto a famílias populares de Recife. Em termos de publicação, isso se liga às estratégias retóricas que foram evidenciadas aqui, onde lançar mão de termos “nativos”, da experiência de convivência direta com interlocutores e promover a renovação da arte-etnográfica são todas maneiras de perseguir a positivação do conhecimento produzido.

### CAPÍTULO 3

#### Tempos, engajamentos, revistas e idiomas

No Capítulo 2, iniciei uma apresentação de dados empíricos do trabalho de campo para refletir sobre publicação científica. O tema do trabalho em equipe funcionou como um assunto ativador de uma série de outras discussões que nos conduziram a pensar divisões internas nos grupos de pesquisa, parcerias internacionais, processos de formação de pesquisadores no curso da epidemia, relações entre teoria e empiria na pesquisa antropológica e políticas de incentivo à CT na América Latina. No presente capítulo, proponho seguir apresentando trechos de entrevistas e excertos de artigos científicos, mas sinalizo que novas temáticas serão suscitadas, como a publicação em tempo de emergência sanitária e a escolha de revistas científicas.

#### 3.1 Os tempos de publicação e a antropologia aplicada do FAGES

A segunda temporada de campo da qual tive a chance de participar teve início ainda em Brasília, quando conduzi uma entrevista remota com Miriam Souza. À época da epidemia de vírus Zika, Miriam era estudante de mestrado em Antropologia na UFPE e participou do projeto *Etnografando cuidados*. Ao ser questionada sobre como o tempo emergencial afetou o ritmo de publicação no FAGES, ela nos contou o seguinte:

Em termos da epidemia da Zika, eu sentia que havia pressa para escrever. Mas isso exige da gente, pros nossos textos na Antropologia, um **tempo de reflexão**, um **tempo de cuidado ético** com aquilo que a gente tá escutando em campo, que a gente tá observando, que a gente tá desenvolvendo. Então, eu acho que são tempos diferentes [entre a Antropologia e a Saúde], por mais que houvesse uma pressa. Por mais que houvesse uma necessidade de estar respondendo a nível científico, no FAGES, eu sentia que havia uma pressa maior em **promover eventos** com a gestão. E, dali, surgiram reflexões sobre artigos, e aí isso era outro passo, isso era outra história. (Miriam Souza, grifos meus)<sup>43</sup>.

Como percebido no Capítulo 2, os eventos organizados por associações de mães e familiares de crianças afetadas pela epidemia, como a UMA e a AMAR, foram momentos importantes nos quais o FAGES encontrou espaços de observação de práticas e discursos e de interação com os atores sociais envolvidos. Com a fala de Miriam, a importância dos eventos foi novamente destacada, mas, agora, adicionando-se uma camada de ponderação, já que o tempo vivido nos eventos era um tempo de construção de relações sociais e, portanto, um “tempo de reflexão e de cuidado ético”. Desse modo, percebemos que o fato de se tratar de uma emergência

---

<sup>43</sup> Esta entrevista foi conduzida remotamente no dia 19/5/2023, por mim, Laura Coutinho e Caroline Franklin. A transcrição foi feita por mim.

sanitária suscitou no FAGES uma preocupação de responder a nível científico, no entanto, esta preocupação estava condicionada a – e não era condicionante de – outros fatores de observação da realidade circundante. Quando Miriam nos conta que dos eventos surgiram reflexões sobre possíveis artigos mas que a escrita “era outro passo” da produção de conhecimento, interpreto que, nesta equipe, a passagem da etapa de trabalho empírico para a de escrita de artigo não foi automática, mas contou com procedimentos entre os dois momentos, o que levou a uma dilatação do tempo para que a publicação ocorresse. No parágrafo a seguir, irei desenvolver que procedimentos são estes que conectam os dois momentos e, para isso, farei duas distinções, discorrendo sobre elas de maneira detalhada. Por esta razão, peço à leitora que mergulhe nestes detalhamentos, mas sem perder a questão do tempo de publicação como pano de fundo. O aspecto temporal da emergência será retomado adiante para pensarmos na escrita e publicação de artigos.

Duas distinções são importantes para entendermos a processualidade de produção de conhecimento no projeto dos antropólogos pernambucanos: uma entre dados obtidos “em primeira mão” e dados obtidos de “maneira secundária”; outra entre trabalho de campo e o que eu chamarei aqui – não acriticamente – de trabalho de “gabinete”<sup>44</sup>. No projeto *Etnografando cuidados*, a divisão de tarefas ocorreu de modo que somente uma parte dos pesquisadores participou ativamente na condução de entrevistas e na realização de observação-participante, o que nos leva à ideia que somente uma parte deles coletou os dados “em primeira mão” – indo às associações, clínicas e hospitais, conversando diretamente com mães, cuidadoras, gestores e profissionais da saúde. Considero que isso é comum em equipes maiores que trabalham coletivamente na área de Antropologia, pois, enquanto bolsistas de iniciação científica e pós-graduação se encarregam mais detidamente de ir a campo, escrever diários, elaborar roteiros, sistematizar dados e conduzir e transcrever entrevistas, pesquisadores mais experientes costumam dedicar maiores esforços a funções de coordenação da pesquisa – o que inclui planejamento de projeto, captação e distribuição de recursos e prestação de contas. Ao mesmo tempo, quem coordena normalmente tem outras atribuições da vida acadêmica, como a docência,

---

<sup>44</sup> Antropologia “de gabinete”, marca do período de nascimento da disciplina ao final do século XIX e início do XX, era aquela feita a partir de relatos de missionários e viajantes que, no encontro com o “outro” geralmente exotizado, escreviam sobre suas observações. Este estilo de antropologia foi fortemente criticado a partir de meados do século XX devido ao seu caráter eurocêntrico e colonizador. No entanto, contemporaneamente, seguimos utilizando a expressão sem necessariamente reproduzir o século XIX. Aqui, utilizo a locução de maneira operacional para me referir ao trabalho daqueles que, no âmbito do projeto *Etnografando cuidados*, não foram a campo.

o exercício de cargos de chefia em seus respectivos departamentos e a orientação de estudantes, por exemplo, e passa a ter um contato com os dados da pesquisa sem necessariamente ter ido a campo, ou seja, obtendo dados de maneira secundária. Um exemplo disso se tornou perceptível através desta fala de Roberta Castro que nos contou que, com diversas atribuições além desta pesquisa, ela era atualizada sobre o que ocorria no campo através de diálogos no grupo de *WhatsApp* da equipe do projeto:

Eu lembro que nem sempre eu podia ir pros eventos, porque eu estava atarefada com as coisas aqui da universidade. E aí, quando Sarita Gurgel ia para um evento, ela escrevia o diário de campo dela e me passava um áudio ou então me ligava dizendo o que tinha acontecido. E isso era muito importante, não só para eu ficar a par. Hoje eu vejo isso como uma forma de produção também, esse diálogo que a gente tinha, às vezes ela gravava áudio no *WhatsApp*, mas a gente conversava muito sobre o que estava acontecendo em campo, de como tinha sido tal visita, cada novidade que ia acontecendo – porque era um campo muito rápido, tudo acontecendo muito rapidamente, e as coisas eram publicadas, e se descobria uma coisa hoje, amanhã já era outra coisa. Então, era tudo muito corrido mesmo (Roberta Castro).

Roberta Castro e Sarita Gurgel são um exemplo de uma produção que estava ocorrendo no meio virtual, mas o gabinete, no caso do *Etnografando cuidados*, foi a sede do FAGES, localizado no 13º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Se, em determinados momentos, a equipe se dispersou para realizar suas atividades separadamente, na sede do FAGES ocorreram as reuniões periódicas que juntaram todos os integrantes do projeto. Estes momentos de encontro foram essenciais para afinar ideias, atualizar aqueles que não haviam ido a campo do que recém havia ocorrido, promover discussões e reflexões sobre possíveis temas para artigos e ponderar sobre os cuidados éticos com as interlocutoras de pesquisa. Como Roberta Castro nos contou, “esse diálogo que a gente tinha [via *WhatsApp*] também era uma forma de produção”. Ainda, retomando ideias colocadas no parágrafo anterior, estas reuniões e os debates delas advindos foram, digamos assim, o “recheio”, a liga entre a coleta de dados e o momento posterior de escrita de artigos, e, por envolverem um grupo grande de pessoas, pediu um tempo mais dilatado para harmonização de ideias. Trago aqui um trecho de entrevista com Sarita Gurgel, que nos contou sobre sua percepção de como o FAGES lidou com o tempo da emergência para publicar:

Olha, **são tempos distintos** [entre a Antropologia e as Ciências da saúde]. O tipo de material que a gente trabalha em Humanas, em Ciências Sociais e o tipo de material que eles [na Saúde] trabalham é distinto. Então, a gente precisa burilar, a gente precisa refletir. Uma entrevista ajuda na outra, o tempo é muito importante. Enfim, o tempo é distinto, eu acho que é **o tipo de material é diferente, as relações são diferentes** também, porque **a gente depende muito do que é vivo, das pessoas**. Nem sempre as

peessoas podem nos receber, ou nem sempre as pessoas estão dispostas, ou nem sempre a pessoa quer falar sobre aquele tema, naquela entrevista, daquela vez. Tiveram pessoas que a gente entrevistou mais de uma vez. Ou então a gente entrevistou uma vez e depois a gente ficou convivendo muito com essas mulheres. Já não era mais uma entrevista, era um convívio. E você pensava que **ela ia refletindo também** sobre ela e sobre a vida dela, sobre a política, ou sobre a ciência. E aquilo ia **modificando**. Então, assim, lá no FAGES, eu não sentia essa pressa desesperada. (Sarita Gurgel, grifos meus)<sup>45</sup>.

A fala de Sarita parte de uma distinção nós/eles (antropólogos/pesquisadores da saúde) para defender que a publicação no FAGES seguiu um outro ritmo, diferente do ritmo nas Ciências da saúde. É interessante notar como ela recorreu aos materiais de pesquisa – as relações humanas – para explicar esta distinção, reforçando ideias que já apresentei anteriormente neste trabalho sobre a importância do convívio, da participação na realidade do outro para que a Antropologia construa seus conhecimentos. A resposta de Sarita se aproxima, em certa medida, do que Miriam nos contou sobre um critério de prioridades que o FAGES estabeleceu. Antes de publicar rapidamente, o foco era construir espaços de sociabilidade, e, neste ponto, eu gostaria de destacar a categoria “modificar”, acionada por Sarita, bem como a ideia de reflexão conjunta entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa. Esta categoria e esta ideia nos ajudarão a pensar numa dimensão política da Antropologia produzida pelo FAGES, assunto que desenvolverei a seguir.

Pacheco de Oliveira (2013), em coletânea sobre os desafios da Antropologia brasileira, chama atenção para o movimento contemporâneo da disciplina de se tornar Antropologia “aplicada”, processo ligado ao pressuposto de que as investigações científicas têm consequências sociais importantes. Neste sentido, procedimentos de pesquisa cristalizados na disciplina, anteriormente garantidores da positividade dos dados antropológicos, passam a ser questionados, como é o caso da clivagem entre “pesquisador” e “objeto do conhecimento”. O contexto contemporâneo da pesquisa passa a demandar novas técnicas de observação e um entendimento do trabalho de campo como uma “situação etnográfica” (PACHECO DE OLIVEIRA, 2013) em que, ao invés de tentar criar um cenário artificial para objetivação da realidade, considera a convergência dialógica entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados. É relevante que percebamos como esta noção dialógica e politicamente situada se mostrou presente nas falas de Sarita, de Roberta e de Miriam. Quando ela fala que o convívio entre a antropóloga e a mulher afetada pela epidemia desemboca em processos reflexivos “sobre a política, ou sobre a ciência” em ambas as partes envolvidas na interação, isso remete à uma Antropologia que produz com – e não sobre – os sujeitos. Aproveito a discussão sobre a Antropologia aplicada para trazer mais um

---

<sup>45</sup> Esta entrevista realizada no dia 19/6/2023 foi conduzida e transcrita por mim.

trecho de sua fala. Neste momento, percebemos que, para Sarita, a pressa para publicar artigos está relacionada à essa dimensão política de um conhecimento capaz de transformar a realidade:

Alguns temas eu tinha vontade de escrever rápido pra **levantar a discussão rápido**. Um dos temas que eu tinha vontade de escrever de forma rápida foi essa questão da antropologia da ciência, que **era uma reclamação muito forte das mulheres**. A gente tinha vontade de falar sobre isso rápido, ao passo que eu também tinha vontade de escrever da importância da ciência para elas, quando você via a **intersecção entre ciência e política pública**. Esse artigo que eu escrevi, o “Nada sobre nós sem nós” [(MATOS e SILVA, 2020)], eu falo um pouco sobre esse dilema que era a ciência pra elas. De tratarem elas de forma utilitária, mas também, no mesmo artigo, eu dizia “mas tinha um outro lado”. Tem esse lado que **elas pegam os artigos dos cientistas, elas lêem, elas interpretam** e elas dizem “olha aqui a brecha, aqui a gente vai pegar determinada política”, que era no caso da pensão [indenizatória], que foi uma coisa que eu trabalhei muito na pesquisa e nos artigos. Eu passava muitos artigos pra elas, e elas diziam “olha aqui, presta atenção nisso, que acho que isso aqui pode ajudar a gente a derrubar tal artigo da pensão que tá errado”. Então, não era só uma coisa negativa, essa relação com a ciência. Existia uma coisa muito positiva também de ver o que a ciência tá produzindo e **usar isso ao favor delas**, pra que determinadas coisas fossem **modificadas** (Sarita Gurgel, grifo meu).

A partir do que foi exposto, percebemos que o tempo dilatado do cuidado ético, reflexividade e construção de relações esteve muito presente no FAGES, no entanto, para Sarita Gurgel, ele foi concomitante com a necessidade de se escrever sobre temas que estavam impactando diretamente a vida das mulheres e famílias afetadas pela SCVZ. “Levantar a discussão rápido” era necessário pois, ao mesmo tempo em que se tratava de visibilizar demandas das famílias que eram urgentes (como acesso a medicamentos anticonvulsivantes e antiespasmódicos, a equipamentos como sondas nasogástricas e ampliação do quadro de neuropediatras nos serviços de saúde pública), também se tratava de aproveitar que as atenções da gestão pública estivessem direcionadas a promover ações de mitigação dos efeitos epidêmicos. Além disso, a fala de Sarita Gurgel desperta nossa atenção para o fato de que os artigos científicos são apropriados pelas mulheres, englobados e interpretados a partir de seus próprios enquadramentos e necessidades, o que nos leva a pensar que a circulação de textos publicados também é um importante momento de atribuição de significados e de disputas face ao que está escrito no papel. Novamente relembro de Pacheco de Oliveira (2013), pois o autor nos ajuda a compreender a importância atual da “questão do controle sobre os múltiplos usos que podem vir a ser feitos com os dados da pesquisa” (ibidem, p. 61). No contexto da epidemia de Zika em Recife, isso se aplica e toma contornos mais específicos, na medida em que a relação das famílias com a ciência gerou cansaço e frustrações, mas também foi fonte de esperança e fé

(FLEISCHER, 2021) de que os conhecimentos gerados contribuíssem para uma melhora na qualidade de vida dessas crianças.

Na última fala de Sarita Gurgel, foi mencionado o artigo “*Nada sobre nós sem nós*”: *associativismo, deficiência e pesquisa científica na Síndrome Congênita do Zika Vírus* (MATOS e SILVA, 2020). Este artigo foi publicado no periódico quadrimestral de Qualis A2, *Ilha Revista de Antropologia*<sup>46</sup>, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Trazê-lo para este trabalho e analisá-lo é uma forma de buscar entender mais concretamente a importância que Sarita mencionou de “levantar a discussão rápido” sobre um assunto com fortes impactos nas vidas das famílias afetadas pela SCVZ. É interessante observar o período em que este artigo foi publicado e a sua conformação de autoria: dezembro de 2020, meses após a sanção da MP (Medida Provisória) 894/2019, que concede pensão vitalícia às crianças com SCVZ; autoria dupla, feita por duas integrantes do Eixo 2 do *Etnografando cuidados*, voltado à “economia política do Zika”, se lembrarmos a explicação de André Duarte no capítulo anterior.

A primeira publicação do FAGES, sobre a qual discorri também no capítulo anterior, é de 2017 e tratou de deficiência, feminismo e cuidado apresentando-nos a duas importantes associações de Recife (UMA e AMAR) que acolheram as famílias afetadas pela SCVZ nos momentos iniciais após o diagnóstico, amparando-as emocionalmente num momento de choque pela notícia e promovendo ações para ajudar estas famílias em suas necessidades básicas e urgentes. Naquele período retratado, vivia-se o ápice do “tempo da emergência”. Já esta publicação de 2020 também foca no associativismo de pacientes e seus familiares recifenses, mas enquadrando-o no contexto mais amplo da luta encabeçada pela Frente Nacional por Direitos da Pessoa com Síndrome Congênita do Zika Vírus (FNDPSCZV), bem como fazendo conexões com temas relativos à saúde global. O fortalecimento desta luta nacional chega após o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), ocorrida em maio de 2017, num momento em que se mostrava necessária a discussão sobre a qualidade de vida das crianças acometidas pela síndrome congênita do Zika. No artigo, como Sarita nos contou em sua última fala, são apresentadas tanto as tensões entre as associações e a ciência, como também pontos de convergência e cooperação entre saber especializado e saber experiencial.

---

<sup>46</sup> A revista se propõe a divulgar artigos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões teóricas tendo em vista o desenvolvimento da Antropologia. Seu país de publicação é o Brasil e a revista não tem taxa de submissão. Fonte: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/about>>.



A publicação aqui pensada coloca à disposição uma série de discussões relevantes que merecem atenção quando estudamos escrita e publicação científica a partir da epidemia de Zika, dentre elas: a escolha de um lema compartilhado por organizações de pessoas com deficiência para nomear e guiar o artigo (“Nada sobre nós sem nós”); o acionamento de bibliografia sobre *expertise* leiga para pensar o ativismo das associações de SCVZ no Brasil; a apresentação das percepções das cuidadoras sobre os mutirões de pesquisa e assistência. No entanto, considerando o foco do capítulo, que é o tempo da publicação, e aquele trazido na fala de Sarita, que é a Antropologia engajada politicamente, assinalo que irei me deter a analisar trechos localizados na penúltima seção do artigo, intitulada “*Meu nome é luta, o nome do meu filho é direitos*”: *relações entre política pública, epidemia e pesquisa científica na Síndrome Congênita do Zika*. Considero que trechos desta seção, por trazerem momentos de convergência entre a ciência e as associações, se tornam significativos para pensarmos a dobra entre publicar um texto no tempo adequado para, justamente, visibilizar uma luta.

Um primeiro trecho retrata um momento importante vivido pelas associações após uma série de vindas a Brasília, durante o primeiro semestre de 2018, na tentativa de negociar com parlamentares federais duas principais demandas: uma mudança de um critério de concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC), que excluía inúmeras pessoas ao estabelecer o teto de renda familiar de  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo; a implementação de pensão indenizatória para crianças com SCVZ. Tendo em vista que as tentativas de negociações de 2018 foram frustradas, a assinatura da MP n. 894/2019 pareceu, inicialmente, uma conquista:

Em 4 de setembro de 2019, diversas famílias e associações viajaram para Brasília para assinatura da MP n. 894/2019 de Jair Messias Bolsonaro que concede pensão vitalícia às crianças com SCVZ. A princípio, a FNDPSCZV achou que a MP n. 894/2019 traria benefícios às famílias, mas, depois de uma leitura atenta, percebeu-se as falhas estruturais na MP. A partir disso, a Frente se mobilizou e, no dia 7 de setembro de 2019, publicou uma nota oficial informando que a MP era “[...] restritiva e injusta, pois não assegurava a universalidade do acesso das crianças acometidas pela Síndrome congênita do Zika Vírus”. Após a nota oficial, **a Frente começou a fazer novas redações para os artigos da MP** com intuito de enviar ao máximo de deputados e senadores para que eles entendessem as incongruências e propusessem emendas à Comissão Mista que iria analisar essa MP. **Foi nesse trabalho de construção da Nota Oficial e da nova redação das emendas que a pesquisa e a ciência ganharam nova força na FNDPSCZV**. Artigo por artigo, inciso por inciso da MP, a Frente foi buscando informações em matérias de jornais, nos artigos científicos e em conversas com pesquisadores, com o intuito de justificar as incoerências da MP (MATOS e SILVA, 2020: p. 153)

Assim, como Sarita nos contou anteriormente em sua entrevista e como o artigo aborda insistentemente, as associações, no contato intenso que passaram a ter com o universo biomédico

e das pesquisas científicas, desenvolveram não somente uma “ciência doméstica” (DINIZ, 2016). Elas expandiram suas capacidades críticas e suas agencialidades específicas para ler textos em jornais e em revistas científicas, bem como para dialogar com pesquisadores e para lutar por seus direitos perante o poder público. Ainda avançando na discussão sobre a MP, foco, assim como Matos e Silva (2020) em seu artigo 1º, que dizia: “Fica instituída pensão especial destinada a crianças com microcefalia decorrente do Zika Vírus, nascidas entre 1º de janeiro de 2015 e 31 de dezembro de 2018, beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada”. Este artigo foi alvo de inúmeras contestações por parte das associações. Inconsistências quanto à terminologia “microcefalia” e quanto à limitação temporal da pensão, por exemplo, foram rebatidas através de achados da comunidade científica e de boletins epidemiológicos sobre a SCVZ publicados em diferentes estados da federação. Destaco aqui a discussão específica em torno da inconsistência relativa ao BPC neste artigo da MP, e chamo atenção para a forma como as pesquisas das Ciências Sociais foram utilizadas pelas associações para construir o argumento de melhoria da MP:

O item 3 foi o ponto inicial da discussão na Frente sobre a MP n. 894/2019. Essa foi a primeira incongruência a ser compreendida e debatida calorosamente, uma vez que esse item informa que somente as crianças que já são beneficiárias do BPC é que teriam acesso à pensão vitalícia. Mais uma vez, inúmeras crianças ficariam impedidas de ter acesso à pensão do mesmo modo que são impedidas de ter acesso ao BPC, ou seja, o critério de  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo continuava soberano. O sentido que a MP nessa redação deu é o de que não é uma pensão e sim uma transferência dos usuários do BPC para esse novo modelo. Embora houvesse algumas vantagens, como a possibilidade de as cuidadoras trabalharem ou contribuírem com o INSS sem que a pensão fosse cortada, isso não agradou a Frente, já que, como os membros dizem, o mosquito não picou somente as mulheres que têm seus filhos com BPC e sim a todas que têm filhos com a SCZV. Para tanto, **a Frente buscou argumentos** em matérias de sites jornalísticos e **em pesquisas das ciências sociais e da antropologia** (DINIZ, 2016a; 2016b; 2017; SCOTT et al., 2017; 2018; MATOS; SILVA; QUADROS, 2018; MATOS; QUADROS, 2018; LIRA; SCOTT; MEIRA, 2017; FLEISCHER, 2017; CARNEIRO; FLEISCHER, 2018; WILLIAMSON, 2018; ALVES; FLEISCHER, 2018; MELLO; NUERNBERG, 2012; FIETZ; MELLO, 2018) com o intuito de debater sobre os determinantes sociais do Zika, a inexistência de controle eficaz do mosquito transmissor, a falta de saneamento básico, a responsabilização do Estado com a epidemia, as incongruências do BPC, a solidão, o esgotamento físico, psíquico e emocional e o cansaço nos itinerários terapêuticos, etc. (MATOS e SILVA, 2020: p. 155, grifo meu)

Relembrando algumas contribuições de Clifford, em *Writing Culture* (CLIFFORD e MARCUS, 2016), que possam lançar luz à análise deste trecho do artigo, retomo a seguinte ideia:

Mesmo os melhores textos etnográficos – ficções sérias e verdadeiras – são sistemas, ou economias de verdade. O poder e a história atuam por seu intermédio, de formas sobre as

quais os autores não têm pleno controle. As verdades etnográficas são, assim, inerentemente parciais – engajadas e incompletas. O ponto é hoje amplamente reiterado – e questionado em aspectos estratégicos por aqueles que temem o colapso de padrões claros de verificação. Mas, uma vez aceito e incorporado à arte etnográfica, um senso rigoroso de parcialidade pode ser uma fonte de juízo representacional (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 38).

Assim, somos instadas a observar a dimensão retórica da etnografia, onde as ficções etnográficas são entendidas não a partir da concepção de algo falso, mas como verdades culturais e históricas parciais. Quando as autoras do artigo utilizam a estratégia discursiva de enfatizar a relevância política que os artigos de Ciências Sociais e Antropologia tiveram para a luta da FNDPSCZV, este aspecto de parcialidade como estratégia de produção de conhecimento fica evidente. Esta afirmação decorre do fato de que elas, além de fazerem uma aproximação entre conhecimento especializado (nas peças escritas) e conhecimento experiencial (na agência da Frente), citam trabalhos anteriores do próprio FAGES, como também de pesquisadores que compartilham com elas tradições de pesquisa. Retomando o objetivo que assinali anteriormente por analisar trechos específicos da penúltima seção do artigo, considere que estes trechos seriam significativos para pensarmos a articulação, elaborada por Sarita Gurgel em sua entrevista, entre o tempo da publicação e a Antropologia engajada. Nesse sentido, tal articulação se mostrou duplamente realizada através dos trechos trazidos: em primeiro lugar, o próprio artigo “*Nada sobre nós sem nós*” foi publicado após uma série de lutas políticas das associações de Zika encabeçadas entre os anos de 2017 e 2020, e que culminaram na sanção – ainda que não plenamente satisfatória – da MP 894/2019; e em segundo lugar, o uso que a Frente atribuiu para os produtos escritos das Ciências Sociais e da Antropologia só foi possível porque estas publicações foram feitas em tempo hábil, em língua portuguesa, em periódicos de acesso aberto e apresentando argumentos politicamente comprometidos.

Com o objetivo de amarrar o que foi construído nesta seção do Capítulo 3, ressalto alguns aprendizados que ficaram sobre a relação entre publicação no FAGES e o tempo da epidemia. A partir dos relatos das duas interlocutoras que nos acompanharam nesta seção, nós percebemos que o grupo de antropólogos da UFPE não teve um tempo de publicação, mas ao menos dois tempos de publicação. Miriam nos contou sobre o “tempo de reflexão e cuidado ético”, e nos ajudou a perceber que o cimento que liga o trabalho de campo ao momento posterior de escrita de artigos, além de dilatar o tempo da publicação, está intimamente ligado às divisões de tarefas num trabalho coletivo. Já Sarita nos abriu a percepção para a necessidade de “levantar a

discussão rápido” sobre temas que afetavam as famílias de Zika em tempo real. Assim, tempo de publicação e Antropologia aplicada se uniram para nos mostrar que os achados das pesquisas antropológicas estão antenados às mobilizações políticas das “mães de micro”, o que ficou bem ilustrado através do artigo analisado nesta seção, que foi publicado após uma série de lutas por direitos levadas a cabo pela FNDPSCZV.

### 3.2 O tempo da resposta à emergência de saúde pública

Como foi percebido na seção anterior com as interlocutoras do FAGES, o tempo de publicação no contexto da epidemia de vírus Zika muito difere para a Antropologia e para as Ciências da saúde. Considerando o decreto de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) da OMS, quem de fato foi convocado a dar respostas em termos de entender a causa do aumento do número de casos de microcefalia congênita em Recife foram os pesquisadores e profissionais da saúde da capital. As perguntas sem respostas eram muitas e vinham por parte da comunidade científica internacional, da sociedade em geral, dos profissionais da saúde que estavam atendendo estas crianças e dos gestores. A publicação no MERG, portanto, teve que se adequar a este tempo emergencial, mas, ao mesmo tempo, mantendo um critério de qualidade, como a epidemiologista Ana Catarina Bastos nos contou em entrevista:

A gente procurou estar muito harmonizado com esse tempo, a necessidade de dar respostas. Nem sempre a gente conseguiu. E vocês vêem que tem muita gente escrevendo sobre a microcefalia sem ter nunca visto microcefalia nada. É microcefalia, é coincidência ou acaso? Porque vai para o computador, tem facilidade, publica, é editor de uma revista. A gente, não. A gente queria ter uma coisa **mais consistente**. Então tinha essa coisa do tempo, queríamos estar alinhados com o **tempo do serviço de saúde e dar respostas à academia, dar respostas à população**, mas com consistência (Ana Catarina Bastos, grifo meu).

A fala de Ana Catarina Bastos nos leva a pensar em dois aspectos centrais das publicações do MERG: dar uma resposta consistente em tempo adequado, mas sem desconsiderar os diferentes atores sociais que estavam demandando esta resposta – não somente a comunidade científica internacional, mas também a população e o serviço de saúde locais. A partir destes dois aspectos (consistência e abrangência), destaco que a escolha das revistas e da língua de publicação seguiu um padrão neste grupo de pesquisa: mirou prioritariamente as revistas de alto fator de impacto, internacionais, e na língua hegemônica da ciência, o inglês. No entanto, alguns artigos peculiares diversificaram o estilo de comunicação de achados do grupo e,

consequentemente, abrangeram mais atores sociais como destinatários. Observemos mais uma fala de Ana Catarina Bastos para entender isso:

Há os dois artigos de caso-controle, nós queríamos uma revista de maior impacto. Foi no Lancet as duas. Já aquele [artigo] que eu escrevi, **eu quis deixar registrado para o público brasileiro** como foi essa construção [do conhecimento] aqui. É, ela tem em inglês também. Décadas atrás, eu tinha feito [um artigo (BRAGA, ALBUQUERQUE e MORAIS, 2004)] que era [sobre] o gap entre a pesquisa e a incorporação numa política pública de saúde. E eu escrevi sobre a filariose. Então, o editor [da revista Cadernos de Saúde Pública] disse “não, vamos publicar em inglês.” [Na época], eu disse: “eu não quero, sabe por quê? **Eu quero que os gestores dos municípios, dos estados, leiam esse artigo.** Então, se for em inglês, muitos não vão ler”. Então, tinha essa peculiaridade. Mas, fora o meu [artigo (ALBUQUERQUE et al., 2018)], que fala sobre como se construiu o conhecimento sobre a Zika, eu acho que a gente procurou revistas de alto impacto porque **era um hábito**, um critério de publicar em **revistas confiáveis**, que tenham um board, que tenham um comitê editorial (Ana Catarina Bastos, grifo meu).

A partir desta fala, pretendo desenvolver na próxima seção duas reflexões mais amplas. Na primeira, irei analisar trechos de um “artigo peculiar” do MERG, aquele mencionado pela interlocutora que trata da construção do conhecimento. Nesse ponto, chamo atenção para o fato de que esta publicação foi feita em 2018, após os dois artigos do caso-controle serem divulgados e circulados, ou seja, ela chega num momento em que o conhecimento produzido pelo MERG já gerou consenso entre a comunidade científica e a situação emergencial passou por um certo arrefecimento. Após analisar este trabalho, retomo a discussão voltada ao padrão geral de publicação que os artigos da equipe tiveram, e discorro sobre o hábito de publicar em “revistas confiáveis” e “revistas de especialista”.

### 3.2.1 Uma publicação menos usual

A publicação a ser analisada na primeira parte desta seção é intitulada *Epidemia de microcefalia e vírus Zika: a construção do conhecimento em epidemiologia*. Ela ocorreu em outubro de 2018, na revista mensal de Qualis A1, *Cadernos de Saúde Pública*<sup>47</sup> (CSP), periódico vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz). Doze pessoas constam na lista de autoria. Quanto ao gênero textual, vale fazer uma observação: apesar de Ana Catarina Bastos se referir ao trabalho como “artigo”, a CSP o enquadra na categoria “ensaio<sup>48</sup>”. Considero que este trabalho é especialmente significativo de

---

<sup>47</sup> Esta revista brasileira tem como foco a publicação de artigos científicos que tratem da produção de conhecimento no campo da Saúde Coletiva e áreas afins. Além disso, ela busca fomentar a reflexão crítica e o debate sobre temas da atualidade relacionados às políticas públicas e aos fatores que repercutem nas condições de vida e no cuidado de saúde das populações. Não possui taxa de submissão e avaliação de artigos.

<sup>48</sup> De acordo com as normas da revista, o artigo constitui “resultado de pesquisa de natureza empírica”. Neste gênero, são apresentados dois exemplos: artigo de pesquisa etiológica na epidemiologia e artigo utilizando

ser analisado, pois, como falado por Ana Catarina, é uma publicação voltada para o público brasileiro, o que me leva a lançar a hipótese de que ela funciona para comunicar um legado do MERG para gestores, profissionais da saúde e aqueles que futuramente possam enfrentar outras epidemias de arboviroses ou emergências sanitárias em solo nacional. Além disso, pistas como o título do trabalho e a revista na qual ele está divulgado revelam uma publicação mais dialógica com uma perspectiva ampliada de saúde. Quando aciono tal perspectiva, me refiro àquela apresentada por Porto e Garrafa (2011) em trabalho que trata das influências da Reforma Sanitária Brasileira para o desenvolvimento das bioéticas brasileiras. Nele, esta perspectiva se refere à incorporação da dimensão social para compreensão de processos de saúde e adoecimento na população, onde aspectos referentes à qualidade de vida de indivíduos, grupos e populações passam a ser considerados tão relevantes para a saúde quanto os recursos terapêuticos biomédicos. Desse modo, “construção do conhecimento em Epidemiologia” remete aos estudos sociais da ciência epidemiológica e a CSP apresenta um escopo que conecta estudos quantitativos e qualitativos nas investigações sobre saúde e adoecimento. Como poderemos ver adiante, a estrutura do texto e a linguagem empregada pelos autores também nos conduz à ideia de produção dialógica.

A estrutura deste trabalho não segue o padrão observado na maioria dos artigos publicados pelo MERG. Se os artigos deste grupo analisados no capítulo anterior seguem a norma “Introdução - Materiais e Métodos - Resultados - Discussão”, este ensaio é dividido em seis seções com títulos diversos que remetem a contextualizações sobre como se percebeu uma epidemia de microcefalia em Recife, como a ciência foi acionada para responder a ela, quais foram os antecedentes que levaram à hipótese de relação entre a infecção pelo vírus e a microcefalia e como se deu o teste desta hipótese. Destaco aqui um excerto da primeira seção do trabalho, intitulada *Vivendo a epidemia de microcefalia*. Considero este excerto ilustrativo para demonstrar que esta é uma publicação “peculiar” do núcleo duro do MERG:

Neste ensaio, **registramos** as primeiras descobertas científicas que permitiram caracterizar a nova síndrome de Zika congênita e os desdobramentos em pesquisas epidemiológicas. **Contamos esta história sem o distanciamento pretendido pelos artigos científicos, mas como pesquisadores atuando no epicentro dessa epidemia.** (ALBUQUERQUE et al., 2018: p. 2, grifo meu).

---

metodologia qualitativa. Já o ensaio é um “texto original que desenvolve um argumento sobre temática bem delimitada”. Fonte: <<https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/instrucoes-para-autores>>.

Rememorando algumas das contribuições teóricas de James Clifford no primeiro capítulo do livro *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography* (CLIFFORD e MARCUS, 2016), a etnografia é um fenômeno interdisciplinar dotado de retórica e política próprias. O ensaio publicado na CSP pelo MERG não é uma etnografia, formalmente falando, no entanto, ele compartilha com este escrito antropológico o fato de ser um relato, um “registro”, nas palavras dos autores. A utilização da estratégia literária de “contar uma história” remete a um procedimento retórico que não pressupõe a naturalização automática do que está sendo exposto, mas faz uma contextualização dos elementos que estavam em jogo para a construção do conhecimento epidemiológico do grupo. Além disso, quando os autores dizem que fazem este registro “sem o distanciamento pretendido pelos artigos científicos, mas como pesquisadores atuando no epicentro dessa epidemia”, relembro a noção de “parcialidade” introduzida por Clifford, que nos leva à ideia de que “verdades etnográficas são inerentemente parciais – engajadas e incompletas” (ibidem, p. 38). Ao aplicarmos esta ideia ao contexto das verdades epidemiológicas, digamos assim, podemos refletir sobre duas estratégias literárias: uma de equiparação e outra de diferenciação. Na estratégia de equiparação, rompe-se com a operação que instaura uma relação rígida e desigual entre pesquisador e objeto, comumente percebida nos artigos biomédicos. Os autores se situam como pessoas que, assim como seus concidadãos moradores de Recife, também estavam experienciando a emergência sanitária a partir de seu epicentro, estratégia discursiva que, de modo não tão evidente – ou seja, nas entrelinhas da peça escrita –, toma a contemporaneidade como pressuposição fundadora (PACHECO DE OLIVEIRA, 2013) e, portanto, equipara, simetriza, em certa medida, os atores sociais. Já na estratégia de diferenciação, a demarcação da posição de “pesquisador” neste cenário nos permite refletir sobre pertencimentos institucionais e posicionamentos políticos que guiaram as práticas destes cientistas localmente, já que, como nos lembram Scott et al., “a declaração de emergência exige uma pujança e projeta as ciências da vida para assumir uma responsabilidade de mostrarem-se capazes” (SCOTT et al., 2017: p. 37). Neste sentido, nos afastamos de uma ideia do cientista enquanto aquele localizado numa plataforma privilegiada de observação, e o percebemos como ator social atravessado também pelo impulso e sentimento de convocação para representar uma ciência recifense capaz de responder à altura que esta emergência demandava.

Outros dois pontos interessantes de percebermos neste trabalho é o letramento científico que ele propõe – ao apresentar algumas categorias importantes usadas pela Biomedicina no

contexto da epidemia, como “microcefalia congênita”, “epidemia” e “Epidemiologia” – e a maneira como ele evidencia – e não omite ou neutraliza – as controvérsias presentes na produção de conhecimento sobre Zika. Trago abaixo alguns excertos da segunda seção do ensaio assinado por Albuquerque e colegas, intitulada *Qual microcefalia?*. Eles irão nos ajudar a ver estes elementos que sinalizei:

A microcefalia congênita é uma condição definida como um perímetro cefálico pequeno, presente ao nascimento. Esse **achado clínico**, em sua maioria, pode estar associado ao comprometimento do sistema nervoso central (SNC) e alterações cognitivas. [...] A medida do perímetro cefálico (PC) é uma **ferramenta de triagem** para a detecção de microcefalia independente de sua causa. Uma definição aceita de microcefalia é a de uma circunferência occipitofrontal (COF), desvio padrão (DP) abaixo da média para o sexo e idade gestacional. Um PC abaixo do padrão das curvas de crescimento indica a existência de um cérebro pequeno, e **exames de neuroimagens e testes laboratoriais** auxiliam na investigação de anomalias congênitas. [...] Uma epidemia é definida como a ocorrência de **casos** de uma doença, comportamento específico ou outros eventos relacionados à saúde, claramente acima da expectativa normal para uma dada comunidade ou região. As evidências apontavam para uma inusitada e estranha epidemia de microcefalia em Pernambuco, com o aumento de quase cinco vezes os registros do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) em apenas três meses (agosto a outubro de 2015) (ALBUQUERQUE et al., 2018: p. 2, grifo meu).

Buscando fazer uma leitura minuciosa e atenta a detalhes presentes neste excerto, irei me amparar, assim como fiz em capítulo anterior, no trabalho de Camargo Jr (2005), bem como irei buscar enfatizar a percepção da processualidade na produção do conhecimento que este ensaio agora analisado nos proporciona. De acordo com Camargo Jr. (ibidem), a diagnose pode ser dividida em dois tipos, anamnese e exame físico. Aqui, proponho que nos concentremos neste segundo tipo, pois ele nos será mais útil para analisar o excerto recém trazido. Sobre ele, o autor discorre:

O segundo momento [referindo-se ao exame físico] pode ser, por sua, vez subdividido em semiologia “armada” (isto é, que faz uso de **exames complementares**) e “desarmada”, dependente apenas do próprio médico (ainda que com uso de alguns **instrumentos simples**, como estetoscópio, termômetro, esfigmomanômetro e outros). A primeira é extremamente variada e complexa. [...] Creio ser suficiente assinalar que, do ponto de vista de uma lógica mais geral, não tem nenhuma especificidade com relação aos outros métodos, além da **utilização da alta tecnologia**. Agregue-se a isto que, por sua aparência de “ciência concretizada”, são mais valorizados como mais “objetivos”. [...] Os exames complementares vêm crescendo gradualmente em importância, ameaçando tomar a Semiologia uma arte perdida. Não obstante, ainda que realizado de forma esquemática, o exame tal como descrito a seguir marca o **início do contato com o paciente**, e determina até certo ponto as escolhas que virão a seguir, inclusive em termos de exames complementares, justificando uma análise um pouco mais detida das suas etapas. O exame físico **orienta-se espacialmente pela anatomia topográfica do corpo humano**, dividido em algumas regiões (cabeça e pescoço, tórax, abdome, membros superiores e inferiores) e sistemas (aparelhos respiratório e cardiovascular). Para cada área espacial há um conjunto de procedimentos a serem executados sequencialmente: inspeção, percussão, palpação e ausculta. O exame físico compreende ainda a **verificação de**



**valores numéricos**, como a temperatura corporal, a pressão arterial e a frequência do pulso, coletivamente denominados sinais vitais (CAMARGO JR., 2005, p. 191-192, grifo meu).

Considerando as definições do autor, o excerto do ensaio apresenta os dois momentos do exame físico: tanto a semiologia “armada”, quanto a “desarmada”. Podemos perceber que a microcefalia congênita, enquanto um achado clínico, foi inicialmente notada no momento de nascimento das crianças, nas maternidades e hospitais públicos de Recife. O encontro entre profissionais da saúde, parturientes e seus bebês recém nascidos levou estes primeiros a notarem, muitas vezes ainda nas salas de parto, a necessidade de fazer uma diagnose, já que a noção acerca da “cabeça pequena” indicou o que, de acordo com a Biomedicina, são manifestações mórbidas perceptíveis (CAMARGO JR., 2005: p. 192). Assim, as ferramentas de triagem para medição do perímetro cefálico – fitas Teflon inextensíveis (FLEISCHER, 2023: p. 18) – constituem instrumentos de menor complexidade acionados pelos profissionais de saúde que permitem a verificação de valores numéricos. Juntamente com a orientação espacial pela anatomia do corpo dos bebês, especialmente de suas cabeças, estes instrumentos equivalem ao momento de semiologia “desarmada”. Com estes procedimentos iniciais realizados, é chegada a hora de acionar a semiologia “armada”, a fim de estabilizar medições, achados clínicos e indícios. Neste momento, os exames complementares, que no ensaio são os exames de neuroimagem e os testes laboratoriais, não somente “auxiliam na investigação”. Como falado por Camargo Jr. (2005), eles adicionam camadas de “objetividade” e “concretude” ao processo de construção da microcefalia congênita. É interessante notar que a definição da condição de agravo em saúde está longe de ser um processo automático. Na verdade, se nos atentarmos para os diversos procedimentos demonstrados no excerto do artigo – encontrar na clínica, associar a outros comprometimentos, medir o PC, manusear a ferramenta, estimar médias e desvios-padrão, indicar a presença de um cérebro menor, examinar através de neuroimagem e testar amostras no laboratório – ela é correntemente colocada à prova até que se torne comum acordo entre pares biomédicos. Neste ponto, vale destacar este outro excerto do ensaio, onde chamo atenção para a maneira como ele evidencia controvérsias que envolveram a produção do conhecimento epidemiológico do grupo MERG:

Apesar do aumento impressionante de casos da malformação congênita e da decretação do estado de emergência de saúde pública pelo Ministério da Saúde, **não havia consenso** na comunidade científica acerca da existência de uma epidemia. Esse **ceticismo** sobre o enquadramento do evento pode ser exemplificado pela entrevista de pesquisadores brasileiros do Estudo Colaborativo Latino-Americano de Malformações Congênitas

(ECLAMC), publicada pela revista Nature em uma edição “on-line first”, em 28 de janeiro de 2016. Esses especialistas diziam “que o aumento de casos de microcefalia podia ser atribuído em grande parte à **busca intensa** de casos de defeitos congênitos e **diagnósticos errados**” 14 (p. 13). Poucos dias depois, em 1º de fevereiro, a diretora geral da OMS, Dra. Margaret Chan, declarou que “os agregados de casos de microcefalia e síndromes neurológicas (...) são uma emergência de saúde pública de preocupação internacional”. A situação era um risco para a saúde de outros países, e devido à sua gravidade e desconhecimento de sua etiologia requeria uma resposta coordenada e imediata (ALBUQUERQUE et al., 2018: p. 3).

Como abordado por Knorr-Cetina (2005), a formação de consenso na comunidade científica é um processo que envolve “validadores” e “produtores” do conhecimento, onde as decisões e seleções realizadas pelos investigadores de um determinado assunto, ao mesmo tempo que perseguem um princípio de êxito, são remetidas à análise da comunidade de validadores. Neste encadeamento, o que é definido enquanto “erro” ou “acerto”, “crítica” ou “aceitação”, “verossímil” ou “inverossímil” depende das circunstâncias nas quais os cientistas atuam. Quem propôs um dado resultado, onde foi feito o trabalho e como ele chegou ao achado são fatores elementares que definem potenciais aliados ou críticos das afirmações estabelecidas. No contexto do processo da validação de conhecimento do MERG, é interessante notar, ao lermos este último excerto, que os pesquisadores do ECLAMC lançaram mão de uma publicação científica numa revista de alto prestígio para fazer a contestação do que vinha sendo afirmado em solo brasileiro. Este, portanto, é um exemplo concreto de que o processo de validação também é encontrado, para além do espaço do laboratório, nas revistas, nas editoras e nos contextos em que se tomam decisões sobre publicação. Além disso, esta situação também nos pede atenção para notar a existência de uma estrutura de interesse menos evidente que guiou a decisão de atribuir o crescente número de casos de microcefalia a uma suposta “busca intensa” ou a “diagnósticos errados”, no entanto, para o presente trabalho, não poderei desenvolver mais detalhadamente sobre o assunto por carecer de informações para cumprir com esta tarefa.

Afim de fazer um panorama do que já foi abordado neste capítulo sobre a publicação no MERG, destaco inicialmente que o tempo emergencial foi definidor dos procedimentos de pesquisa e comunicação de achados neste grupo. A prioridade foram as respostas ágeis e direcionadas à comunidade científica internacional, o que gerou um formato predominante no tipo de artigo publicado: em inglês, em revistas internacionais e de alto fator de impacto. O ensaio publicado na CSP mostrou-se um caso “peculiar”, onde a escolha de uma revista nacional e pela escrita em português possibilitou que mais grupos, sobretudo dentro do país, tivessem acesso a este material. Com este trabalho, percebemos que o MERG, um grupo fortemente

marcado pelos estudos epidemiológicos das “ciências duras”, fez um esforço de escrita criativa pouco usual, se compararmos aos demais artigos publicados pela equipe. Interpreto que as estratégias literárias presentes no ensaio – como as explicações de termos biomédicos, as contextualizações e detalhes que ajudam a leitora a se situar no processo de produção do conhecimento – demonstraram uma preocupação em publicar um texto que funcionasse como um legado capaz de comunicar além dos limites das disciplinas biomédicas, democratizando o acesso à informação para públicos como gestores em saúde e o população de modo geral. Além disso, é importante destacar que, neste trabalho, a equipe se dedicou a demonstrar não somente os êxitos obtidos nas investigações realizadas, mas também as controvérsias, os embates científicos que ocorreram. Para além de um mero estilo de escrita, isto lança luz em contextos de poder nos quais a escrita se dá, bem como deixa claro que o consenso sobre a epidemia de Zika não foi algo pré-determinado e livre de desacordos.

### 3.2.2 Mercantilização da ciência e circulação cognitiva

Adentro agora na segunda discussão mais ampla deste capítulo voltada ao padrão geral de publicação que os artigos do MERG tiveram. Para desenvolver a discussão, reitero a percepção de que, de modo geral, os artigos deste grupo priorizaram a comunidade científica internacional como público alvo de seus achados. Observo que a declaração de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) decretada pela OMS no início de 2016, juntamente com o Termo de Cooperação entre o Ministério da Saúde brasileiro e a OPAS, são marcos formais que tiveram influência nesta prioridade. Como um interlocutor da equipe nos contou, “a pressão era cabível. A comunidade científica queria uma resposta sobre o que estava acontecendo, e a resposta vinha através da publicação”. Considerando estas questões, apresento abaixo um argumento de Francisca Junqueira, integrante do MERG, que nos contou sobre critérios que o grupo utilizou para escolha de revistas:

[Escolhemos a revista] que publique. Não adianta você mandar um artigo sobre uma questão pra uma revista que não **publica sobre** isso, então isso é um critério. O outro é a **capacidade de difusão** dessa informação. Qual é o **fator de impacto** da revista? Como a gente chama. Qual é a possibilidade de difusão da informação? (Francisca Junqueira, grifo meu)<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Esta entrevista foi conduzida no dia 7/6/2023, por Thais Valim e Caroline Franklin, no prédio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Pernambuco (PPGCS/HUOC). A transcrição foi feita por Sabrina Bastos.

Assim como Francisca Junqueira, outros interlocutores da equipe do MERG também se referiram a uma variação na escolha das revistas baseado no escopo do periódico. Ana Catarina Bastos, que já apresentei aqui, por exemplo, mencionou que o grupo fazia buscas para sondar o “perfil da revista” e compará-lo ao “perfil do objeto” que estava sendo estudado. Luciano Firmino também falou de três “perfis”: do artigo, do leitor e da revista; e mencionou que, em determinadas situações em que o MERG conseguia prever o periódico para se publicar um trabalho escrito, isto configurava uma situação vantajosa, pois a escrita já seria guiada de acordo com as normas sugeridas nele. Assim como vimos através dos relatos de Ana Catarina Bastos e Francisca Junqueira, o fator de impacto demonstrou igualmente sua relevância na fala de Luciano Firmino, que disse “nós vamos procurando e considerando, logicamente, o fator de impacto da revista, a visibilidade que ela terá”.

Quanto à variação do escopo do periódico científico, as publicações analisadas no capítulo anterior foram bem ilustrativas das ideias agora apresentadas de “perfil da revista” e “perfil do objeto”. O estudo de caso-controle foi direcionado a uma revista com foco em doenças infecciosas, incluindo tópicos como doenças infecciosas emergentes, Epidemiologia de doenças infecciosas e doenças tropicais negligenciadas. Como a pesquisa investigou justamente a associação entre o desenvolvimento de agentes infecciosos (vírus Zika) em determinados hospedeiros (mães e neonatos) e uma epidemia de microcefalia, a publicação se enquadrou no escopo de interesse da revista. Já o estudo sobre epilepsia precoce, fruto da coorte do MERG, também analisado no capítulo anterior, foi direcionado a uma revista com foco em resultados clínicos e de pesquisa relativos a todos os aspectos da epilepsia. Vale pontuar, neste momento, as “revistas de especialista” tratadas por outro interlocutor do MERG que enfatizou que, em determinados artigos, a importância é que eles sejam lidos por especialistas, o que interpreto aqui como uma referência feita às especialidades médicas (neurologia, gastroenterologia, urologia, etc). Assim, percebemos que o critério de submeter em “revistas que publiquem” está relacionado ao foco, ao escopo dos periódicos, ao perfil dos artigos, bem como ao perfil dos leitores.

Tendo feito estas reflexões baseada no primeiro critério de escolha apresentado por Francisca Junqueira, proponho agora uma discussão sobre o segundo critério, que está ligado ao fator de impacto das revistas e à capacidade delas de difusão da informação. Neste ponto, considero relevante dizer que, após realizar as entrevistas com o grupo do MERG e analisar seus

artigos, percebo que ocorreu um processo de naturalização da escolha por estes periódicos particulares. Isto me leva a mobilizar a partir daqui algumas reflexões sobre características do mercado editorial internacional, processos de mercantilização da ciência e relações de poder na publicação e circulação cognitiva. Com esse debate, o objetivo não é fazer generalizações sobre a publicação no MERG, mas sim promover um estranhamento fundamentado em bibliografia de algumas práticas que parecem ter se tornado muito familiares dentro do grupo. É interessante notar que, apesar desta naturalização, os próprios integrantes da equipe, no momento das entrevistas, teceram reflexões críticas sobre o assunto, o que é possível notar nestes trechos das entrevistas com Francisca Junqueira e com Luciano Firmino, respectivamente:

Hoje tem uma questão muito séria que são as **taxas de pagamento** das revistas internacionais. É um escândalo. Na área da produção de conhecimento científico tem coisas muito duras. Eu fico pensando quanto é difícil, por exemplo, pra determinados grupos de pesquisa em países [pobres]. E não somos o pior. Se a gente pensar, tem a África. Países muito pobres. Como é que um grupo de pesquisa vai pagar uma fábula em dólar pra publicar um artigo? E a mesma coisa é o acesso [...] O conhecimento científico era pra ser **patrimônio da humanidade**. Tem que haver um julgamento por pares pra saber se tem sentido publicar ou não, mas não pode ser dessa maneira, é uma ciência muito **excludente**. (Francisca Junqueira, grifo meu).

E ainda:

Tem um assunto sobre artigo que eu queria dizer que eu acho que é interessante. O assunto sobre o **custo de artigo**. É muito alto. E o que facilitou muito pra gente é o fato da gente ter essa parceria com a *London School* e com o *Welcome [Trust]*, principalmente, que eles financiam o pagamento, a taxa de submissão. Não só a taxa de submissão, mas o *open access*, que é caríssimo, tem artigo que a gente paga quase vinte mil reais. Quando fala em reais é quase vinte mil, dezesseis mil, quinze mil, dezoito mil. Eu lembro na coorte de AIDS que a gente não tinha esse dinheiro, **a gente dividia entre nós**, os autores. Mas, naquela época, o dólar estava mais barato. Com o valor do dólar atual, com a libra, com o euro, a gente não conseguiria mais dividir. A gente tem essa exceção boa que é conseguir **financiamento que veio da urgência**, veio pelo fato da gente ter esses financiadores que a gente tem conseguido **publicar bem e com uma certa rapidez**, porque a gente não tá tirando do bolso. Porque se fosse pra publicar só em revista aberta gratuita é muito mais difícil. Publicar tá bem difícil agora porque é caro demais. Isso um dia vai ter que mudar porque é muito difícil, muito **excludente**. Fora a **barreira da língua**. (Luciano Firmino, grifo meu).

No capítulo anterior, as contribuições de Mejía-Navarrete (2020) foram acionadas para pensarmos sobre a situação de exceção que a Antropologia pernambucana viveu em termos de acesso a financiamento para pesquisa no tempo da epidemia. Como vimos, este assunto está ligado à classificação dos saberes científicos em “duas culturas” (humanidades-ciências sociais/ciências-tecnologias) e à valorização de bens do conhecimento úteis e direcionados ao setor produtivo. No capítulo atual, lanço mão da noção do autor de “mercantilização do conhecimento” para refletir sobre taxas de pagamento de revistas internacionais, assunto que se

mostrou de grande relevância a partir das últimas falas dos interlocutores da área da Saúde, Francisca Junqueira e Luciano Firmino.

A ideia de conhecimento útil e produtivo está diretamente ligada ao processo de mercantilização do conhecimento. Segundo Mejía-Navarrete (2020), este processo constitui uma matriz sob a qual foram construídos os sistemas de indexação de publicações, onde estes sistemas são modelos de ordenamento e classificação dos periódicos científicos de acordo com padrões do que se entende, na comunidade científica internacional, enquanto qualidade, confiabilidade e rigor. O modelo *Web of Science*, a base de dados SciELO, Scopus, e o diretório *Ulrichs Web* são exemplos que o autor traz de sistemas de indexação associados a corporações editoriais milionárias sediadas na Europa e nos Estados Unidos – para as quais, vale destacar, o pensamento latinoamericano possui exíguo reconhecimento. Estes sistemas, por sua vez, guiam os critérios de publicação dos *journals*, os periódicos internacionais de alto fator de impacto. O modelo de avaliação e classificação dos indexadores está ligado ao estabelecimento de “um marco de universalização de obrigações e [...] formas de hierarquias dentro do sistema acadêmico mundial” (MEJÍA-NAVARRETE, 2020: p. 17, tradução minha). Na América Latina, as políticas de CT estão direcionadas a este modelo dos *journals*, o que reflete uma busca de parte dos investigadores do continente pela inclusão no circuito de produção e difusão científica internacional. No entanto,

os resultados são contraditórios e pouco alentadores para a “produtividade” e o impacto das políticas oficiais. Em 2016, as publicações latinoamericanas escassamente representaram 4,7% do total mundial (RICYT. El estado de la ciencia) e o mais grave é que a quantidade de citações são marginais. O índice refletia o diminuído interesse e desvalorização dos países centrais pelo saber produzido em nosso continente (RAU et al., 2017), 98,5% das citações nos EUA e Europa são praticamente todas de origem norte-americana (BEIGEL, 2013). Nessas condições, o índice *WoS* e o fator de impacto terminaram atuando num sistema de produção e circulação oligopólico e hierarquizado dos países centrais, onde a maior parte da produção em castelhano e português é deixada de lado e apenas uma fração minúscula é incluída segundo os interesses das revistas hegemônicas, reproduzindo um padrão de colonialidade do saber (MEJÍA-NAVARRETE, 2020: p. 18, tradução minha)

Com isso, o que busco destacar é que, por trás das políticas de valorização das revistas internacionais de alto fator de impacto, está em curso uma lógica de globalização neoliberal da produção e circulação cognitiva, o que gera e aprofunda níveis já alarmantes de desigualdades (MEJÍA-NAVARRETE, 2020). Como Luciano Firmino exemplificou em situação vivida numa pesquisa anterior sobre HIV/Aids, ele disse “a gente dividia entre a gente”, se referindo às altas

taxas de publicação que os integrantes da equipe tinham que se mobilizar para pagar. Esta situação revela um processo de individualização de responsabilidades característico da forma atual na qual está organizada a produção científica sob domínio dos grandes centros globais. Um dos grandes problemas relacionados a isso é que esta lógica sufoca formas críticas e criativas de respostas às necessidades específicas que surgem nos países latinoamericanos, além de desvalorizar os conhecimentos aqui elaborados e submetê-los a uma agenda alheia à própria base empírica que os originou. Se pensarmos estas questões ligadas ao contexto da produção de conhecimento a partir da epidemia de Zika em Recife, o modelo de publicação Introdução - Materiais e métodos - Resultados - Discussão (IMRD) – muito percebido nos artigos do MERG – está relacionado a um modelo dominante de comunicação de resultados de uma investigação. Como percebemos no capítulo 2, o caráter mecanicista, analítico e generalizante da racionalidade biomédica (CAMARGO JR., 2005) foi esmiuçado nos artigos do grupo, o que vai de encontro com uma visão positivista que fragmenta a realidade. Nesse sentido, considerando que os sistemas de indexação cadastram aquelas revistas que aplicam requisitos como o modelo IMRD e valorizam o gênero *paper* ao estabelecer pontuações mais altas para este tipo de escrita, é interessante notar que o MERG teve estes parâmetros como carro-chefe na comunicação de seus resultados. Se, por um lado, estas escolhas garantiram reconhecimento internacional de seus achados, por outro, interpreto que elas afastaram as possibilidades de elaborar escritos mais comprometidos em apresentar uma visão integral da epidemia. Sendo os *papers* aquelas peças escritas que abordam aspectos muito pontuais da realidade e que são muito precisamente disciplinados pelas rigorosas normas de submissão das revistas, eles não abrem espaço para textos com linguagens mais livres e caracterizam um modelo de produção marcado pelo consumismo: “um *paper* passa de moda rapidamente, é um aporte ao estado da questão em um momento específico, que será superado por outro muito rapidamente” (MEJÍA-NAVARRETE, 2020: p. 19, tradução minha).

### **3.2.3 Publicação em língua inglesa: uma tentativa (não inofensiva) de contornar a “ignorância sistemática” da academia anglo-saxã**

Dentre as normas estabelecidas pelos *journals*, considero que a escrita em língua inglesa é uma das que mais impactou para dificultar a comunicação dos resultados do MERG para a população brasileira, em especial as mães e cuidadoras de crianças com SCVZ de Recife. Os

diversos trabalhos da Antropologia, não só do FAGES, mostraram que a ciência também é um assunto de grande interesse (e, em alguns casos, também de grande estima) destas pessoas, no entanto, este não foi o público prioritário desta ciência, pois a escrita em outro idioma restringiu o acesso ao conteúdo presente nas publicações por parte do público local.

Quanto à barreira da língua mencionada por Luciano Firmino, proponho que façamos uma reflexão amparada em algumas ideias de Tania Pérez-Bustos (2017). Em artigo que trata sobre a desvalorização dos estudos produzidos por feministas latinoamericanas por parte do mundo acadêmico anglo-saxão, esta antropóloga colombiana apresenta a tese de que estes estudos são “inaudíveis” para as feministas do Norte global – e, apesar da discussão focar no campo dos estudos feministas, as contribuições que dela surgem servem para pensarmos um contexto mais amplo da situação de regiões não centrais para a produção do conhecimento. Amparada em depoimentos de outras acadêmicas localizadas em países da América Latina, a autora problematiza a questão da escrita em inglês, a língua franca da academia contemporânea. É interessante notar que tanto a autora como algumas de suas interlocutoras no artigo demonstram um interesse em escrever suas investigações também em inglês, com o objetivo de “falar com a complexidade de ambos os mundos, construir redes de colaboração, gerar pontes entre práticas e realidades de conhecimento” (PÉREZ-BUSTOS, 2017: p. 59). No entanto, para se referir às dificuldades enfrentadas neste processo, ela tece a noção de “ignorância sistemática”, uma manifestação colonial da geopolítica do conhecimento que caracteriza a postura do mundo acadêmico anglo-saxão frente ao que se produz a partir da América Latina. Nesse sentido, o que é produzido neste continente, quando pensado a partir do imaginário colonial, não é reconhecido enquanto “conhecimento” ou “teoria” digno de ser citado ou traduzido, mas somente enquanto “dado” a ser apropriado e utilizado pela academia dominante para que, dali, ela construa suas próprias propostas conceituais.

O problema da monetização da academia está intimamente ligado a este processo, pois para tornar-se relevante frente à comunidade acadêmica internacional, a investigação deve ser publicada (em inglês) pelas poucas editoras que monopolizam a produção e circulação do conhecimento científico:

Mesmo que as acadêmicas feministas de língua inglesa localizadas nos EUA e no Reino Unido façam um esforço intelectual para ler, ou inclusive para traduzir o que pensamos a partir daqui – isto considerando o que algumas revistas feministas proeminentes em tais contextos estão tentando fazer – nossas palavras só contarão (em seus sistemas de medição da ciência e da tecnologia) como relevantes se publicadas por suas casas



editoriais. Quando digo “contar”, quero dizer literalmente, no sentido de se traduzir em dinheiro, de que podem contar nos processos de promoção das estudiosas feministas (ou não) e, portanto, na construção de suas carreiras acadêmicas. A monetização da academia é um fenômeno global que afeta as universidades da América Latina de formas particulares (PÉREZ-BUSTOS, 2017: p. 64-65, tradução minha).

A produção de conhecimento científico no MERG se orientou de maneira evidente a fazer pontes com o universo acadêmico internacional. As parcerias de longa data com a *London School of Hygiene and Tropical Medicine*, que começaram em epidemias anteriores ao Zika, e os financiamentos internacionais recebidos vão de encontro com este interesse, bem como com um compromisso que se firmou e uma pressão que se estabeleceu para que os resultados saíssem na língua inglesa. Se, por um lado, estas escolhas construíram redes de colaboração, por outro, elas alimentaram a “ignorância sistemática” da academia anglo-saxã diante do conhecimento produzido a partir do Sul global. Isto se deve ao fato de que tais escolhas tiveram implícitas em si a submissão ao modelo de universalização de obrigações imposto pelos centros de produção do conhecimento. Vale destacar que as adequações exigidas por este modelo não são meras adaptações de idioma, mas envolvem numerosas concessões como o que e como citar, como apresentar os problemas, como organizar as palavras e até mesmo como fazer a disposição da autoria. Como Pérez-Bustos (2017) nos lembra, estas questões não se resumem a aspectos formais, mas estão ligadas a “mecanismos centrais de produção do pensamento diferencial” (ibidem: p. 68, tradução minha).

Como percebemos através das falas dos interlocutores da equipe do MERG, há uma ideia bem difundida de que escrever em inglês abre portas de visibilidade para o que é investigado, afinal, ideias como “revistas confiáveis”, “de alto fator de impacto” e “respeitadas cientificamente” foram comumente associadas à “capacidade de difusão”, ao alcance que os artigos poderiam ter. No entanto, quando consideramos o lugar que a América Latina ocupa no imaginário da academia anglófona, bem como as formas através das quais este imaginário configura nossas condições de possibilidade para publicar em inglês (PÉREZ-BUSTOS, 2017), a visibilização que as revistas supostamente promovem é uma ideia que mostra-se fragilmente embasada.

A partir das ideias apresentadas, é importante destacar que a escolha pelos *journals* prestigiosos, por mais que tenha se tornado uma prática habitual entre o MERG, não pode deixar de ser vista enquanto uma escolha atravessada por relações de poder específicas. A epidemia de

vírus Zika ocorrida em Recife é um problema complexo relacionado a aspectos que estão além daquilo que é capaz de ser escrito em breves artigos científicos e os sistemas de indexação, as normas dos periódicos e as editoras multinacionais que cobram adequações dos investigadores estão escassamente preocupados com os temas locais que mobilizam as periferias de produção do conhecimento. Tais elementos exigem dos investigadores localizados nos países latinoamericanos uma postura permanentemente engajada na produção e publicação de um conhecimento próprio e que não perca de vista as “ecologias locais que sustentam o que sabemos” (PÉREZ-BUSTOS, 2017: p. 69, tradução minha). Com isto, não estou propondo que não devemos estabelecer diálogos e redes de cooperação acadêmicas internacionais, mas sim que busquemos fazê-lo de modo a desenvolver e ampliar linguagens e vocabulários próprios que dêem conta dos contextos locais nos quais nos inserimos e que produzam resultados estratégicos e relevantes para estes contextos pesquisados. Em termos de práticas de escrita e publicação científica, esta postura de produção de conhecimento se orienta para a valorização de modos criativos de escrita, que, ao invés de tentar uniformizar as estruturas textuais e as formas de vida que as originam, considerem-nas de maneira diversa.

Para fechar este capítulo, faço um último apanhado geral para lembrar o que foi abordado na discussão do padrão geral de publicação no MERG. Os relatos de Luciano Firmino e Francisca Junqueira foram ponto de partida para pensarmos sobre o critério de escolha de revistas baseado nos “perfis” do artigo, do periódico, do leitor e do objeto de estudo. Desse modo, retomamos as publicações analisadas no Capítulo 2 para pensar concretamente neste critério. Posteriormente, nos dedicamos a refletir sobre um processo de naturalização da seleção de revistas internacionais de alto fator de impacto. Nesta tarefa, a “mercantilização do conhecimento” (MEJÍA-NAVARRETE, 2020) foi enfatizada enquanto uma matriz sob a qual se desenvolveram os sistemas de indexação de publicações, constituindo um marco de universalização de obrigações que, mais recentemente, tem caracterizado uma lógica de globalização neoliberal da produção cognitiva (ibidem: p. 18) O MERG, tendo direcionado sua produção de artigos especialmente ao modelo IMRD e à cultura do *paper*, afastou possibilidades de elaborar escritos que promovessem visões mais integrais sobre a epidemia.

Por fim, discutimos a “ignorância sistemática” (PÉREZ-BUSTOS, 2017) marcante do mundo acadêmico anglo-saxão frente ao que se produz na América Latina e as adequações que, para além de serem adequações de idioma, alteram mecanismos centrais que diversificam a

produção do conhecimento. Assim, percebemos que o interesse do MERG em tecer redes de colaboração intercultural, por um lado, teve o aspecto enriquecedor de promover a troca entre diferentes formas de escrita e publicação científica, porém, este é um processo que não esteve isento de se submeter ao modelo de universalização de obrigações imposto pelos centros de produção do conhecimento. Por fim, percebemos que a complexidade da epidemia de Zika vírus em Recife extrapola os limites daquilo que um artigo científico é capaz de comunicar. Aliado a estes fatores, a escassa valorização que os centros de produção de conhecimento atribuem às questões específicas que mobilizam investigadores latinoamericanos nos compromete a adotar posturas epistêmicas mais localmente orientadas. Nesse sentido, os modos criativos de escrita podem significar um caminho possível a fim de reconhecer a diversidade de formas de produção de conhecimento produzidas a partir da academia latinoamericana.

## Experimentações textuais: Quando um texto “vai para o mundo”

Quando realizando trabalho de campo na movimentada cidade de Recife, nossa equipe incluiu nos roteiros de entrevista uma pergunta específica que tratava dos rumos que os escritos tomaram após serem publicados. Esta é uma discussão interessante, pois trata sobre a circulação cognitiva, sobre locais aos quais os escritos podem chegar, a diversidade de atores que deles podem se apropriar e os múltiplos usos que deles podem ser feitos. A partir disso, selecionei pequenas frases que sintetizam bem as respostas de cinco interlocutores indagados sobre esta questão específica. Tomando elas como inspiração, proponho à leitora que me acompanhe, neste fechamento do presente trabalho de conclusão, em pequenas experimentações textuais. Esta ideia não surge de modo aleatório: é uma proposta baseada na ideia apresentada por Clifford, em *Writing Culture* (CLIFFORD e MARCUS, 2016), de perturbar o equilíbrio entre objetividade e subjetividade, escrever “factualmente”, ao mesmo tempo que “parcialmente” (ibidem). E, se quisermos estender a outros termos, é também uma forma de praticar a escrita a partir das noções de “simetria” e “reflexividade” (LATOURE e WOOLGAR, 1997) e de “formulações teórico-etnográficas” (PEIRANO, 2014) já que é um exercício que faz um esforço de: (1) amainar oposições drásticas como Nós/Eles, natureza/cultura, escrita antropológica/escrita nas ciências da saúde e (2) mobilizar – mesmo que de maneira inicial e experimental – caminhos criativos para produção de etnografias.

Início com reflexões, a partir de uma integrante do FAGES, sobre a “vida” que o texto adquire quando publicado. Depois, com dois integrantes do MERG apresento ideias sobre publicar enquanto uma “obrigação moral” e sobre o texto como um artefato mediador da relação entre ciência e gestão em saúde. E finalizo com mais duas integrantes do FAGES que irão nos conduzir para pensarmos, primeiro, a “retroalimentação da academia”, o “uso dos argumentos”, presentes nos artigos, pelas mãos de crianças com SCVZ, e, por fim, os desafios para a produção de um conhecimento que é sempre “um encaixe imperfeito”.

Como uma interlocutora do FAGES falou, “quando o texto é publicado, ele já não é mais nosso. Ele é do mundo, é um material vivo”. Logo após submetido e, finalmente, aceito – tendo sido feitas as devidas correções no bate-volta entre autora e editora –, sensações de alívio e de dever cumprido costumam pairar pela atmosfera de quem dedicou semanas (por vezes, meses) para alinhar ideias, construir sentido, estranhar familiaridades, desenhar contextos – estes procedimentos de alinhavos, construções, estranhamentos e desenhos também ocorreram ao

longo da escrita do presente trabalho. Ao mesmo, tempo, também é comum a inquietação para saber as reações mais imediatas de quem se propôs a ler, ou como o encadeamento de palavras reverberou a partir da visão (e, por que não, audição, olfato, tato e paladar?) de outras pessoas. Já a importância de “manter o texto vivo” aponta não para o contexto imediato após a divulgação, mas para o ato de colocar o texto em circulação. Assim, ele poderá gerar reverberações ao longo do tempo, sendo incorporado em programas de disciplinas acadêmicas, inspirando mais escritas em trabalhos de conclusão, dissertações e teses ou, até mesmo, contribuindo com debates em meios menos convencionais, como aqueles travados em mídias de áudio – de maneira mais modesta, espero que o trabalho que aqui escrevo circule por lugares ainda não trabalhados dentro de minhas próprias reflexões, de modo que eu possa repensar procedimentos, reinventar ideias, sobrepor estratégias, mesclar algumas outras e embaralhar parágrafos.

A questão do pós-publicação, quando respondida por uma interlocutora do MERG, já adquiriu contornos diferentes e que levam-me a pensar em responsabilidades. A pesquisadora nos disse: “eu trabalho com ciência. Para mim, quando eu faço uma pesquisa, é uma obrigação moral publicar um resultado”. E seguiu nos convocando a pensar sobre os esforços empreendidos na pesquisa não só por parte de quem a conduz, quem a financia e quem a organiza, mas também por parte de quem a integra enquanto sujeito de pesquisa. De fato, como pudemos perceber ao longo desta monografia, muitas energias foram investidas para a pesquisa sobre Zika em Recife. Amostras humanas – das mais diversas partes dos corpos de bebês afetados pela epidemia, de suas mães e familiares – foram coletadas, neutralizadas, colocadas ao microscópio; deslocamentos pela Região Metropolitana de Recife foram feitos por cuidadoras e suas crianças, serviços de saúde, ambulatórios e clínicas de reabilitação foram frequentados, muitos questionários foram preenchidos. Por outro lado, há também todo o esforço dos pesquisadores que, no caso desta epidemia, envolveu investigar uma nova entidade nosológica e construir o conhecimento sobre ela. Levantar literatura, escrever e submeter projeto, formar grupos, obter avais éticos, administrar recursos, prestar contas, elaborar técnicas e instrumentos, escrever artigos, dialogar com comitês editoriais de revistas são todos esforços empenhados por pesquisadores que, no contexto de uma emergência de saúde pública correndo solta, se tornam mais desafiadoras do que já são normalmente. Complementando a fala anterior, a interlocutora adicionou categoricamente: “é responsabilidade social. O trabalho do cientista é um trabalho social”.

Para a escrita desta monografia também foram empenhados esforços de deslocamento, construção de dados antropológicos, estudo de bibliografia, contato com interlocutores, escrita de diários de campo, condução e transcrição de entrevistas. Quando no momento de escrita em si, a organização e sistematização das informações foi outra tarefa que muito ajudou para sinalizar caminhos possíveis de construção narrativa. A pesquisa que originou este produto escrito é coletiva, o que faz com que os dados sejam numerosos e densos. Mesmo com o tempo dedicado, diversos assuntos importantes sobre publicação científica não foram abordados aqui. No entanto, julgo este um momento oportuno para lembrarmos que “verdades etnográficas são inerentemente parciais, engajadas e incompletas” (CLIFFORD e MARCUS, 2016: p. 38). Neste sentido, considero que as lacunas que ficaram e a consciência sobre elas são menos lamentáveis e mais instigadoras para que o trabalho tenha continuidade.

Já um segundo interlocutor do MERG que respondeu a essa questão falou de um momento em que a publicação na revista em si ainda não havia sido feita, mas o texto já havia começado a circular: “a gente sempre comunicava os resultados para a Secretaria de Saúde, a gente tinha um trânsito muito aberto com eles”. Nesse sentido, abrem-se novos caminhos para se pensar os desdobramentos de uma publicação científica, como aqueles relacionados à gestão em saúde e à formulação de políticas públicas. A circulação privilegiada que os escritos do MERG tiveram na Secretaria de Saúde foi materializada através de reuniões em que a discussão de resultados por parte dos pesquisadores contou com a presença dos gestores representantes deste órgão. Antes mesmo dos achados serem computados nos tecnológicos sistemas de vigilância epidemiológica do Estado, eles foram discutidos por estes diferentes atores sociais conjuntamente, no calor do momento – “calor”, não só devido ao intenso alerta emergencial, mas também no sentido de que estes escritos haviam sido recém finalizados. Esta dinâmica não passa despercebida: ela está ligada a peculiaridades desta epidemia que reuniu pesquisa científica, políticas públicas e assistência em saúde numa amálgama que interligou intimamente estas três instâncias de “resposta” à emergência (COUTINHO, 2023). Vale destacar a relevância que este contexto coloca para discussões futuras sobre as boas práticas científicas, já que muitos dos conhecimentos estampados nas revistas de alto fator de impacto se transformaram em práticas de intervenção e cuidado aplicadas diretamente nos corpos das crianças com SCVZ, seja a partir da gestão, responsável por organizar os serviços, seja a partir das famílias, responsáveis pelo cuidado cotidiano.

Quando perguntada sobre o pós-publicação, uma outra integrante do FAGES respondeu: “tem um rumo intelectual. Quando você escreve um artigo, você retroalimenta aquele mundo da academia”. Podemos pensar em muitas formas concretas que ilustram as consequências de retroalimentar o universo acadêmico através de publicações. Por um lado, o ato de publicar e o alcance que ele gera pode funcionar como uma espécie de passaporte que permite à autora circular por eventos acadêmicos, participar de mesas-redondas e grupos temáticos, ou então receber convites para falar sobre um determinado tema de interesse compartilhado. Além disso, este passaporte alimenta currículos e sobe pontuações da pesquisadora para participação em seleções e concursos. Se o texto circula, ele também faz o corpo da pesquisadora circular – a escrita deste trabalho também me possibilitou a participação nos processos seletivos de mestrado em Antropologia da UnB e da UFPB e, como pudemos ver, me inseriu em espaços de eventos acadêmicos. Por outro lado, como esta mesma integrante da equipe de antropólogos complementou, “o que mais me deixou feliz, é que eu acho que eu pude, de alguma forma, ajudar essas mulheres [mães de micro]”, e ainda “elas vão a reuniões em Brasília e, quando vão argumentar, elas pegam o artigo e usam os argumentos”. Então, aqui, retomando uma expressão chave que apresentei no início deste trabalho de conclusão, os textos não circulam somente para saciar a “fome de pesquisador” nos circuitos acadêmicos. Outras fomes são saciadas quando os textos circulam e são apropriados por atores diversos. Fome por direitos, fome por justiça. Considerando que a própria vivência das mães, em primeiro lugar, foi o material que possibilitou que esses escritos antropológicos fossem elaborados, devemos nos atentar para uma coprodução (JASANOFF, 2004 *apud* ROHDEN e MONTEIRO, 2019) da ciência do vírus Zika que acontece também no momento em que elas citam os artigos em suas lutas cotidianas e atribuem novos sentidos a eles a partir de seus próprios enquadramentos simbólicos.

Por fim, uma última integrante do FAGES, também mencionou os artigos enquanto resultados para a comunidade acadêmica, mas demonstrou uma percepção crítica quanto ao assunto. Relatando sobre desafios e tensões do fazer antropológico, ela nos contou: “a gente aprofunda tanto o debate epistemológico sobre a construção de um conhecimento que é fundado na alteridade. Mas [o artigo] é sempre um recorte a partir do que eu vejo”. A preocupação resultante deste viés crítico atravessou o FAGES como um todo, pois o grupo se mobilizou conjuntamente para encontrar saídas para este problema. Um objetivo central da equipe era diversificar as vozes que falam com autoridade sobre a epidemia de vírus Zika, o que

percebemos ao analisar o foco do grupo e seus escritos, que se empenharam em trazer relatos, visibilizar o cotidiano das associações de mães e cuidadoras de crianças com SCVZ. Nesta discussão, um importante elemento que está em jogo é a diferença entre transpor uma voz – transcrevê-la para o artigo – e abrir espaço para que esta voz fale por si. Considero que alguns eventos que o FAGES organizou para receber as cuidadoras e discutir conjuntamente sobre os efeitos da epidemia foram estratégias centrais no sentido de nutrir estes espaços de interlocução. De maneira semelhante, quando eu e minhas colegas, no primeira trabalho de campo que realizei em Recife, fomos devolver o livro que conta histórias que pelas mães foram narradas, nós também fizemos um movimento de interlocução com elas. Por fim, pontuo que, talvez, uma forma de buscar caminhos para que os escritos também nutram diálogos mais simétricos seja a experimentação textual séria e comprometida.



## ANEXO 1

**Tabela de Lattes - Parte I**

<b>Nome</b>	<b>E-mail</b>	<b>Formação</b>	<b>Orientadores</b>	<b>Especialidades</b>	<b>Instituições</b>	<b>Financiamentos</b>
-------------	---------------	-----------------	---------------------	-----------------------	---------------------	-----------------------

**Tabela de Lattes - Parte II**

<b>Projetos de pesquisa</b>	<b>Projetos de extensão</b>	<b>Artigos</b>	<b>Capítulos de livro</b>	<b>Prêmios, menções honrosas</b>	<b>Orientações relacionadas à SCVZ</b>	<b>Outros</b>
-----------------------------	-----------------------------	----------------	---------------------------	----------------------------------	--	---------------

Fonte: Arquivo coletivo da equipe *Ciências do Zika*.

## ANEXO 2

**Tabela sinóptica**

<b>Interlocutores</b>	<b>Categorias</b>	<b>Histórias</b>
-----------------------	-------------------	------------------

Fonte: Elaboração autoral.

### ANEXO 3

**Tabela de perguntas e respostas sobre publicação**

<b>Perguntas / Interlocutores</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.</b> Como ocorreu o compartilhamento de dados para publicação na equipe?										
<b>2.</b> Como ocorreu a divisão de tarefas para que esses trabalhos fossem escritos, revisados e traduzidos?										
<b>3.</b> Como foi o processo de escrita? Como o material empírico do trabalho de campo dá origem a um artigo?										
<b>4.</b> Como ocorreram os acordos de autoria?										
<b>5.</b> Como ocorreu a escolha das revistas?										
<b>6.</b> Houve e como foi a pressão do tempo para publicar?										
<b>7.</b> Como foi o pós-publicação?										

Fonte: Elaboração autoral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria de Fatima Pessoa Militão de et al. Epidemia de microcefalia e vírus Zika: a construção do conhecimento em epidemiologia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, p. e00069018, 2018.

ALBUQUERQUE, Maria de Fatima P. et al. Pyriproxyfen and the microcephaly epidemic in Brazil-an ecological approach to explore the hypothesis of their association. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 111, p. 774-776, 2016.

ARAÚJO, Thalia Velho Barreto de et al. Association between Zika virus infection and microcephaly in Brazil, January to May, 2016: preliminary report of a case-control study. *The lancet infectious diseases*, v. 16, n. 12, p. 1356-1363, 2016.

ARAÚJO, Thalia Velho Barreto de et al. Association between microcephaly, Zika virus infection, and other risk factors in Brazil: final report of a case-control study. *The Lancet infectious diseases*, v. 18, n. 3, p. 328-336, 2018.

BARBOSA. Maria Angélica et al. Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico. *Acta Paul Enferm*;21(1):46-52, 2008.

BLOOR, David. *Sociologie de la logique ou les limites de l'épistémologie*. Paris: Pandore, 1982.

\_\_\_\_\_. Polyhedra and the abominations of Levictus. *British Journal for the History of Sciences*, n. 11, p. 245-272, 1978.

BRAGA, Cynthia; ALBUQUERQUE, Maria de Fátima P. Militão; MORAIS, Heloísa Mendonça de. A produção do conhecimento científico e as políticas de saúde pública: reflexões a partir da ocorrência da filariose na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, p. 351-361, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CAMARGO, Ana Claudia; LUSTOSA, Raquel. “Eu tô pra tomar os remédios dela pra ficar mais calma”: interfaces acerca de maternidade, cansaço e medicamentos entre as mães de crianças nascidas com a SCZV em Recife/PE. *Áltera: Revista de Antropologia*, v.3, n.11, p. 79-97, jul./dez. 2020.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A biomedicina. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, p. 177-201, 2005.

CAMARGO, Luís Marcelo Aranha; SILVA, Romeu Paulo Martins; MENEGUETTI, Dionatas Ulises de Oliveira. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de coorte ou coorte prospectivo e retrospectivo. *Journal of Human Growth and Development*, v. 29, n. 3, p. 433, 2019.

CARVALHO, Maria Durce CG et al. Early epilepsy in children with Zika-related microcephaly in a cohort in Recife, Brazil: Characteristics, electroencephalographic findings, and treatment response. *Epilepsia*, v. 61, n. 3, p. 509-518, 2020.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Orgs.). *Writing culture: The poetics and politics of ethnography*. Univ. of California Press, 2023.

COLLINS, Harry. *Les sept sexes: étude sociologique de la détection des ondes gravitationnelles*. Em: *La science tel qu'elle se fait. Anthologie de la sociologie des sciences de langue anglaise*. Orgs.: CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. Paris: Pandore. p. 145-178. 1982.

COMIDA. *Intérprete: Titãs*. Compositores: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto. Em: *Jesus não tem Dentes no País dos Banguelas*. *Intérprete: Titãs*. Local: WEA, 23/10/1987, 1 CD, faixa 2.

COUTINHO, Laura Teixeira de Queiroz. A CIÊNCIA DO (IN)VISÍVEL: Analisando a atuação estadual referente à epidemia de Zika Vírus em Recife, PE. Monografia [Bacharelado em Antropologia]. Orientadora: Soraya Fleischer. Brasília: UnB, 2023.

DINIZ, Debora. Zika: Do sertão nordestino à ameaça global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FALKENBACH, A.P.; DREXSLER, G. & WERLER, V. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 13(2), 2065-2073, 2008.

FERRAZ, Dulce. 180° - Minhas reviravoltas com o câncer de mama. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2022.

FLEISCHER, Soraya. “Alfineteira humana”? As crianças na ciência do vírus Zika produzida em Recife/PE. Sociedade e Cultura, v. 26, 2023.

\_\_\_\_\_. Fé na ciência? Como as famílias de micro viram a ciência do vírus Zika acontecer em suas crianças no Recife/PE. Anuário Antropológico, v. 47, n. 1, p. 170-188, 2022.

\_\_\_\_\_. Dando o sangue: Ciência em tempos de Zika. CSOnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, n. 34, p. 63-87, 2021.

FLEISCHER, Soraya et al.: Microhistórias para pensar macropolíticas. 1. ed. São Paulo: Editora Áporo, 2021.

FLEISCHER, Soraya; REIS-CASTRO, Luísa; SEGATA, Jean. Dossiê: A Antropologia e as Outras Ciências da Epidemia do Vírus Zika. V. 22 n. 2. Florianópolis: Ilha, Revista de Antropologia, 2020.

FONSECA, Claudia. O anônimo e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. Teoria e cultura, v. 2, n. 1 e 2, 2007.

HIRATA, H. S. O desenvolvimento das políticas de cuidados em uma perspectiva comparada: França, Brasil e Japão. Revista de Políticas Públicas – UFMA. São Luis, 2012. Pp. 283-290.

JASANOFF, S. States of knowledge: the co-production of science and the social order. Nova York: Routledge, 2004.

KNORR-CETINA, Karin. La fabricación del conocimiento. Un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

LATOUR, Bruno. A ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. Jamais fomos modernos. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIRA, Luciana Campelo; PRADO, Helena. Nossos filhos não são cobaias: objetificação dos sujeitos de pesquisa e saturação do campo durante a epidemia de Zika. ILHA - REVISTA DE ANTROPOLOGIA, v. 22, p. 96-131, 2020.

LIRA, Luciana Campelo de; SCOTT, Russell Parry; MEIRA, Fernanda. Trocas, Gênero, Assimetrias e Alinhamentos: experiência etnográfica com mães e crianças com síndrome congênita do Zika. Revista Antropológicas, 28(2): 206-237, 2017.

MANICA, Daniela et al. CeSaM, as Células do Sangue Menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular. Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v. 20, p. 93-113, 2018.

MEJÍA-NAVARRETE, Julio. Fundamentos epistemológicos de las políticas de ciencia y tecnología en América Latina. PLURIVERSIDAD, n. 6, p. 33-51, 2020.

MATOS, Silvana Sobreira; SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da. “Nada sobre nós sem nós”: associativismo, deficiência e pesquisa científica na Síndrome Congênita do Zika vírus. Ilha Revista de Antropologia, v. 22, n. 2, p. 132-168, 2020.

MATOS, Silvana Sobreira de; LIRA, Luciana Campelo de; MEIRA, Fernanda. Deficiência, Ativismo, Gênero e Cuidado na Síndrome Congênita do Zika Vírus Entrevista com Germana Soares. Deficiências, Gênero e Cuidados, p. 142, 2018.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: BIANCO, Bela Feldmann (org.). Desafios da Antropologia brasileira. Editora ABA, p. 47-74, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Espaço Aberto, Horizontes antropológicos, 20 (42), p. 377-391, 2014.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. “No es sólo una cuestión de lenguaje”: lo inaudible de los estudios feministas latino-americanos en el mundo académico anglosajón. Scientiae Studia, v. 15, n. 1, p. 59-72, 2017.

PETRUCELI, Mariana Esteves. As múltiplas responsabilidades de uma equipe de cientistas do Zika: Um estudo antropológico sobre a pesquisa em saúde em Recife/PE. Monografia [Bacharelado em Antropologia]. Orientadora: Soraya Fleischer. Brasília: UnB, 2023.

PINCH, Trevor. L’anomalie des neutrinos solaires: comment réagissent les théoriciens et les expérimentateurs?. Em: La science tel qu’elle se fait. Anthologie de la sociologie des sciences de langue anglaise. Orgs.: CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. Paris: Pandore. p. 179-216. 1982.

PORTO, Dora; GARRAFA, Volnei. A influência da Reforma Sanitária na construção das bioéticas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. suppl 1, p. 719-729, 2011.

QUADROS, Marion e SCOTT, Parry. “O FAGES: um percurso de formação em família, gênero e sexualidade”. Em: *Gênero, Educação e Comunicação*. Orgs.: NANES, Giselle; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade; QUADROS, Marion Teodósio de. Recife, PE: Editora UFPE, p. 139-163. 2016.

ROHDEN, Fabiola; MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Para além da ciência e do antropos: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil. *Bib: revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais*. São Paulo, SP. N. 89 (ago. 2019), p. 1-33, 2019.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Editeur inconnu, 2013.

SCOTT, Russell Parry et al. Itinerários terapêuticos, cuidados e atendimento na construção de ideias sobre maternidade e infância no contexto da Zika. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, p. 673-684, 2018.

SCOTT, Russell Parry et al. A epidemia de Zika e as articulações das mães num campo tensionado entre feminismo, deficiência e cuidados. *Cadernos de gênero e diversidade*, v. 3, n. 2, 2017.

SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da; MATOS, Silvana Sobreira de; QUADROS, Marion Teodósio de. Economia Política do Zika: Realçando relações entre Estado e cidadão. *Revista Antropológicas*, 28(1):223-246, 2017.

SILVA, Erineusa Maria da. Cuidadoras de pessoas com deficiências: Uma análise à luz da categoria gênero. III Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos (Anais Eletrônicos), Vitória, 2014.



TEIXEIRA, Márcia de Oliveira. A ciência em ação: seguindo Bruno Latour. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 265-277, 2001.

VALLE, Isadora Sipp. “Fome de Pesquisador”. Ciências do Zika, Episódio 5, Mundaréu podcast, 26/6/2023. Link de acesso: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-fome-de-pesquisador/>>.

VASCONCELOS, Romulo et al. Cryptorchidism in children with Zika-related microcephaly. The American journal of tropical medicine and hygiene, v. 102, n. 5, p. 982, 2020.

XIMENES, Ricardo Arraes de Alencar. et al. Risk of adverse outcomes in offspring with RT-PCR confirmed prenatal Zika virus exposure: An individual participant data meta-analysis of 13 cohorts in the Zika Brazilian Cohorts Consortium. The Lancet Regional Health–Americas, v. 17, 2023.

WINNER, Langdon. Artefatos têm política?. Analytica-Revista de Filosofia, v. 21, n. 2, p. 195-218, 2017.

WOOLGAR, Steve; LATOUR, Bruno. A vida de laboratório. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.

ZANELLA, Eduardo Doering. Dado coletado, sujeito fabricado: “drogas” e “objetividade” em um empreendimento de pesquisa médico-científico. Pós-Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, v. 13, n. 2, 2014.